

VIVIANE TEIXEIRA ALVES SOUZA

**A ESCOLHA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS POR
FAMÍLIAS NA CIDADE DE CARANGOLA (MG)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

VIVIANE TEIXEIRA ALVES SOUZA

**A ESCOLHA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS POR
FAMÍLIAS NA CIDADE DE CARANGOLA (MG)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 30 de novembro de 2018.

Diogo Tourino de Sousa

Écio Antônio Portes

Wânia Maria Lacerda Guimarães
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu criador, pela vida.

Aos meus pais pela vida e, em especial, à minha avó Dona Dora, por me incentivar a estudar e ser comprometida.

Ao meu esposo Wander pelo apoio, compreensão e paciência, bem como à sua família, que me apoiou nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

À minha orientadora Wânia Maria Guimarães Lacerda, por acreditar na pesquisa, pelo apoio indispensável e enriquecedor.

À professora Mitsi Pinheiro de Lacerda pela sua generosidade em contribuir com esse trabalho.

A todos os meus professores das escolas públicas em que estudei que, “no meio do caminho” de uma menina de camada popular, enxergaram potencialidades, motivando-me com elogios diante de algum êxito obtido, impulsionando-me a seguir.

À antiga vizinha moradora do bairro Aeroporto, na época da minha infância, professora Ana Maria de Azevedo, que me presenteou quando criança com o livro de literatura. Este foi o primeiro de pouquíssimos livros que recebi na minha vida, o qual li e reli infinitas vezes, me deliciando com a história. Essas lembranças me fizeram pensar na oportunidade criada pela vizinhança a uma criança de camada popular, como, por exemplo, nesse caso, o gosto pela leitura.

Aos professores e funcionários da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal de Viçosa (MG).

Aos amigos da turma de 2016 do PPGE-UFV pela convivência tão agradável e pela generosidade sempre presente.

Agradeço em especial aos amigos Filipe, Débora e Cida, meus companheiros de estrada e à amiga Isabela e sua irmã Débora, pelo acolhimento e amizade em Viçosa.

À Evânia Maria e seus filhos que me acolheram em sua casa com todo o carinho.

Aos membros da banca que aceitaram o convite para participarem deste momento final; aos membros das bancas do projeto e da qualificação da dissertação, meu agradecimento pelo tempo dispensado à leitura do trabalho e pelas contribuições dadas a esta pesquisa.

Aos amigos de estrada, Adriano e Jonce, pela parceria em 2015.

Agradeço aos meus amigos professores e aos alunos que aguardaram com carinho e compreensão meu retorno às atividades laborativas.

Aos funcionários das escolas, professoras, professores e às famílias da cidade de Carangola (MG) e outras pessoas que colaboraram direta e indiretamente com essa pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do município de Carangola (MG).	33
Figura 2: Bairros e localização das escolas públicas de Ensino Fundamental (anos iniciais) na cidade de Carangola (MG).....	40
Figura 3: Placa afixada na EE Professor Augusto Amarante	44
Figura 4: Demanda por vagas nas escolas públicas que ofertam o Ensino Fundamental – Carangola (MG), 2016.	56
Figura 5: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Melo Viana	60
Figura 6: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Benedito Valadares.	61
Figura 7: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Professor Augusto Amarante	67
Figura 8: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação infantil e a EE do Bairro Santo Onofre	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Oferta da Educação Básica Pública na cidade de Carangola (MG)	37
Quadro 2: Nível socioeconômico do alunado das escolas públicas de Carangola (MG)	45
Quadro 3: Bairros de origem dos alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE do Bairro Santo Onofre	70
Quadro 4: Bairros de origem dos alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Professor Augusto Amarante em 2017	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: IDEB de escolas públicas da cidade de Carangola (MG)	42
Tabela 2: Evolução das matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental	49
Tabela 3: Demandas por vagas e efetivação das matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Carangola (MG)	54
Tabela 4: Enturmação dos alunos de 1º ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana – 2017	65
Tabela 5: Enturmação dos alunos de 1º ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares – 2017	66
Tabela 6: Bairros de origem e agrupamento por turmas e turnos dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana – 2017.....	69
Tabela 7: Bairros de origem e agrupamento por turmas e turnos dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares – 2017.....	69

LISTA DE SIGLAS

Aneb	Avaliação Nacional da Educação Básica
Anresc	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
CAT/SESI	Centro de Apoio ao Trabalhador do Serviço Social da Indústria – SESI
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
EE	Escola Estadual
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EM	Escola Municipal
FAVALE	Faculdades Vale do Carangola
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Inse	Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas
MEC	Ministério da Educação
NSE	Nível Socioeconômico das Escolas
ONU	Organização das Nações Unidas
PEM	Pré-escolar Municipal
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEE/MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
SEMASA	Serviço Municipal de Saneamento Básico e Infraestrutura de Carangola
SEMED/Carangola	Secretaria Municipal de Educação de Carangola
SIMADE	Sistema Mineiro de Administração Escolar
SRE	Superintendência Regional de Ensino
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMG/Carangola (MG)	Unidade da UEMG em Carangola (MG)
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFV	Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

SOUZA, Viviane Teixeira Alves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, novembro de 2018. **A escolha dos estabelecimentos de ensino públicos por famílias na cidade de Carangola (MG).** Orientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

O tema dessa pesquisa delimitado é a escolha dos estabelecimentos de ensino públicos que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental, pelas famílias na cidade de Carangola (MG) no ano de 2017. O pressuposto inicial era de que a primeira escolha do estabelecimento público de ensino, o da Educação Infantil, afetaria as escolhas subsequentes. Partindo do conhecimento da dessemelhança entre as escolas públicas da cidade de Carangola (MG) que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, em que se constatou diferença na demanda de vagas, no nível socioeconômico e nos índices alcançados nas avaliações externas indagou-se: (i) as escolhas escolares iniciais das famílias, das escolas de Educação Infantil, afetam as escolhas subsequentes? (ii) como as escolhas escolares das famílias são feitas? (iii) por que as famílias escolhem determinados estabelecimentos de ensino? (iv) quais os critérios que as famílias utilizam para fazer suas escolhas em uma cidade pequena? O objetivo foi conhecer, descrever e analisar as condutas de escolha dos estabelecimentos de ensino públicos pelas famílias, cujas crianças ingressaram no primeiro ano de Ensino Fundamental. Foram coletados os dados de seis escolas públicas urbanas, referentes ao bairro de residência dos estudantes e da instituição de Educação Infantil de onde provieram os alunos; após uma primeira análise dos dados, optou-se por investigar o processo de escolha de quatro estabelecimentos de ensino: EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre. A sistematização e análise dos dados secundários tiveram como objetivo o conhecimento dos fluxos escolares de escolas de Educação Infantil para as escolas públicas de Ensino Fundamental. Após a análise dos fluxos escolares direcionados às quatro escolas, optou-se por fazer a entrevista com quatro famílias com perfil de escolha do estabelecimento de ensino público que oferta o Ensino Fundamental (anos iniciais) reputado, localizado ao Centro, distante da residência e que os filhos tenham frequentado CMEI reputado, também distante do local de moradia. Utilizou-se da metodologia da análise de conteúdo de Moraes (1999) para se fazer a análise qualitativa dos dados da pesquisa. A análise dos dados mostrou, dentre outros resultados, que as famílias não se orientaram pelo conhecimento dos resultados das avaliações externas publicados nos índices do IDEB das escolas, mas suas escolhas (3) se deram pela atração da reputação exercida pelas duas escolas localizadas no Centro da cidade, bem como da Direção escolar (2) e por redes de relações sociais eficientes fora do local de moradia; três famílias fizeram suas

escolhas a partir de um repertório de escolha previamente pensado, demonstrando que essas famílias (3) fazem pesquisa sobre as escolas, consultando seus vizinhos e outros pais que possuem filhos matriculados na escola de interesse; a inserção dos alunos em CMEI's, não foi um ato planejado em busca de uma escola reputada, mas ter o filho matriculado nesses, proporciona, pela rede de relações sociais constituídas entre os professores, diretores e outros funcionários dessas escolas, maiores chances de ascender a estabelecimentos de ensino comuns e reputados na cidade de Carangola (MG).

ABSTRACT

SOUZA, Viviane Teixeira Alves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, November, 2018.
The choice of public educational institutions by families in the city of Carangola (MG).
Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

The delimited theme of this research is the choice of public educational institutions that offer the initial years of Elementary School by families in the city of Carangola (MG) in the year of 2017. The initial assumption was that the first choice of the public educational establishment, early childhood education, would affect subsequent choices. Starting from the dissimilarity among public schools in the city of Carangola (MG) that offer the first segment of Elementary School, in which there was a difference in the demand for vacancies, socioeconomic level and indices reached in external evaluations, it was asked: (i) do the early school choices of families affect subsequent choices? (ii) how are families' school choices made? (iii) why do families choose certain educational establishments? (iv) what criteria do families use to make their choices in a small town? The objective was to know, describe and analyze the choice behavior of the family in relation to public educational establishments where the children entered in the first year of elementary school. Data referring to the neighborhood of students residence and the institution of early childhood education from which the students came were collected. After a first data analysis, it was decided to investigate the process of choosing four educational establishments: EE MeloViana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante and EE in the neighborhood of Santo Onofre. The systematization and analysis of the secondary data aimed to know the students flows from early childhood education to Elementary public schools. After analyzing the students flows at the four schools, it was decided to interview four families which chose a reputed public school that offered Elementary School (initial years) located downtown far from their residence, and also whose children have attended a reputed CMEI, far from their residence, as well. The content analysis methodology of Moraes (1999) was used to carry out the qualitative analysis of the research data. Data analysis showed, among other results, that the families were not guided by the knowledge of the external evaluations results published at IDEB indexes of the schools, but their choices (3) were due to the reputation of the two schools located in the city center, as well as the School Direction (2) and networks of efficient social relations outside the place where they live; three families made their choices from a previously chosen repertoire, demonstrating that these families (3) do research on schools consulting their neighbors and other parents who have children enrolled in the school of interest; the inclusion of students in

CMEIs was not a planned act in search of a reputed school, but having the child enrolled in them provides a greater chance of being promoted to common and reputed schools in the city of Carangola (MG) through the network of social relations constituted among teachers, principals and other employees of these schools.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. A ESCOLHA DA ESCOLA.....	7
1.1 A relação família escola e o processo de escolarização dos filhos no campo da Sociologia da Educação	7
1.2 A escolha do estabelecimento de ensino	8
1.2.1 Estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino na Inglaterra e na França, de acordo com Nogueira (1998)	9
1.2.2 O estudo da escolha do estabelecimento de ensino no contexto norte americano	13
1.2.3 Estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino público no contexto brasileiro	14
1.2.3.1 Dessemelhanças entre estabelecimentos de ensino públicos e a escolha da escola	15
1.2.3.2 Critérios de escolha do estabelecimento público	17
1.2.3.3 Diferenças sociais, culturais e educativas das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino.....	18
1.2.3.4 Estratégias na escolha da escola pública	18
1.3 A escolha da escola e o desempenho escolar	20
1.4 O capital informacional das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino	21
1.5 O capital social das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino	26
1.5.1 A escolha do estabelecimento de ensino e o território	28
2. O CONTEXTO SOCIOESPACIAL E EDUCACIONAL DE CARANGOLA (MG)	32
2.1 O contexto socioespacial de Carangola (MG): uma cidade pequena.....	32
2.2 O contexto educacional da cidade de Carangola (MG)	37
2.2.1 A Educação Infantil pública em Carangola.....	38
2.2.2 A oferta pública das séries iniciais do Ensino Fundamental em Carangola	39
2.2.2.1 As hierarquias entre os estabelecimentos de ensino que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental em Carangola	41
2.2.2.2 As escolas públicas <i>locus</i> da pesquisa	47
3. FLUXOS ESCOLARES ENTRE ESTABELECEMENTOS PÚBLICOS EM CARANGOLA (MG) NO ANO DE 2017	54
3.1 Os fluxos escolares para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental	54

3.1.1	O fluxo escolar para a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares.....	59
3.1.1.1	A enturmação dos alunos na EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares	65
3.1.2	O fluxo escolar para a EE Professor Augusto Amarante e a EE do Bairro Santo Onofre.....	66
3.2	Os bairros de origem dos alunos matriculados no Ensino Fundamental nas quatro escolas públicas de Carangola, <i>locus</i> da pesquisa.....	68
4.	A ESCOLHA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS EM CARANGOLA (MG).....	72
4.1	A escolha da EE Melo Viana pela família de Antônio	72
4.2	A escolha da EE Melo Viana pela família da Carolina.....	77
4.3	A escolha da EE Benedito Valadares pela família de Bruno	85
4.4	A escolha da EE Benedito Valadares pela família de Daniela	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Devido ser moradora da cidade de Carangola (MG), *locus* da pesquisa, uma cidade pequena com uma população de aproximadamente 32.988 habitantes¹ e por exercer nessa cidade o ofício de professora na rede de ensino municipal desde o ano de 2002 e de Especialista em Educação Básica (EEB) na rede estadual desde 2013, as escolas públicas, os bairros e suas condições, bem como seus moradores me são familiares.

Esse pertencimento à cidade e a inserção nas redes sociais locais relacionadas ao ambiente profissional possibilitam uma visão holística do funcionamento das escolas, suas dinâmicas de matrícula, sua localização, o perfil das famílias atendidas, os professores e a direção escolar que nelas trabalham, e até mesmo fatos corriqueiros envolvendo alunos, como brigas, expulsões e transferências.

O interesse em pesquisar a escolha dos estabelecimentos de ensino públicos pelas famílias na cidade de Carangola surgiu quando tomei conhecimento da problemática relacionada à baixa demanda por vagas na EE Professor Augusto Amarante, na cidade de Carangola (MG), instituição em que exerço a profissão de Especialista em Educação Básica (EEB) desde o ano de 2013.

Essa escola está localizada no bairro Triângulo, na subida do morro que faz divisa com o bairro Panorama. Ela atende a alunos que moram nas partes mais altas do Triângulo e de seu vizinho, localizadas em uma região muito íngreme, com poucas casas, em que o acesso, até mesmo a pé, é difícil.

O bairro Triângulo é um dos bairros mais populosos da cidade e faz divisa com o centro da cidade, coexistindo partes baixas mais valorizadas comercialmente e com uma melhor infraestrutura, com partes mais altas e moradias inferiores, bem como uma população mais empobrecida.

A EE Professor Augusto Amarante está localizada próximo às duas escolas estaduais que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental, que são consideradas pela maioria da população como as mais reputadas, a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares, situadas no centro da cidade. Nas proximidades desse mesmo território temos mais uma escola municipal que oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental, a EM Antônio Marques, localizada no bairro Chevrand. Essa última em conjunto com as duas escolas centrais e reputadas, em particular, a EE Melo Viana exerce poder de atração sobre a maioria das famílias que residem no Centro e nos bairros próximos, bem como sobre algumas famílias de bairros distantes.

¹ População estimada para o ano de 2018, conforme Censo do IBGE de 2010.

Ao observar a dinâmica da escolha dos estabelecimentos de ensino públicos das famílias do bairro Triângulo que evitam matricular os filhos na escola do bairro, a EE Professor Augusto Amarante, e vendo tantos alunos que passam uniformizados acompanhados de seus pais na porta dessa escola para se dirigirem às escolas do centro da cidade, surgiu o interesse de estudar o tema pertinente à escolha do estabelecimento de ensino.

Minha experiência no magistério se divide em duas fases: a municipal, contando 14 anos de magistério em escolas de bairros periféricos, bem como a estadual, mais recente, atuando como Especialista em Educação Básica (EEB) também em escola que atende famílias das camadas populares. Dentro desse contexto, é importante frisar que minha trajetória na Educação Básica se baseia em escolas públicas estaduais. O tema família e escola e a escolha do estabelecimento de ensino público veio ao encontro da minha necessidade de entender todo o processo de homogeneização de públicos que eu via se formando na rede de ensino público da cidade de Carangola, em que as escolas centrais mais reputadas atraíam a maioria das famílias, inclusive aquelas que residem em bairros distantes, gerando superlotação das salas de aula e as escolas localizadas em partes menos valorizadas dos bairros próximos ao centro sendo procuradas por um número muito pequeno de famílias, geralmente, moradoras do próprio bairro, das partes mais empobrecidas e com um perfil social próximo.

A Sociologia da Educação, desde os anos 80, no estudo das estratégias que as famílias contemporâneas desenvolviam para viabilizar uma escolarização de qualidade para seus filhos, tem se ocupado da escolha do estabelecimento de ensino. Essa prática educativa é mais comum entre as famílias das camadas médias que dispõem de recursos materiais e simbólicos para efetivar suas escolhas, portanto, os atos de escolha das famílias da camada popular ainda são pouco estudados, especialmente nas cidades pequenas, onde essa lacuna é maior.

Escolher um estabelecimento de ensino para matricular os filhos é um ato complexo, mesmo para as famílias das camadas populares que geralmente matriculam seus filhos em escolas públicas. Segundo Bell (2005), as famílias de camadas populares também se utilizam de critérios de escolha do estabelecimento de ensino que não se diferem dos empreendidos pelas famílias da classe média, mas o repertório de escolha se diferencia, ou seja, os estabelecimentos que as famílias consideram para escolher, aquele no qual o filho será matriculado. Essa autora (op. cit.) também destaca que as diferenças aparecem nos resultados das escolhas.

No contexto brasileiro, o tema escolha do estabelecimento de ensino público comum por famílias das camadas menos favorecidas foi estudado por Costa (2008), Costa e Koslinski (2011; 2012); Resende et al. (2011)² e Costa et al. (2013). Esses autores abordam as hierarquias interescolares na rede pública, bem como as dessemelhanças entre os estabelecimentos de ensino públicos.

O quadro complexo de hierarquização entre as escolas públicas brasileiras resulta “de uma situação de grande competição por poucas oportunidades e por bloqueio nos canais de ascensão, em função da queda acentuada do nível de crescimento econômico do país, desde os anos de 1980” (COSTA, 2008, p. 468) e de uma “oferta insuficiente e irregular de escolas públicas que atendam a patamares razoáveis de qualidade” (op. cit., p. 469).

Os estudos de Costa e Koslinski (2011) verificaram que a hierarquização existente entre os estabelecimentos de ensino públicos comuns é perceptível às famílias menos favorecidas que são atraídas por aqueles que apresentam boa reputação, deixando muitas vezes de escolher a escola próxima da residência quando acreditam que essa oferta um ensino ruim, buscando por estabelecimentos mais distantes do local de moradia considerados de boa “qualidade”.

Costa et. al. (2013) e Costa e Koslinski (2012) identificaram que os pais que escolhem estabelecimentos públicos antecipam a escolha, ou seja, matriculam os filhos em escolas de Educação Infantil, tendo em vista o remanejamento para uma escola que oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental que desejam matricular os filhos.

As redes de relações sociais dos pais atuam de modo importante na escolha dos estabelecimentos de ensino pelas famílias. Essas redes com vizinhos, outras mães, empregadores, professores, diretores de escolas, dentre outros sujeitos, fazem circular informações importantes para a escolha escolar entre as famílias menos favorecidas, sendo importante investigar, especialmente em uma cidade pequena, qual a relação entre as redes de relações sociais e a escolha do estabelecimento de ensino que nesta se constitui. De acordo com Lacerda (2014), na cidade pequena não existe a possibilidade de anonimato, devido não somente pelas dimensões territoriais reduzidas, mas também pelas suas redes de relações singulares e complexas, em que mesmo sem manterem uma relação mais próxima de convivência, seus moradores se conhecem pelo menos de vista, bem como os espaços da cidade, o que faz com que tudo seja de conhecimento de todo mundo, inclusive as escolas,

² Esses autores investigaram três tipos de escolha (escolas privadas, escola federal, escolas estaduais e municipais). Neste item serão abordadas apenas as discussões relativas à escolha do estabelecimento de ensino público.

suas histórias, seu corpo docente e discente, as famílias que as constituem, como também os bairros no qual estão inseridas.

Para Zucarelli e Cid (2010), as redes de relações sociais das famílias funcionam como um tipo de capital social que incide sobre a escolha do estabelecimento de ensino. Assim, quanto mais estreitas forem as relações sociais da família com a vizinhança, mais probabilidade ela terá de matricular o filho na escola do bairro, já o contrário acontece com as famílias que possuem uma relação fraca com a vizinhança e o bairro, o que as levam a buscar as escolas que consideram de “qualidade” fora do próprio bairro de residência.

O tema delimitado dessa pesquisa é a escolha dos estabelecimentos de ensino públicos que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental pelas famílias na cidade de Carangola (MG) no ano de 2017 e o pressuposto inicial era de que a primeira escolha do estabelecimento público de ensino, ou seja, de Educação Infantil, afetaria as escolhas subsequentes pelas famílias.

Assim, partindo do conhecimento da dessemelhança entre as escolas públicas da cidade de Carangola (MG) que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, em que se constatou a diferença na demanda de vagas, no nível socioeconômico e nos índices alcançados nas avaliações externas indagou-se: (i) as escolhas escolares iniciais das famílias, as escolas de Educação Infantil, afetam as escolhas subsequentes? (ii) como as escolhas escolares das famílias na cidade de Carangola são feitas? (iii) por que as famílias escolhem determinados estabelecimentos de ensino? (iv) quais os critérios que as famílias utilizam para fazer suas escolhas em uma cidade pequena?

Buscando responder a essas indagações, o objetivo dessa pesquisa foi conhecer, descrever e analisar as condutas de escolha dos estabelecimentos de ensino públicos das famílias, cujas crianças ingressaram no primeiro ano de Ensino Fundamental em 2017³, em duas escolas públicas reputadas que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Carangola (MG).

A geração de dados dessa pesquisa se deu em duas etapas. Na primeira foram buscados dados secundários, junto a seis escolas públicas, que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, localizadas na área urbana da cidade. Trata-se de dados relativos ao bairro de residência dos estudantes e à instituição de Educação Infantil de onde provieram os alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental em 2017, nessas instituições. As

³ Posteriormente, em busca de conhecer mais famílias que se encaixassem no perfil das que residiam longe das duas escolas reputadas do Centro, EE Melo Viana e EE Benedito, e que efetivaram a matrícula dos filhos nessas escolas, buscou-se também pelos registros de matrículas no primeiro ano de escolaridade no início do ano de 2018.

escolas investigadas, nesta etapa, foram a EE Melo Viana, a EE Benedito Valadares, a EE Professor Augusto Amarante, EE Bairro Santo Onofre, EE Dr. Jonas de Faria Castro e EM Antônio Marques. Após uma primeira análise dos dados optou-se por investigar o processo de escolha de quatro estabelecimentos de ensino: EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre.

A escolha dessas escolas como *locus* de pesquisa se deu pelo fato de reconhecer uma polarização entre elas no que se refere à demanda de matrículas e por estarem localizadas próximas umas das outras, mas em territórios diferenciados socialmente. Duas escolas apresentaram alta demanda e localizam-se no centro da cidade (EE Melo Viana e EE Benedito Valadares) e duas que apresentaram baixa demanda estão localizadas em bairros centro-periféricos (EE Professor Augusto Amarante e a EE Bairro Santo Onofre).

A sistematização e análise dos dados secundários tiveram como objetivo o conhecimento dos fluxos escolares de escolas de Educação Infantil para as escolas públicas de Ensino Fundamental da cidade de Carangola (MG) e serviram de base para a definição das quatro famílias que seriam entrevistadas na próxima etapa da pesquisa.

A seleção das quatro famílias entrevistadas observou os seguintes critérios: os filhos estavam matriculados nas duas escolas públicas centrais, que gozavam de boa reputação na cidade de Carangola (MG) – EE Melo Viana e EE Benedito Valadares –, eles cursaram a Educação Infantil em escolas públicas centrais e reputadas e a família residia em bairros distantes do Centro, onde se localizavam essas escolas.

Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com as mães. O acesso a essas mães se deu por meio de intermediação dos professores que trabalham na EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares, sendo o contato feito inicialmente por meio de redes sociais e/ou telefone.

Após esclarecer aos sujeitos da pesquisa sobre os critérios éticos adotados, conforme as orientações específicas para estudo com seres humanos da Resolução de nº 466/12 e apresentar os objetivos da pesquisa, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram feitas as entrevistas de forma gravadas, tendo a duração que variou entre 39 e 54 minutos. Essas entrevistas ocorreram no mês de março de 2018 e foram realizadas nas residências das famílias que escolheram o local e marcaram dia e hora previamente.

As entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com os pressupostos da análise de conteúdo, embasado por Moraes (1999) em cinco etapas que consistiu na preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição e interpretação dos dados. No tratamento

dos dados utilizou-se a técnica da análise temática ou categorial que consistiu dividir o texto em unidades de registro, possibilitando descobrir variados agrupamentos semânticos que comunicaram alguns sentidos e, logo após, realizou-se o reagrupamento desses em categorias temáticas e suas subcategorias.

O roteiro da entrevista se dividiu em três eixos temáticos: perfil das famílias, escolha do estabelecimento de Educação Infantil e escolha do estabelecimento de ensino público que oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental distante do bairro de residência. O eixo temático “perfil das famílias” agregou as seguintes categorias: tipos de famílias, número de filhos, escolaridade dos membros da família, ocupação dos membros da família, autodefinição da cor/raça, laço com o aluno, renda média da família; religião dos pais e local de residência. Os eixos temáticos “escolha do estabelecimento de ensino público de Educação Infantil” e “escolha do estabelecimento de ensino público de Ensino Fundamental” agregaram as seguintes categorias: decisão da escolha do estabelecimento de ensino; cadastro escolar; motivos da matrícula do filho no estabelecimento de ensino; conhecimento sobre a composição social do alunado; rede de relações sociais; perspectivas de escolarização para os filhos e escolas evitadas.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O capítulo I apresenta uma discussão de parte da literatura sobre a escolha do estabelecimento de ensino por famílias de diferentes meios sociais. O capítulo II apresenta o contexto socioespacial e educacional da cidade de Carangola (MG), a caracterização das escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, com destaque para as EE Melo Viana, a EE Benedito Valadares, a EE Professor Augusto Amarante e a EE Do Bairro Santo Onofre, *lócus* dessa pesquisa. O capítulo III apresenta os fluxos escolares dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) e das turmas de Educação Infantil pública municipal para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, na cidade de Carangola (MG). No capítulo IV são analisados os dados obtidos por meio de entrevistas realizadas com quatro famílias que escolheram as duas escolas públicas comuns e reputadas localizadas no Centro da cidade de Carangola (MG): a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares. A parte final dessa dissertação é composta pelas considerações finais onde são apresentadas as principais respostas da pesquisa aos questionamentos que a originou e as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

1. A ESCOLHA DA ESCOLA

Este capítulo discute parte da literatura nacional e internacional sobre a escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias de diferentes meios sociais.

1.1 A relação família escola e o processo de escolarização dos filhos no campo da Sociologia da Educação

A categoria família, de acordo com Nogueira (2005), tem sido abordada no campo da Sociologia da Educação desde os anos 1950, porém, as discussões se voltaram, inicialmente, para o meio familiar de origem, ou seja, para as características morfológicas do grupo familiar como renda, escolaridade e ocupação dos pais e número de filhos como forma de explicar as desigualdades escolares. Tratou-se, segundo essa autora, da vertente culturalista, que considerava o fato de que a família transmitia a herança material ou simbólica aos seus descendentes, e essa transmissão era determinante sobre os resultados escolares dos indivíduos. A perspectiva de análise era macrosociológica, sem que fosse dada atenção às atitudes e dinâmicas familiares (NOGUEIRA, 2005).

Também para Poupeau (2011), nos anos de 1960, as pesquisas nesse campo abordaram, de forma preferencial, o peso do meio familiar de origem nos destinos escolares. De acordo com esse autor (op. cit., p. 398), Bourdieu e Passeron, em 1963, por exemplo, se basearam em uma “análise da recepção diferencial da mensagem pedagógica”, conforme a herança cultural dos estudantes. Mas, ainda assim, o termo família encontrava-se por detrás “da expressão pertencimento à classe de origem” (POUPEAU, 2011, p. 398).

Nos anos de 1970 nos Estados Unidos, de acordo com Laureau (1987) citada por Nogueira (2005), a Sociologia da Educação esteve voltada para análise das desigualdades escolares sob a influência do *background* familiar, isto é, seus efeitos sobre a experiência educacional da criança.

A partir dos anos de 1980, ocorreu no campo da Sociologia da Educação, segundo Nogueira (2005), o deslocamento do olhar sociológico das macroestruturas para as esferas microscópicas da realidade social, como as práticas pedagógicas cotidianas. Segundo essa autora, a Sociologia da Educação passa a ter novos enfoques e objetos como o estabelecimento de ensino, a sala de aula, o currículo, a família, privilegiando assim “as pequenas unidades de análises” (op. cit, p. 567).

Esse movimento de renovação é considerado por Van Zanten (1998), segundo Nogueira (2005), como uma transição de uma sociologia que se interessava pelas análises dos determinismos sociais e culturais para uma sociologia que se interessa pelas estratégias dos

indivíduos face à escolarização. O estudo das trajetórias escolares e das estratégias familiares, bem como do funcionamento interno das famílias em suas relações com a escola ganharam relevância nessa época. Conforme Matos et. al. (2017), os estudos passaram a considerar as dinâmicas internas e as atitudes das famílias, buscando, compreender as múltiplas e variadas práticas educativas desenvolvidas pelas famílias de diferentes meios sociais na escolarização dos filhos, como, por exemplo, a escolha do estabelecimento de ensino.

1.2 A escolha do estabelecimento de ensino

Dentre os investimentos que as famílias de diferentes meios sociais realizam na escolarização dos filhos, destaca-se a escolha do estabelecimento de ensino. Mas, a possibilidade de escolher varia de um meio social a outro e as famílias estão desigualmente equipadas com os recursos materiais e simbólicos necessários à efetivação de uma boa escolha (NOGUEIRA, 1998).

Essa variação é ratificada por Poupeau (2011, p. 398), o qual afirma que “as famílias investem tanto mais na educação escolar (em tempo de transmissão, em ajuda de todos os tipos, e, em certos casos, em dinheiro) quanto mais a sua condição depende da posse de títulos acadêmicos”.

Com o objetivo de aprofundar a discussão sobre essa prática educativa das famílias – a escolha do estabelecimento de ensino –, nessa parte do texto será feita a revisão de parte da literatura que aborda essa temática, iniciando pelo trabalho de Nogueira (1998) considerado seminal no estudo da escolha do estabelecimento de ensino no Brasil. Essa autora faz uma revisão de publicações inglesas e francesas sobre essa temática. Destaca-se que as obras apresentadas por Nogueira (1998) não foram traduzidas e publicadas no Brasil. Assim, além desse trabalho ter sido um dos primeiros a discutir o tema no contexto brasileiro, ele viabiliza o acesso a essa literatura internacional.

Serão abordados também os textos de Bell (2005), que estudou no contexto norte americano o processo de escolha do estabelecimento de ensino pelos pais de classe média e da classe trabalhadora, seguido dos estudos realizados no contexto brasileiro, Costa (2008); Costa e Koslinski (2011; 2012); Resende et al. (2011) e Costa et al. (2013), que tratam da escolha do estabelecimento de ensino público e abordam as hierarquias interescolares na rede pública nos grandes centros urbanos. O estudo de Matos et. al. (2017), que investigou o impacto das práticas e recursos familiares no desempenho escolar dos alunos, destacando a importância do capital informacional das famílias como aliado na escolha da escola de maior

“qualidade”. As autoras Nogueira (2000, 2010) e Nogueira e Nogueira (2017), que apresentaram estudos sobre o capital informacional das famílias e a escolha dos estabelecimentos de ensino. Os autores Bourdieu (1998), Costa et al. (2013), Zucarelli e Cid (2010), Marques (2009), Portes (2000) e Hasenbalg (2003), que investigaram a relação entre o capital social e as redes de relações das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino. Também os autores Sant’anna e Salata (2009), Flores (2008), Van Zanten (2014), Alves, Fisch e Regis (2010), Alves, Lange e Bonamino (2010), Lacerda (2012, 2013), Lacerda e Oliveira (2017), que estudaram a relação entre a escolha do estabelecimento de ensino e o território. Sendo apresentado por fim, os estudos de Lacerda (2014, 2016), que tratam da especificidade da pesquisa em cidade pequena e sobre a constituição das redes⁴ entre os seus habitantes.

1.2.1 Estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino na Inglaterra e na França, de acordo com Nogueira (1998)

Nogueira (1998) aborda a escolha do estabelecimento de ensino, fazendo uma revisão da literatura internacional sobre esse tema, discutindo a produção de Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995) na Inglaterra e de Héran (1996), Langouet e Leger (1991) e Ballion (1980, 1982, 1986a, 1986b, 1991) na França.

Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995), segundo Nogueira (1998), abordando o contexto inglês, consideram que a nova relação da família com a escola é afetada pela política educacional neoliberal adotada, ou seja, a lógica de mercado passa a permear a escolha da escola. Nessa perspectiva de mercado, parte-se do pressuposto que os pais de diferentes meios sociais teriam as condições e os meios para empreenderem boas escolhas de escolas. Os autores ingleses, de acordo com essa autora, não acreditam na visão que a ideologia neoliberal apregoa, isto é, que os pais se encontram em condições de fazer escolhas, pois alguns têm a vantagem da posse dos diferentes tipos de capital (cultural, social, econômico e simbólico) e a escolha da melhor escola faz parte das lutas simbólicas para a reprodução social.

Em seus estudos, Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995), construíram três tipos-ideais de pais, em função dos discursos dos mesmos sobre a escolha da escola. São eles: os “*privileged/skilledchoosers*”⁵, os “*semi-skilledchoosers*”⁶ e os “*disconnectedchoosers*”⁷, os

⁴Numa perspectiva dos estudos do cotidiano, a autora aborda a constituição de redes entre as professoras e os professores das escolas e como essas redes se constituem numa emaranhada teia social englobando muitos outros habitantes da cidade pequena como os alunos, suas famílias, vizinhos, entre outros.

⁵Privilegiados/Escolhedores habilitados. Tradução livre.

⁶Escolhedores semi-habilitados. Tradução livre.

⁷ Escolhedores desconectados. Tradução livre.

quais estão relacionados ao pertencimento de classe desses pais (NOGUEIRA, 1998). O grupo dos “*privileged/skilledchoosers*” é constituído pelos pais de camada média, profissionais liberais, com ampla rede de relações sociais, os quais são propensos à escolha e dispõem de recursos para discriminar os diferentes tipos de estabelecimentos de ensino. Dentre esses pais, a composição social é um fator decisivo na escolha. Já os “*semi-skilledchoosers*”, são os pais propensos à escolha, mas que não dispõem dos mesmos recursos dos pais do primeiro grupo, portanto, não têm a mesma capacidade de escolher, pois não dispõem dos recursos culturais que favorecem uma boa escolha. Esse grupo baseia-se em critérios objetivos sobre os estabelecimentos, em rumores e na reputação dos estabelecimentos, mas também leva em conta a composição social do alunado (NOGUEIRA, 1998). O grupo dos pais menos propensos à escolha do estabelecimento de ensino, na tipologia de Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995), é o “*disconnectedchoosers*”, que são os pais da classe operária, cujas escolhas são regidas por lógicas práticas como proximidade da residência e segurança e não têm acesso a informações precisas sobre os estabelecimentos de ensino.

Segundo Nogueira (1998), os autores Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995) chegaram a duas grandes conclusões nesse estudo: A primeira delas é que a escolha do estabelecimento de ensino está associada à posição sociocultural da família. A segunda é que, em países, como a Inglaterra, que implementaram políticas educacionais neoliberais em que a educação voltou a ser um bem privado, a “escolha do estabelecimento de ensino constitui o novo e maior fator de manutenção e, até mesmo, de fortalecimento das desigualdades de oportunidades educacionais” (NOGUEIRA, 1998, p. 47).

Héran (1996), outro autor trabalhado por Nogueira (1998), analisa os atos de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias francesas, caracterizando-os como mais ou menos ativos. Para a caracterização dos atos de escolha dos pais como ativos ou não, esse autor considera três opções de escolha: a escola privada, a escola pública escolhida e a escola pública aceita. De acordo com Nogueira (1998), os estudos de Héran (1996) demonstram que as “escolhas ativas” são aquelas em que as famílias escolhem um estabelecimento de ensino privado e não aceitam a escola pública designada e que os pais que fazem esse tipo de escolha representam 1/3 das famílias pesquisadas pelo autor. Já a “escolha passiva” se caracteriza pela aceitação da escola pública designada, conforme a lei de setorização francesa e representam 2/3 das famílias pesquisadas (NOGUEIRA, 1998).

As diferenças quanto aos comportamentos de escolha das famílias para Héran (1996), estão associadas ao pertencimento social das famílias, ou seja, o favorecimento

econômico e cultural das famílias está relacionado às práticas de procura ativa pelo melhor estabelecimento de ensino para matricular os filhos. Esta constatação leva Héran (1996) a afirmar que existe uma “hierarquia social das escolhas” (NOGUEIRA, 1998, p. 48).

Cabe destacar que, segundo Nogueira (1998, p. 48), Héran (1996) considera que “a escolha ativa, sobretudo de um estabelecimento público, requer um bom conhecimento do funcionamento do sistema de ensino, o que explica o fato de que pais professores tenham se revelado os mais competentes em matéria de escolha”. Nesse caso, a vantagem social se relaciona com “a posse de um capital de informações sobre o universo escolar” (NOGUEIRA, 1998, p. 48).

Os autores Langouet e Leger (1991), segundo Nogueira (1998), da mesma forma que Héran (1998), analisaram o contexto francês, mas com uma abordagem macrosociológica, ou seja, não analisaram os comportamentos e as atitudes dos pais. Eles investigaram tanto sobre a distribuição dos estudantes nas redes pública e privada, como sobre a passagem dos mesmos de uma rede a outra. Esses autores, de acordo com Nogueira (1998, p. 49): “Desejavam conhecer a amplitude das transferências, em que sentido elas operam, em que circunstâncias e em que momentos da escolaridade elas se dão, por parte de quais famílias, quais os benefícios retirados [...]”.

Langouet e Leger (1991), segundo Nogueira (1998), detectaram nos estudos realizados três tipos de estratégias: de evitamento, preventivas e de distinção. A estratégia de evitamento consiste “numa prática, por parte de algumas famílias, de evitar certos estabelecimentos situados em bairros populares e/ou com clientela de nível socioeconômico baixo” (NOGUEIRA, 1998, p. 50). A estratégia preventiva é uma conduta de antecipação utilizada pela família para prevenir problemas, como, por exemplo, mudar o filho de estabelecimento de ensino, para evitar situações de reprovação. A estratégia de distinção, própria das elites sociais, consiste em assegurar que os filhos dessas frequentem estabelecimentos altamente seletivos e prestigiosos. Em suas conclusões, esses autores mostraram que “[...] só as classes superiores estão verdadeiramente em condições de ter ‘estratégias’ escolares e de utilizar em proveito próprio a existência das duas redes de ensino” (NOGUEIRA, 1998, p. 50).

Compondo a classe dos pais mais habilidosos na arte de escolher, juntamente com os pais da classe superior e média, encontram-se os pais professores, conforme já foi abordado por Héran anteriormente. As estratégias de escolarização desses pais são qualificadas por Langouet e Leger (1991), de acordo com Nogueira (1998), como estratégias de iniciados. A conjugação das informações que os pais professores têm sobre o sistema escolar, o capital de

relacionamentos que possuem e a proximidade e solidariedade entre os pares, levou esses autores à formulação da hipótese de que eles seriam “os melhores pais ‘estrategistas’” (NOGUEIRA, 1998, p. 50).

Ballion (1982), de acordo com Nogueira (1998), em seu estudo sobre a oferta e a demanda de escolarização, também realizados no contexto educacional francês, classifica os pais como consumidores de escola que buscam um “serviço educativo mais adequado às suas demandas, segundo as possibilidades ofertadas pelo mercado” (NOGUEIRA, 1998, p. 51). Essa nova relação das famílias com a escola decorreu, segundo Ballion (op. cit.) da maior complexidade e diversificação do sistema escolar.

No que se refere às razões que levam às famílias a escolherem o estabelecimento de ensino, Ballion (1986a) observa dois tipos de condutas: “de um lado ‘condutas avaliatórias’, de outro ‘condutas funcionais’ ou motivações ‘domésticas’” (NOGUEIRA, 1998, p. 52). As *condutas funcionais* para a escolha do estabelecimento de ensino, mais comuns entre as famílias de camadas populares, relacionam-se à “proximidade geográfica, facilidade de transporte, preço, outros irmãos ou amigos já no estabelecimento” (NOGUEIRA, 1998, p. 52). Já os pais consumidores, em suas *condutas avaliatórias* – mais comuns à medida que os filhos avançam nos níveis de escolaridade e em famílias com posição social elevada – levam em conta no ato de escolha do estabelecimento de ensino as características educativas e pedagógicas dos mesmos, o que embasa a construção de uma *imagem do estabelecimento*.

Segundo Nogueira (1998, p. 52), para Ballion:

Essa imagem torna-se então uma ‘imagem-guia’ (Ballion, 1991, p.213-214). Seu conteúdo liga-se a fatores tais como: grau de tradição, resultados divulgados pelos meios de comunicação, percepção do tipo de clientela, clima disciplinar, comportamento dos alunos, localização, prédio, rumores sobre os quais elaboram um julgamento subjetivo global.

Quanto à tomada de decisões dos pais consumidores, Ballion (1989) considera, conforme Nogueira (1998), que esse processo ocorre na seguinte sequência: é feito um levantamento da oferta no mercado escolar; em relação a essa oferta selecionam-se os estabelecimentos que farão parte do conjunto de escolha, realiza-se “um cálculo custo/benefício que é periodicamente renovado, uma vez que os critérios de escolha podem se alterar com a idade do filho e o nível dos estudos” (NOGUEIRA, 1998, p. 52).

No âmbito das *condutas avaliatórias* dos pais, para Ballion, a escolha do estabelecimento de ensino é condicionada também pelo valor escolar que os pais atribuem aos seus filhos e, portanto, pelas perspectivas de futuro que eles vislumbram para os mesmos,

ajustando-se o desempenho escolar dos filhos com o nível de exigências das escolas (NOGUEIRA, 1998).

De acordo com Nogueira (1998, p. 53) para Ballion:

[...] as modalidades e critérios de escolha do estabelecimento dependem de uma série de fatores; julgamento sobre o valor escolar do filho, apreciação de suas chances futuras, projeto educativo perseguido, informações sobre o sistema de ensino, imagem dos estabelecimentos, todos eles correlacionados com o nível sociocultural da família.

Nogueira (1998, p. 54) conclui seu trabalho destacando que, em comum, os autores analisados partiram da ideia de que “um novo tipo de relação está se instaurando entre as famílias e a instituição escolar”; recorreram ao termo estratégia para designar o ato de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias e reconheceram tanto o papel do capital cultural e o capital de informações, das famílias nas suas condutas de escolha, sobre a lógica de funcionamento dos estabelecimentos de ensino, portanto, concluem os estudos abordados pela autora (op. cit.), são os pais de camadas médias e superiores aqueles que dispõem de recursos culturais e econômicos para efetivarem boas escolhas.

1.2.2 O estudo da escolha do estabelecimento de ensino no contexto norte americano

O estudo de Bell (2005)⁸, feito na cidade de Weldon, nos Estados Unidos, abordou o processo de escolha do estabelecimento de ensino de pais de classe média e da classe trabalhadora. Para essa autora (op. cit.), os processos de escolha não variaram muito significativamente entre os pais, ou seja, eles usaram estratégias semelhantes para a escolha, todavia os resultados das escolhas são diferentes. Assim, apesar de os pais da classe trabalhadora fazerem escolhas, tal qual a classe média faz, a seleção de escolas pelos pais resulta em diferenças significativas. Conforme Bell (2005), 53% dos pais de classe média escolheram uma escola não deficiente, comparado a 36% dos pais da classe trabalhadora que fizeram esse mesmo tipo de escolha.

A diferença, segundo essa autora, estaria nos repertórios de escolha dos pais que não são os mesmos devido a fatores que os diferenciam entre si, como os contextos e a classe social diferentes nos quais os pais estão inseridos. Como exemplo: “apenas 16% de pais da classe trabalhadora tinha pelo menos duas escolas não deficientes nos seus repertórios de

⁸Para a discussão das contribuições de Bell (2005) foi utilizada a tradução livre desse texto feita por Phelipe Rodrigues de Oliveira Pinto, em 2016.

escolha” (BELL, 2005, p. 24), indicando, portanto, maior probabilidade de que pais da classe trabalhadora escolham escolas deficientes.

Para Bell (2005), são três os fatores contextuais que delineiam os repertórios de escolha de pais: redes sociais, padrões habituais de frequência e o sucesso acadêmico atingido pelas crianças (BELL, 2005).

As redes sociais, para essa autora (op. cit.), têm o poder de munir os pais com muitos recursos quando na escolha da escola. Eles usaram suas redes para reunir informações sobre as escolas, bem como para reunir múltiplas perspectivas sobre uma única escola. A maioria dos pais, segundo Bell (2005), deu especial importância às informações obtidas a partir das suas redes, em particular, aquelas constituídas por outros pais. Foram essas redes que possibilitaram o acesso dos pais a quase dois terços (64%) de todas as escolas que faziam parte do repertório de escolhas daqueles, afirma Bell (2005).

A pesquisa de Bell (2005) indicou também que, ao contrário dos pais de classe trabalhadora, as redes sociais dos pais de classe média os colocaram em contato com maior proporção de escolas de melhor qualidade. Cabe destacar que, de acordo com essa autora (op. cit.), o uso das redes sociais não se limita à indicação dos estabelecimentos considerados de boa qualidade, mas possibilita aos pais acompanhar a evolução dos seus filhos em determinada escola e ter acesso a conhecimentos que não estão disponíveis nos resultados das avaliações externas, nas credenciais e níveis de graduação dos professores, mas são comunicadas pelas famílias nas suas interações (BELL, 2005).

Com relação à forma de escolher dos pais, os dados da pesquisa de Bell (2005) indicam que existem padrões habituais de frequência e que as escolhas anteriores desses influenciam as subsequentes. O percentual de 52% dos pais da classe média e o de 56% dos pais da classe trabalhadora selecionaram escolas no padrão habitual de frequência, sendo que, para esses últimos, o acesso a escolas eficientes, seletivas e pagas foi reduzido. A constituição de padrões habituais de escolha por frequência está relacionada também à importância atribuída pelos pais às amizades dos filhos e às experiências históricas e sociais dos pais de classe média (BELL, 2005). A avaliação que os pais fazem do sucesso acadêmico dos filhos, segundo essa autora (op. cit.), é outro elemento determinante na escolha da escola a ser frequentada pelos filhos.

1.2.3 Estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino público no contexto brasileiro

No Brasil, as disparidades entre os estabelecimentos públicos e privados de educação básica, bem como as hierarquias internas a cada rede são conhecidas até mesmo em nível do

senso comum. Os estudos de Costa (2008); Costa e Koslinski (2011; 2012); Resende et al. (2011)⁹ e Costa et al. (2013) tratam da escolha do estabelecimento público e abordam essas hierarquias interescolares na rede pública.

1.2.3.1 Dessemelhanças entre estabelecimentos de ensino públicos e a escolha da escola

A pesquisa de Costa (2008)¹⁰ trata da diferenciação do efeito das escolas sobre a aprendizagem dos alunos, no contexto de escolas públicas integradas a uma mesma rede de ensino, submetidas “à mesma autoridade e às mesmas regras, integrando os mesmos sistemas e dispondo de recursos equivalentes” (COSTA, 2008, p. 455) e os efeitos dessa dessemelhança sobre a escolha do estabelecimento de ensino público pelas famílias na cidade do Rio de Janeiro.

Para esse autor, a existência de uma hierarquização entre as escolas da rede pública de ensino nesta cidade é constatada por “um universo complexo com intensa diferenciação quanto a aspectos escolares, mesmo que nos espaços institucionais voltados à população com menores recursos econômicos, típicos das escolas públicas brasileiras” (COSTA, 2008, p. 468).

Conforme esse autor (op. cit.), o quadro complexo de hierarquização entre as escolas públicas brasileiras resulta “de uma situação de grande competição por poucas oportunidades e por bloqueio nos canais de ascensão, em função da queda acentuada do nível de crescimento econômico do país, desde os anos de 1980” (COSTA, 2008, p. 468) e de uma “oferta insuficiente e irregular de escolas públicas que atendam a patamares razoáveis de qualidade” (COSTA, 2008, p. 469).

O autor (op. cit.) considerou, nesse estudo, que à “hierarquia geográfico-socioeconômica [da cidade do Rio de Janeiro] conjuga-se uma classificação do prestígio das escolas” (COSTA, 2008, p. 458), o que afeta o processo de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias.

Costa (2008), comparando os processos escolares das elites àqueles ligados aos dos alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas, matriculados em escolas públicas de boa reputação, considera que estes podem, sociologicamente, ser considerados “certo tipo de elite

⁹Esses autores investigaram três tipos de escolha (escolas privadas, escola federal e escolas estaduais e municipais). Neste item serão abordadas apenas as discussões relativas à escolha do estabelecimento de ensino público.

¹⁰A pesquisa de Costa (2008, p. 455) “compõe-se do estudo de caso em seis escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, organizadas em pares, em três diferentes regiões geográficas, – e socioeconômicas – da cidade”, com prestígio diferente entre si.

diante de seus pares” (op. cit., p. 456), pois possuem recursos simbólicos que os ajudam a fazer as melhores escolhas.

O acesso às escolas públicas diferenciadas escolhidas por famílias socialmente desfavorecidas, segundo Costa (2008), tanto “ampliam as chances competitivas de seus egressos, como também o próprio acesso a elas – ao menos em parte – depende da posse de recursos sociais diferenciados, o que as enquadraria como espaços de formação e reprodução de elites” (COSTA, 2008, p. 456) e decorrem da imagem que as famílias têm das mesmas.

Para Costa (2008, p. 461), “A imagem externa de uma escola seria um elemento que proporciona competição pelo acesso a ela, o que permite algum tipo de seleção por parte de sua burocracia, no caso de imagens valorizadas”. Dentre os elementos que diferenciam as escolas públicas em termos de prestígio e/ou reputação das escolas, o autor considera que a liderança e o clima escolar se destacam. Segundo o mesmo (op. cit., p. 456-7), a liderança “acentua características individualizadas (como a resiliência) que imprimem às trajetórias dos estabelecimentos escolares pontos de inflexão e curvas ascendentes”. Já no clima escolar contam “a composição social do alunado, os padrões de relacionamento entre os diversos atores, a interação pais-escola, a configuração do corpo docente, os recursos disponíveis e seu uso efetivo e a gestão/organização do trabalho educacional” (COSTA, 2008, p. 457).

Os dados da pesquisa de Costa (2008) indicaram que a imagem do estabelecimento afetou a escolha da instituição de ensino entre as famílias usuárias do sistema público na cidade do Rio de Janeiro, quando se deu a transição dos anos iniciais do Ensino Fundamental para os anos finais. Os pais buscaram para seus filhos, dentre as escolas públicas que ofertavam o segundo segmento do Ensino Fundamental aquelas com imagem de maior prestígio, como, por exemplo, as escolas das Zonas Norte e Tijuca, as mais populosas, com turmas mais numerosas e salas mais cheias. “As escolas de menor prestígio dessas áreas apresentam algum espaço ocioso, salas não ocupadas por turmas por falta de procura” (COSTA, 2008, p. 462).

As diferenças entre as escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro e seus efeitos sobre a conduta de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias também foram abordados em Costa e Koslinski (2011). Esses autores destacaram inicialmente, nesse trabalho, que os resultados das avaliações externas no Brasil, expressos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) constituiu-se em “um instrumento de hierarquização escolar, cristalização de vantagens e desvantagens escolares, privatização do ensino público e ocultação do caráter socialmente injusto da distribuição de oportunidades escolares” (COSTA; KOSLINSKI, 2011, p. 249). Segundo esses autores “[...] algumas poucas

escolas públicas desenvolvem também estratégias de autofortalecimento, recorrendo aos bons resultados que alcançam” (COSTA; KOSLINSKI, 2011, p. 250).

No Brasil sabe-se que as escolas públicas federais ocupam uma posição privilegiada na hierarquia dos estabelecimentos de ensino, as quais são fortemente disputadas. No entanto, conforme Costa e Koslinski (2011), algumas escolas públicas que não ocupam o topo dos *rankings* também são disputadas. Estas escolas, consideradas pelos autores como escolas comuns, não são caracterizadas como “um quadro homogêneo que pode ser depreendido do destaque quase exclusivo dado pela imprensa às demais escolas”, mas pela “grande diferenciação entre elas, às vezes no mesmo bairro, a poucas quadras de distância” (COSTA; KOSLINSKI, 2011, p. 250).

De acordo com esses autores, diante da hierarquia que existe entre os estabelecimentos públicos comuns, a reputação da escola conta na sua atração de estudantes e faz com que os pais, cujos filhos frequentam estabelecimentos públicos comuns, não escolham o estabelecimento de ensino mais próximo de sua residência, ou seja, quando a escola próxima à residência é considerada ruim, os pais buscam matricular seus filhos em estabelecimentos mais distantes, porém considerados de boa qualidade (COSTA; KOSLINSKI, 2011).

As informações obtidas pelos pais sobre as escolas públicas comuns, segundo Costa e Koslinski (2011), provinham de comunicações boca a boca entre alunos, pais, funcionários, professores, direção sobre o repertório de escolhas dos pais. Foram esses rumores que orientaram as disputas por vagas nas escolas públicas comuns consideradas eficazes.

1.2.3.2 Critérios de escolha do estabelecimento público

Costa e Koslinski (2012) destacam dois tipos de escolhas realizadas pelas famílias cujos filhos frequentam estabelecimentos públicos na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro tipo é classificado como escolhas por conveniência prática, como, por exemplo, a proximidade entre a escola e a residência ou do local de trabalho dos pais. O segundo tipo são as escolhas que são feitas em função das características educativas da escola, como a disciplina, a organização da escola e o desempenho acadêmico. Essas escolhas de segundo tipo são feitas por meio do uso de redes sociais para obter informações acerca da reputação da escola e para ter acesso às vagas em escolas consideradas de prestígio.

Segundo os autores (op. cit.), a antecipação da vida escolar da criança e a escolha da creche ou de determinadas escolas de Educação Infantil, bem como o fato de ter irmãos frequentando uma determinada escola pública, favorecem a efetivação da escolha dos

estabelecimentos considerados de prestígio, especialmente nos casos em que há uma tendência de remanejamento de estudantes entre as escolas públicas frequentadas.

Para Costa e Koslinski (2012, p. 207):

[...] um estudante cuja família consiga vaga em uma creche municipal [...] tem aumentadas suas probabilidades de iniciar um percurso por escolas que gozam de boa reputação em meio à rede pública. Essa possibilidade, porém, não esgota aí, estendendo-se a seus irmãos mais novos, que terão maior chance de acesso a tais escolas.

1.2.3.3 Diferenças sociais, culturais e educativas das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino

O estudo de Resende et al. (2011) investigou o peso sobre o processo de escolha do estabelecimento de ensino, das diferenças sociais, culturais e educativas de pais das camadas populares e frações inferiores das camadas médias, residentes na cidade de Belo Horizonte (MG), cujos filhos frequentavam diferentes tipos de estabelecimentos de Ensino Fundamental.

Um dos resultados dessa pesquisa é o caráter social da escolha do estabelecimento de ensino, pois a escolha está correlacionada aos perfis socioeconômicos das famílias. Esses autores (op. cit.) constataram que entre as famílias desfavorecidas “ocorrem processos ativos e diferenciados de escolha do estabelecimento de ensino” (RESENDE et al. 2011, p. 967).

Dentre os critérios mais importantes para a escolha da escola, figura, para os pais, cujos filhos frequentavam as escolas estaduais e municipais mais bem classificadas, segundo Resende et al. (2011), os métodos e a qualidade do ensino, juntamente com as informações e recomendações de amigos. Já entre os pais, cujos filhos frequentam escolas estaduais e municipais comuns, destaca-se o uso de critérios funcionais, como o horário das aulas e a localização da escola e o fato de que esses últimos “apontam a infraestrutura, a disciplina e a formação moral como o mais importante numa boa escola” (RESENDE et al., 2011, p. 964).

1.2.3.4 Estratégias na escolha da escola pública

No texto de Costa et al. (2013) são apresentados os resultados de pesquisas realizadas no Rio de Janeiro e Belo Horizonte em que foram levantadas as estratégias de escolha do estabelecimento de ensino empreendidas pelas famílias.

Na cidade do Rio de Janeiro, onde não há restrições geográficas para a matrícula na rede pública e a organização sócioespacial da cidade faz com que residam próximas famílias com níveis socioeconômicos muito diferentes. Costa et al. (2013, p. 147) destacam que no processo de escolha das escolas os:

[...] pais que elaboram estratégias mais ativas para acesso a escolas disputadas tendem a ser pais mais informados, presentes na vida escolar do aluno e, acima de tudo, são pais que identificam a hierarquização das escolas, sabem mais claramente que as escolas são diferentes, apesar de pertencerem a um mesmo sistema.

Segundo Costa et al. (2013), os pais com diferentes níveis de escolaridade (mais ou menos alta) tendem a fazer suas escolhas escolares consultando vizinhos, professores, diretores, ou seja, suas redes de contato, portanto, “as diferenças principais estão nas redes de contatos dos pais” (op.cit., p. 140). Esses autores verificaram em seus estudos que os pais que elaboram estratégias mais ativas identificaram que existe grande diferenciação e hierarquia entre as escolas, apesar de pertencerem a um mesmo sistema público. Os pais mais informados por suas redes de relações “conhecem mais os perfis das escolas e as possibilidades de melhores oportunidades escolares para os filhos, enquanto os que desconhecem acreditam na existência de uma rede escolar homogênea” (COSTA et al., 2013, p. 149).

Os pais mais informados também conhecem os remanejamentos automáticos existentes entre as escolas, ou seja, o direcionamento dos estudantes que cursam o primeiro segmento do Ensino Fundamental em determinada escola, que são direcionados para outra, considerada “conveniada”¹¹. Esses remanejamentos afetam a escolha do estabelecimento de ensino, pois os pais escolhem um primeiro estabelecimento por saberem que os filhos prosseguirão os estudos em outra escola em função do “convênio”.

Em Belo Horizonte, segundo esses autores (op. cit., p. 153), cuja matrícula é regulada pelo cadastro escolar, os pais nem sempre estão dispostos a aceitar a vaga indicada, apresentando assim, condutas mais ativas na matrícula dos filhos, concluem os autores, corroborando com os estudos de Hèran (1996) abordado anteriormente por Nogueira (1998).

Costa et al. (2013) destacam o uso do transporte escolar como pertencente às famílias que possuem maiores rendas, mas não apenas isso, para os autores, essas famílias se mostraram como as que têm maiores expectativas sobre as oportunidades educacionais dos filhos e que mobilizam diferentes estratégias quando do ingresso destes na escola.

Dentre essas estratégias, a prática mais comum, é o “‘drible’ do cadastro escolar com um endereço de alguém que reside próximo da escola desejada, a que tem a melhor reputação na região, mesmo que o candidato não resida no endereço fornecido” (COSTA et al., 2013, p.

¹¹ Essa expressão foi colocada entre aspas porque de fato não existe um convênio formalizado, mas um acordo entre escolas e uma tendência instituída de fluxo de estudantes.

155). Dessa forma, os pais se utilizam de contatos com profissionais da escola para burlar a regra.

De acordo com os autores (op. cit.), nas escolas menos escolhidas, as razões práticas para a escolha do estabelecimento imperaram, já nas escolas mais escolhidas verificou-se, segundo os resultados da pesquisa, a existência de “pais que valorizam, nas escolas, critérios acadêmicos e que têm altas expectativas quanto à escolarização dos filhos, o que constituem atributos escolarmente rentáveis” (COSTA et al., 2013, p. 158).

Segundo esses autores, também afeta a escolha da escola na cidade do Rio de Janeiro, o reconhecimento, pelos pais, do valor escolar dos filhos.

1.3 A escolha da escola e o desempenho escolar

Matos et. al. (2017) investigaram o impacto das práticas e recursos familiares no desempenho escolar dos alunos que participaram do Projeto Geres¹², ou seja, o que as famílias *fazem* de acordo com o seu nível socioeconômico (NSE)¹³.

O estudo testou constructos relativos à dinâmica das famílias apontadas pela literatura sociológica como sendo influentes na escolaridade dos filhos, concentrando-se em oito tipos de recursos ou práticas familiares. São elas: capital cultural objetivado, capital informacional, práticas de escrita, práticas de leitura, ordem racional doméstica, modo de exercício de autoridade pelos pais, interação entre pais e filhos, dever de casa (MATOS et. al., 2017).

Esses autores consideraram o capital informacional estritamente ligado à escolha do estabelecimento de ensino, pois, segundo Matos et. al. (2017, p. 36), a família deteria “um conjunto de conhecimentos e informações sobre a organização e o funcionamento interno da instituição escolar, sobre seus valores, hierarquias, métodos e linguagens, os quais constituiriam vantagens altamente rentáveis no mercado escolar.” Os autores (op. cit.) embasam-se em Bourdieu (1998), entendendo o capital informacional como:

[...] a parte do capital cultural que é a mais diretamente rentável na vida escolar, visto que as famílias que fazem uso desse conhecimento se saem melhor ao realizar os investimentos escolares mais

¹² Segundo Matos et. al. (2017) esse estudo diz respeito a uma pesquisa que acompanhou de 2005 a 2008 a evolução da proficiência escolar de cerca de 21.000 alunos do Ensino Fundamental matriculados em 303 estabelecimentos de ensino (estaduais, municipais, federais e privados) de cinco cidades brasileiras, por meio da aplicação de cinco “ondas” de testes de língua portuguesa e de matemática – a primeira realizada no início de 2005, quando os alunos começavam a 1ª série, e as demais, aplicadas no final da 1ª, da 2ª, da 3ª e da 4ª séries. Participaram da pesquisa, em Belo Horizonte, 4.611 alunos distribuídos em 60 estabelecimentos de ensino públicos ou privados.

¹³ Segundo Matos et. al. (2017), optou-se neste estudo por uma amostra mais homogênea quanto à origem social, decidindo-se, portanto, pelas famílias das classes populares e nas frações inferiores das classes médias.

vantajosos, na forma da escolha adequada – e no momento certo – do estabelecimento de ensino, do curso e das opções curriculares (MATOS et. al., 2017, p. 36-7).

Os resultados da pesquisa (op. cit.) indicaram que a proficiência dos alunos em matemática estava mais significativamente relacionada ao estabelecimento de ensino frequentado. Verificou-se, portanto, que a proficiência em matemática decorreu de um efeito escola e que as escolas privadas apresentaram maior proficiência nessa disciplina com relação às escolas municipais e estaduais com baixo e alto desempenho. Matos et. al. (2017) ressalta ainda, nesse trabalho, que existem diferenças no interior de uma mesma rede de ensino (a pública) e faz diferença passar de uma categoria de escola a outra (estadual/municipal, com menor desempenho, para estadual/municipal, com alto desempenho).

1.4 O capital informacional das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino

Nogueira (2010) produziu um trabalho que discute as práticas familiares de escolarização dos filhos entre as classes médias. Destacou que atualmente essas classes intensificaram, diversificaram e refinaram suas estratégias educativas. Segundo essa autora, essa sofisticação das estratégias vem ocorrendo num contexto de acirramento da competição escolar, que é um dos resultados da massificação das oportunidades de escolarização, pois as famílias de classes médias reivindicam, por exemplo, o tipo de formação e o estabelecimento de ensino considerados os mais eficazes e essas classes, se comparadas às classes populares, têm mais recursos culturais e econômicos para se beneficiarem de processos de democratização escolar, ou seja, das oportunidades educativas.

Os pais das classes médias buscam uma “superpreparação para o enfrentamento da concorrência escolar e profissional” (NOGUEIRA, 2010, p. 222). Essas classes têm todas as condições para adotar atitudes preventivas e pró-ativas no que se refere à carreira escolar dos filhos, dentre elas as condutas de escolha do estabelecimento de ensino considerado mais eficaz (NOGUEIRA, 2010).

As classes médias, conforme Nogueira (2010, p.221):

[...] em suas condutas face à escolha do estabelecimento de ensino, processo no qual são investidas competências diversas, tais como o acesso a formas variadas de informação sobre o sistema escolar (inclusive os resultados de diferentes avaliações e rankings cada vez mais numerosos); uma maior inclinação à escola e uma maior capacidade de discriminar e interpretar os diferentes tipos de estabelecimentos de ensino [...].

No contexto brasileiro, segundo Nogueira (2010), onde a oferta da educação básica é segmentada em rede de ensino pública e privada – as quais têm sua estratificação interna e nas quais se observa a dualidade da composição social do alunado –, a rede privada, de modo geral, tem um alunado composto, majoritariamente, por alunos oriundos das categorias com vantagens sociais e econômicas, os quais recebem um ensino considerado de qualidade e que os capacita para a competição escolar em cursos e carreiras de prestígio. Já a rede pública¹⁴ acolhe os alunos desfavorecidos socialmente, os quais recebem um ensino de baixa qualidade.

Essa configuração e os processos que a ocasionam e dela são decorrentes, para Nogueira (2010), faz com que os pais das classes médias evitem a *mistura social*, ou seja, a matrícula dos seus filhos em estabelecimentos socialmente heterogêneos, por meio de estratégias de evitamento de certas escolas; utilizem cada vez mais os produtos do mercado paraescolar e atuam na lógica da parentocracia educacional¹⁵ para assegurar uma carreira escolar promissora aos filhos.

O peso da certificação escolar na configuração das posições sociais e a competição escolar decorrente do fato de que a escolarização é um bem posicional elevam a força da estratégia de escolha do estabelecimento de ensino no conjunto das práticas das famílias em favor da escolarização dos filhos e a importância do capital informacional na efetivação dessa escolha.

Nogueira (2000), na investigação sobre os percursos escolares de trinta e sete (37) universitários da UFMG e as estratégias educativas de suas famílias, as quais pertenciam às camadas médias intelectualizadas¹⁶, cujo objetivo foi conhecer a forma de atuação do capital cultural na vida escolar desses estudantes, analisou as redes de ensino e os estabelecimentos frequentados pelos sujeitos pesquisados. Os dados dessa pesquisa relativos à escolha do estabelecimento de ensino indicaram que:

[...] à exceção da pré-escola – a opção pela ‘qualidade do ensino’ constitui o principal critério de escolha em todos os níveis da escolaridade, embora quase sempre associado (mas secundariamente) a outros fatores, tais como: praticidade (distância do domicílio, horários, preços), pedagogia praticada (inovações pedagógicas, disciplina), tradição familiar (pais, tios, irmãos ex-alunos) ou confessionalidade (NOGUEIRA, 2000, p. 132).

Conforme Nogueira (2000), nos casos pesquisados, à medida que os filhos avançaram na carreira escolar, o ato de escolha da escola pelas famílias foi menos afetado por

¹⁴ Encontram-se excluídas do conjunto das escolas, cujo alunado tem esse perfil, as escolas públicas federais.

¹⁵Na parentocracia “a educação de uma criança está crescentemente dependente da riqueza e dos desejos dos pais, mais do que da capacidade e esforços dos alunos” (BROWN, 1999, p. 393 *apud* NOGUEIRA, 2010, p. 223).

¹⁶ Trata-se de pais (pai e mãe) professores e pesquisadores da UFMG com a mais alta titulação possível.

questões de ordem prática, como, por exemplo, a proximidade da escola do local de residência da família e a qualidade do ensino ofertado ganharam maior peso na conduta de escolha.

Este estudo mostrou que as famílias médias intelectualizadas dispõem de recursos materiais e simbólicos para aproveitar as oportunidades em favor das trajetórias escolares dos filhos, dentre elas, a de escolher uma “boa” escola. Segundo Nogueira (2000, p. 150): “estratégias de excelência, por parte dos pais ou do próprio jovem, foram detectadas no que concerne à escolha do estabelecimento de ensino”.

Em outro estudo, Nogueira e Nogueira (2017), analisaram as práticas educativas e escolares de famílias em que um dos progenitores era professor ou professora da rede de educação básica (seis mulheres e um homem), residentes na cidade de Itaúna (MG), cujos filhos eram escolarizados na rede de ensino pública dessa cidade.

Segundo as autoras (op. cit.) os pais professores, apesar de poucos recursos materiais para investirem na escolarização dos filhos, impossibilitando-os de escolher escolas privadas, por exemplo, utilizaram-se também de estratégias de excelência. Assim, os filhos frequentaram estabelecimentos públicos considerados pelos pais como de boa qualidade.

As autoras (op. cit.) destacaram que esses pais, os professores, para minimizar os efeitos da frequência a uma escola pública que eles consideraram de modo geral de má qualidade e, que, portanto, poderia dificultar os projetos de assegurar aos filhos a longevidade escolar na forma do acesso à educação superior em instituições e carreiras de maior prestígio, empreenderam práticas educativas¹⁷ eficazes que favoreceram a escolarização da prole, dentre elas, a escolha do estabelecimento de ensino que consideraram de melhor qualidade e a colonização do ambiente escolar.

A escolha do estabelecimento público de ensino pode ser considerada, nos termos de Bourdieu (2008), como “uma não escolha”, conforme Nogueira e Nogueira (2017, p. 12), mas dentro do campo de possibilidades dos pais professores investigados, eles empreenderam a escolha possível e buscaram tirar o melhor proveito delas em favor da escolarização dos filhos. De acordo com as autoras:

As famílias elaboram dentro de seu universo de possíveis, uma classificação objetiva e simbólica de um leque de estabelecimentos, e optam por aquele que melhor atenda a seus objetivos e que possa, a seu ver, atenuar as consequências negativas, para a formação dos filhos, das deficiências atribuídas à rede pública (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 12).

¹⁷ De acordo com os estudos de Nogueira e Nogueira (2017), além da escolha do estabelecimento de ensino e da colonização do ambiente escolar, esses pais utilizaram também outra prática educativa como o apoio no ambiente doméstico para a execução dos trabalhos escolares e aprofundamento dos estudos.

De acordo com as autoras (op. cit.), a escolha do estabelecimento de ensino público, dentro de um conjunto de possibilidades, foi pautada no conhecimento prático e nas disposições que os pais professores consolidaram no exercício da profissão docente. Esses pais, para Nogueira e Nogueira (2017), basearam-se, para tomarem suas decisões quanto à escolha escolar, em informações sobre os professores e o trabalho que desenvolvem na escola; na gestão da escola; na equipe de educadores; nas características dos alunos; no material didático utilizado; no número e na composição das turmas e em suas percepções sobre o clima da escola (disciplina, regras de convivência etc.).

Os pais professores, de acordo com Nogueira e Nogueira (2017), não se utilizaram de critérios de conveniência prática ou funcionais, como a localização da escola, a facilidade de acesso, os quais são próprios das famílias de camadas populares. Ao contrário, seus critérios de escolha se assemelharam àqueles das camadas médias e superiores, que empreendem condutas avaliatórias¹⁸ e se orientam pelos “aspectos internos ao processo pedagógico, como a competência dos professores e a gestão da escola, entre outros” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2017, p. 13).

As autoras (op. cit.) destacaram também que esses pais, após a escolha do estabelecimento de ensino público a ser frequentado pelos filhos e diante do capital informacional que possuem colonizam as escolas, desenvolvendo um conjunto de estratégias de intervenção direta nessas, que visam atenuar aquilo que consideram efeitos negativos de uma escolarização na rede pública (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017). O processo de colonização do ambiente escolar pelos pais se caracteriza pela:

[...] presença intensiva dos pais no ambiente escolar; uma forte vigilância do cotidiano da escola e da sala de aula; um visível controle material e simbólico das situações de interações com professores, especialistas, diretores e, mais amplamente dos contextos de socialização das crianças (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 14).

Nos casos dos pais que escolhem o mesmo estabelecimento público em que atuam profissionalmente para a escolarização dos filhos eles podem ainda escolher a turma e o professor regente que receberá seu filho e trocá-lo de turma quando insatisfeitos; determinar a posição na sala de aula da carteira do filho; ter acesso ao material didático utilizado e opinar sobre ele; monitorar as interações entre o filho e seus pares, bem como entre ele e os profissionais da escola (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017).

¹⁸ As autoras se referem ao termo “condutas avaliatórias” de Ballion (1982, 1986), referenciadas em Nogueira (1998).

O processo de colonização, de acordo com Nogueira e Nogueira (2017), deriva-se tanto do exercício da docência na própria escola, como das redes de relações que os pais professores possuem dentro do estabelecimento de ensino, ou seja, do contato que mantém com outros professores, diretores e profissionais da educação, configurando o que Van Zanten (2009, 2010), de acordo com Nogueira e Nogueira (2017, p. 15), chamou de capital social interno em que “a posse de ‘informações quentes sobre a escola, é mobilizado pelos pais, a fim de obter o máximo possível de benefícios para os filhos”.

Para Nogueira e Nogueira (2017), embasando-se em Establet (1987), os pais professores podem ser considerados pais profissionais, uma vez que “imersos na cultura escolar, adquiriram tacitamente o ‘senso do jogo’ necessário ao desenvolvimento de estratégias que rentabilizam as atividades escolares e extraescolares da prole” (op. cit. p. 18).

No entanto, esses pais são limitados em suas ambições escolares, uma vez que almejam para seus filhos uma escolarização mais qualificada em uma escola particular, mas são levados à inevitável escolha da escola pública (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017). Para essas autoras, frente a uma escolha feita pela exigência de imperativos financeiros:

[...] as famílias elaboram uma classificação objetiva e simbólica das escolas públicas existentes no território onde residem e optam por aquela que melhor atende a seus objetivos: a escola onde o pai/ a mãe atuam profissionalmente, com bom clima escolar, em que diretores e professores fazem parte de sua rede de relacionamentos, escola com imagem pedagógica positiva entre os professores (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 19).

Os pais professores, segundo essas autoras, puderam efetivar a escolha do melhor estabelecimento de ensino, dentre aqueles limitados às suas possibilidades objetivas e empreenderam a colonização do ambiente escolar em prol de um melhor desenvolvimento da escolarização de seus filhos na rede de ensino pública, devido à posse do capital informacional¹⁹, adquirido por meio das redes de contatos ao longo da carreira docente e de uma vivência intensa do universo escolar (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017).

As autoras (op. cit.) destacaram que a inserção profissional nas escolas e a constituição de redes de relações sociais “possibilita a construção de ‘canais de confiança’, por meio dos quais eles [os pais professores] têm acesso a informações precisas e ‘quentes’ sobre a vida escolar dos filhos e sobre o funcionamento geral da escola.” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 20), o que também possibilita aos pais professores, o benefício de informações privilegiadas e a intervenção mais direta nas dinâmicas das escolas.

¹⁹ Para Dantas (2002) *apud* Brandão (2010), este capital gera valor-informação com importantes desdobramentos no plano material e pode ser convertido em capitais econômico e social, funcionando como uma dimensão da estrutura do capital cultural.

1.5 O capital social das famílias e a escolha do estabelecimento de ensino

A noção de capital social e redes de relações sociais das famílias de diferentes meios sociais têm sido utilizadas nos estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino. Conforme Bourdieu (1998, p. 75), “o capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações [...] à vinculação a um grupo [...] unidos por ligações* permanentes e úteis.” Para Bourdieu (1998, p. 76), “a existência das redes de relações não é um dado natural, nem mesmo um ‘dado social’ que é constituído de uma vez por todas e para sempre”, ou seja, estáticas, mas que necessita de trabalho para instaurá-las e mantê-las. Portanto, a rede de ligações:

[...] é o produto de estratégias de investimento social, consciente ou inconscientemente orientados para a instituição ou reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis a curto ou longo prazo, isto é, orientados para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações ao mesmo tempo necessárias, e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos) (BOURDIEU, 1998, p. 76).

Para Costa et al. (2013, p. 136), a noção de capital social permite o estudo da “distribuição de oportunidades escolares em função dos diferentes níveis de informação e de possibilidades educacionais que se colocam às famílias por meio de suas redes sociais”, cujos laços, fortes ou fracos, produzirão efeitos sobre as possibilidades de acesso a informações e recursos que viabilizem realizar escolhas ativas das escolas.

Zucarelli e Cid (2010) relacionaram as redes de relações sociais que as famílias possuem, dispostas pelo território, como um tipo de capital social. Para esses autores, quanto mais forte forem as relações sociais da família com a vizinhança, mais probabilidade ela terá de matricular o filho na escola do bairro. O contrário disso acontece com as famílias que possuem uma relação mais fragilizada com a vizinhança e o bairro. Essas preferem buscar as oportunidades por escolas que consideram de “qualidade” fora do próprio bairro de residência.

Corroborando com o estudo das redes sociais como capital social, Marques (2009) relaciona o tamanho e tipos de redes sociais das pessoas pobres (mais locais, mais centradas na família e vizinhança), como limitadoras de oportunidades como “bens materiais oriundos de serviços, políticas e mercados de trabalhos ou a elementos imateriais, como repertórios e formas de viver” (MARQUES, 2009, p. 477), o que se acredita, no caso da escolha do estabelecimento, menos chances de ascender a oportunidades educacionais como escolas de

melhor “qualidade”. Para Marques (2009), o fato de possuir redes sociais menos locais, centradas na família e na vizinhança, se configura como uma estrutura relacional que proporcionará aos indivíduos acessos a diversos tipos de oportunidades.

Portes (2000, p. 143-4), embasando-se em Granovetter (1974), mais especificamente em seus estudos sobre obtenção de empregos, destaca a noção “força dos laços fracos”, ou seja, um “poder exercido por influências indiretas, exteriores ao círculo imediato da família e dos amigos mais próximos, enquanto sistema informal de referências [...]” que pode colaborar com o estudo da escolha do estabelecimento de ensino.

De acordo com Costa (2013, p. 136),

Em ambiente de privação, os laços fortes existentes entre os familiares, amigos e pequenos grupos agregam pouco valor quando mobilizados por indivíduos que buscam recursos escassos [...] a homogeneidade dos laços não permite diversidade de informações suficiente para o alcance de objetivos mais gerais [...] conhecer alguém influente, ainda que com relação distante, tende a facilitar o acesso a benefícios escassos socialmente.

O capital social considerado como fonte de apoio paternal e familiar (PORTES, 2000), se apresenta em maior quantidade em famílias com um dos pais dedicados à criação dos filhos e nas famílias consideradas “completas”. Nesse caso, são os filhos os que mais se beneficiam desse recurso. A posse de menos capital social está relacionada, segundo esse autor (op. cit.), à ausência de um segundo genitor em casa, bem como à inconstância associada à frequência de alta mobilidade geográfica, o que provoca diminuição de laços que fortaleceriam as relações em comunidade. A sobrecarga de trabalho dos pais pode acarretar menos capital social.

Hasenbalg (2003) empreendeu um estudo sobre a distribuição de recursos familiares, dentre eles, o capital social familiar, conforme o tipo de estrutura familiar. Para esse autor, em consonância com Coleman (1988), o capital social familiar está intimamente ligado à estrutura familiar. Para esse autor, os fatores que podem diminuir a potencialidade do capital social familiar são: número de filhos; famílias chefiadas por mulheres, salvo nos casos em que a mulher é mais educada e tem mais recursos e famílias quebradas e incompletas, compostas por mães com filhos sem cônjuge. Assim, o afastamento de um dos pais restringe a limitação com o tempo e energia gastos com os cuidados dos filhos, isto é:

[...] o afastamento do arranjo familiar nuclear intacta com números pequenos de filhos, seja na direção do maior número de filhos ou na das famílias quebradas ou não-intactas, redundando numa diminuição do capital social familiar e na deterioração das condições de socialização de crianças e adolescentes (HASENBALG, 2003, p. 58).

De acordo com Cepal (1993, p. 85-109), segundo Hasenbalg (2003, p. 58), “A maior estabilidade familiar propiciada pelas uniões legais se traduz em um melhor desempenho educacional de crianças e jovens”. Assim, o capital social entendido como decorrente do tipo de estrutura familiar existente é um critério importante a ser estudado na investigação da escolha do estabelecimento de ensino.

1.5.1 A escolha do estabelecimento de ensino e o território

Alguns estudos contemporâneos da Sociologia da Educação em convergência com os da Sociologia Urbana têm se dedicado a investigar a relação entre os fatores ligados à organização do território e as oportunidades educacionais (SANT’ANNA; SALATA, 2009). Segundo esses autores, esses estudos consideram que o local é uma instância capaz de gerar desigualdades de oportunidades, assim como a escola e a família sendo instituições consagradas capazes de produzir tal efeito.

Alguns estudos citados por Sant’anna e Salata (2009), mais especificamente os de Jenks e Mayer (1990), destacam que as redes sociais em suas relações com o local afetam as oportunidades educacionais dos indivíduos. Assim, viver em bairros homogeneamente pobres restringiria as chances dos indivíduos de obterem informações sobre diversos tipos de oportunidades, em especial, em relação à obtenção de vagas em “boas” escolas, isso porque, morar em lugares com concentração de pessoas com baixa renda e baixa escolaridade leva à constituição de redes sociais limitadas, sendo difícil conseguir informações que tragam vantagens, como vagas em escolas ou empregos (SANT’ANNA; SALATA, 2009).

Para Flores (2008, p. 148-9) em contextos em que a pobreza se concentra, há a possibilidade da existência de “certos elementos localizados geograficamente no bairro e nas redes sociais locais” que são capazes de atingir de forma negativa seus moradores.

Van Zanten (2014), em seu estudo sobre as escolas de periferia no contexto francês, também aborda a relação entre o espaço e as desigualdades escolares. Dentre os resultados de sua pesquisa, essa autora destaca a força de atração do bairro sobre os alunos de famílias que não respondem às expectativas da escola, decorrendo daí tensões entre as lógicas de ação das duas instâncias de socialização (escola e família), o que colabora para produzir o fracasso escolar e o envolvimento dos alunos em “bandos e atividades desviantes” (op. cit. p. 176).

Os estudos sobre o bairro e a relação família-escola são importantes para conhecer outra face da escolha do estabelecimento de ensino, empreendida pelas famílias, que não

sejam aqueles que tratam apenas, isoladamente, das variáveis como *ethos* escolar familiar; classe social; escolaridade dos pais (BOURDIEU, 1998, NOGUEIRA, 1998).

No que concerne à escolha do estabelecimento de ensino, as famílias de camadas populares, desprovidas dos diferentes tipos de capital (econômico, cultural, social, informacional) e que tecem as suas redes de relações sociais de forma mais restrita à vizinhança local, têm sua capacidade de escolher a melhor escola limitada. Essa limitação pode ser entendida como dificuldades de ordem econômica para vencer as barreiras espaciais entre o bairro menos valorizado socialmente e seu par oposto que concentra os bens mais raros e cobiçados, isto é, as escolas mais reputadas e de “melhor” qualidade.

Alves, Fisch e Regis (2010, p.1) investigaram “os efeitos das características familiares e do contexto de moradia na chance de famílias de classes populares realizarem uma escolha diferencial por estabelecimentos escolares”. Para esses autores a Geografia das Oportunidades Educacionais²⁰ da cidade do Rio de Janeiro “evidencia a existência de mecanismos que possibilitam o acesso às escolas de qualidade para crianças oriundas de famílias de classes populares” (op. cit, p. 1). Nessa cidade, a maior oferta de estabelecimentos escolares “aumenta a chance de realização da escolha familiar em 17%, em comparação com as famílias que moram em local com uma relação entre oferta e demanda equilibrada” (ALVES; FISCH; REGIS, 2010, p. 10-11), portanto, a distribuição da oferta educacional na cidade afeta as dinâmicas das escolhas familiares. Além disso, segundo Alves, Fisch e Regis (2010), o nível de escolaridade dos pais, especialmente a conclusão do ensino médio ou superior, está associado à elevação das chances da família de realizar escolhas escolares diferenciadas no que se refere à qualidade do ensino. Para essas autoras “o fato de o aluno ter um dos pais com uma ocupação profissional que favoreça a rede de conhecimento sobre educação, reduz em 21% as chances de escolhas sem esse diferencial” (op. cit., p. 10). Da mesma forma, os contextos de moradia com índices de desenvolvimento social mais elevado e oferta de diferentes oportunidades educacionais elevam as chances das famílias realizarem escolhas escolares diferenciadas.

²⁰Os autores utilizam o conceito de *Geografia das Oportunidades* desenvolvido por Galster e Killer (1995), que procura relacionar o processo de tomada de decisões com o contexto geográfico dos indivíduos. [...] “A *Geografia Objetiva de Oportunidades*, isto é, a estrutura, qualidade e o acesso às oportunidades (sistemas sociais, mercados e instituições), variam entre uma região e outra. Ao mesmo tempo, a *Geografia Subjetiva de Oportunidades* (os valores, anseios, preferências e percepções subjetivas acerca das oportunidades e dos potenciais resultados da tomada de decisões) também varia geograficamente. A *Geografia Subjetiva* limita as oportunidades que, de fato, estão acessíveis aos indivíduos. Nesta perspectiva, as oportunidades de acesso às escolas do Ensino fundamental de qualidade por famílias de classes populares podem ser limitadas não apenas pela disponibilidade ou não de escolas, mas também por não estarem dentro do ‘horizonte possível’ (valores e expectativas diferenciadas) de famílias com determinadas características sociais, culturais e econômicas” (ALVES et al., 2010, p. 69).

Lacerda (2012, 2013) e Lacerda e Oliveira (2017) investigaram a escolha do estabelecimento de ensino em Viçosa (MG), considerando as dimensões socioespaciais e a distribuição das oportunidades educacionais nessa cidade. Para Lacerda (2012, 2013) no estudo da escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias na cidade de Viçosa – uma cidade média e universitária –, levando-se em conta as especificidades do contexto socioespacial e educacional, é pertinente operacionalizar na pesquisa, a noção de geografia das oportunidades e suas variações objetivas e subjetivas, pois ela permite considerar tanto as oportunidades educacionais objetivas da cidade, como as percepções dessas oportunidades pelas famílias. No entanto, essa autora considera que, diferentemente do que foi observado por Alves, Lange e Bonamino (2010, p. 69) na cidade do Rio de Janeiro, onde “a geografia subjetiva limita as oportunidades que, de fato, estão acessíveis aos indivíduos”, em Viçosa:

[...] as informações disponíveis no contexto urbano sobre a estrutura de oportunidades educacionais parecem afetar as famílias de diferentes meios sociais e, na lógica da geografia das oportunidades subjetiva, as redes sociais que se formam, ampliam as oportunidades, no sentido de favorecer a constituição de aspirações educacionais distintas daquelas mais prováveis para determinado grupo social (LACERDA, 2012, p.16).

Lacerda e Oliveira (2017), no estudo sobre os atos parentais de escolha de dois estabelecimentos de ensino públicos estaduais reputados de Viçosa (MG), destacam que nessa cidade “a diversidade da composição social dos bairros, onde se observa a presença de pessoas que ocupam posições socioocupacionais estáveis e outras em situação oposta; a condição de cidade média, os padrões de sociabilidade a ela inerentes e a presença da UFV se conjugam para enfraquecer as barreiras de interação entre os diferentes grupos sociais” (LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 6).

De acordo com Lacerda e Oliveira (2017, p. 134):

Os encontros intrínsecos à cidade, apesar das exclusões, são viabilizados em Viçosa, por exemplo, pela reduzida dimensão territorial da área urbana, o que singulariza a mobilidade neste espaço; pela localização da UFV na área central da cidade, onde se concentra a oferta de trabalho; pelo fato de ter uma via pública cortando o *campus*, por onde circula cotidianamente o transporte público que provém e se destina aos diferentes bairros da cidade, fazendo com que os trabalhadores, em seus deslocamentos diários, passem pela Universidade e interajam com estudantes, funcionários e professores da UFV.

Diante do exposto nessa seção do capítulo, e considerando que essa pesquisa é realizada em Carangola, uma cidade pequena, as contribuições de Lacerda (2014, 2016) são

pertinentes para a análise da escolha do estabelecimento de ensino. Essa autora tem chamado a atenção para a especificidade da pesquisa em educação que toma a cidade pequena como campo de estudo. Segundo ela, são poucas as pesquisas relacionadas a esse espaço.

Lacerda (2014)²¹²² aborda em seu estudo as redes que se constituem no campo educacional da cidade de Carangola. Segundo a autora (op. cit.), na cidade pequena, o território pode ser marcado por pequenas distâncias, mas o emaranhado das redes, onde se conhece pelo menos “de vista”²³ todos os espaços e quase todos os moradores, faz com que tudo seja de conhecimento de todo mundo como os diversos sujeitos que fazem parte do cotidiano dessa cidade: os professores, os auxiliares de serviços gerais, os pais dos alunos e os alunos.

Esse conhecimento envolve também as escolas, suas histórias, seu corpo docente e discente, as famílias que as constituem, bem como os bairros no qual estão inseridas. Assim, segundo Lacerda (2014), a visibilidade das pessoas e dos espaços na cidade pequena é ampliada e o tempo em que se processam as informações sobre fatos que ocorrem na cidade com os seus moradores é naturalmente corrente, fluido. Dessa forma, “Beneficiados pela proximidade física, os habitantes das cidades pequenas constituem outro paradoxo no qual, quanto menor a cidade, maior a rede.” (LACERDA, 2014, p. 110).

Após abordarmos parte da literatura que trata da prática educativa de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias de diferentes meios sociais nos contextos nacionais e internacionais, nos quais foi observada a predominância das grandes cidades como *lócus* de estudo, bem como a literatura que apresenta a pesquisa sobre a escolha do estabelecimento em cidade média universitária, Viçosa (MG) e, sendo o *lócus* de estudo dessa dissertação a cidade pequena, Carangola (MG), o próximo capítulo apresentará os contextos socioespacial e educacional dessa cidade.

²¹ Lacerda, nessa obra, estudou o cotidiano de professores e professoras de duas cidades pequenas de Minas Gerais, Carangola e Espera Feliz, distantes a aproximadamente 26 km uma da outra.

²²Essa autora destaca também a grande importância que o conjunto das cidades pequenas representa em termos de população do Brasil e chama a atenção para a realidade do ensino superior brasileiro, nas pequenas cidades – como é o caso da cidade de Carangola –, que tem se modificado nos últimos anos com a sua expansão para o interior, gerando novas configurações para esses territórios, como por exemplo, a “criação de programas de pós-graduação, contribuindo junto à produção de conhecimentos de natureza local e intensificando as relações entre universidade e comunidade” (LACERDA, 2016, p. 80-1).

²³ Segundo relata Lacerda (2014), é uma expressão muito usada em cidade pequena, onde os encontros são permanentes, para dizer que se conhece uma pessoa de algum lugar, com alguma referência que a classifique como um morador da cidade, mas sem se relacionar com ela pessoalmente.

2. O CONTEXTO SOCIOESPACIAL E EDUCACIONAL DE CARANGOLA (MG)

Este capítulo apresenta o contexto socioespacial e educacional da cidade de Carangola (MG), a caracterização das escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, com destaque para as escolas, EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE Do Bairro Santo Onofre, *lócus* dessa pesquisa.

2.1 O contexto socioespacial de Carangola (MG): uma cidade pequena

Carangola localiza-se na Zona da Mata²⁴ do Estado de Minas Gerais, com população estimada para 2018 de 32.988 habitantes. A cidade apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) de 0,695²⁵ (IBGE, 2010), considerado médio no Estado de Minas Gerais²⁶.

²⁴Carangola integra a Mesorregião Zona da Mata e a Microrregião Geográfica de Muriaé. http://54.94.199.16:8080/publicacoesArquivos/ceivap_pubMidia_Processo_064-2013_Carangola_CM.pdf

²⁵ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um dado utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para analisar a qualidade de vida de uma determinada população e os critérios como grau de

A figura 1 apresenta o mapa do município de Carangola (MG) com área da unidade territorial [2017]²⁷ de 353.404 km² e densidade demográfica²⁸ de 91,39 habitantes por km². É formado por três distritos, Lacerdina, Alvorada e Ponte Alta de Minas - um povoado - São Manoel do boi e outras áreas rurais. A cidade é constituída de dezesseis bairros²⁹: Centro, Aeroporto, Amendoeiras, Caixa D'Água, Chevrand, Coroado, Eldorado, Floresta, Novos Tempos, Ouro Verde, Panorama, Santa Emília, Santa Maria, Santo Onofre, Triângulo e Varginha.



Figura 1: Mapa do município de Carangola (MG).

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=311330>.

A cidade de Carangola apresenta na área central, lugar das primeiras habitações (1900 a 1920), desde essa época, uma “infraestrutura urbana significativamente satisfatória para os padrões da época” (MATTOS, 2013, p. 44). De acordo com essa autora, as construções da Igreja Matriz Santa Luzia, da Praça Coronel Maximiano e da estação ferroviária, no Centro, representam, até os dias atuais, a área imobiliária da cidade mais valorizada, simbolizando espaços de poder na cidade. A expansão urbana e econômica da cidade de Carangola, que tinha como base a economia cafeeira, continuou nos anos de 1920,

escolaridade, renda e nível de saúde são utilizados para calcular o IDH. Este índice vai de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Quanto mais próximo de 1, mais desenvolvido é o município.

²⁶O IDH-M é considerado médio em MG, variando de 0,600 a 0,699, o que inclui 552 municípios do Estado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_de_Minhas_Gerais_por_IDH-M. Acesso em: 25 jan 2018.

²⁷ Fonte: IBGE Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carangola/panorama>> Acesso em 25 de jan. 2018.

²⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carangola/panorama>. Acesso em: 10 dez. 2017.

²⁹Dados obtidos na Prefeitura Municipal de Carangola (MG)./Setor Protocolo (jan/2018).

com a instalação de estabelecimentos industriais como fábricas que produziam desde gêneros alimentícios e de higiene, a móveis e material cerâmico como a porcelana, dentre outros (MATTOS, 2013). Nessa década foi construída também, a primeira escola da cidade, a EE Melo Viana, no ano de 1925 (GOMES, 2002).

Atualmente o centro da cidade concentra as lojas do comércio local, os equipamentos de saúde e a maior parte dos estabelecimentos de ensino. Verifica-se nesse espaço, um contexto educacional diversificado, com escolas privadas e públicas, que ofertam desde a Educação Infantil ao Ensino Médio; bem como duas instituições de educação superior: a Unidade de Carangola da Universidade do Estado de Minas Gerais³⁰ e a Faculdade Doctum Carangola³¹, uma instituição privada.

Dentre os dezesseis bairros da cidade de Carangola, os primeiros a serem ocupados, de acordo com Mattos (2013)³², foram: o Centro, na década de 1910 e o Triângulo, nos anos 1920³³, seguidos nos anos 1950 e 1960 pelos bairros Santo Onofre e Santa Emília. Nos anos de 1961 a 1970 foram ocupados os bairros Coroado e Aeroporto. No período de 1971 a 1980 surgiram os bairros Amendoeiras, Chevrant e Caixa D'água. Os últimos bairros a serem ocupados na cidade de Carangola foram: Varginha, Santa Maria, Panorama, Ouro Verde e Eldorado entre os anos de 1981 e 1990 (MATTOS, 2013). Posteriormente surgiram outros dois bairros, Novos Tempos, em 1996³⁴ e Floresta.

Carangola não se diferencia da maioria das cidades brasileiras que possuem espaços segmentados geograficamente e socialmente e as hierarquias sociais se projetem no seu território (MATTOS, 2013). Essa cidade se constitui de bairros valorizados socialmente, com moradores com alta renda, como é o caso do Centro e parte baixa do Triângulo, e parte dos bairros Chevrant, Caixa D'água e Amendoeiras. Os bairros menos valorizados localizam-se mais distantes do Centro, alguns deles são estigmatizados, por exemplo, aqueles que tiveram origem em loteamentos para a construção de casas populares, localizados em lugares de difícil

³⁰ A cidade de Carangola oferta a educação superior desde o início da década de 1970, quando foi implantada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola. Desde então a cidade se caracteriza como um pólo educacional. Em 1999 foi credenciada na qualidade de Campus Fundacional agregado à Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Em 2007, passou a ser FAVALE – Faculdades Vale do Carangola, com a incorporação da FACEX e do ISEC. No ano de 2013, a FAVALE tornou-se Unidade da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), instituição pública estadual.

³¹ Pertencente à rede privada de ensino Doctum, que oferece o curso de Direito em Carangola (MG).

³² Mattos (2013) analisa a ocupação dos bairros de Carangola (MG). Segundo a autora (op.cit.), as datas das ocupações remontam um período anterior às suas datas de criação, com exceção do bairro Coroado por, provavelmente, ter sido um empreendimento que envolveu parceria com o Governo Estadual.

³³ Segundo Mattos (2013), esse bairro surgiu com a implantação de indústrias em Carangola, nos anos de 1920, e, consequentemente a vila operária, Vila Sofia, que servia de moradia para os operários da indústria de porcelana, localizada no bairro Triângulo.

³⁴ Foi objeto de estudo da dissertação de Mattos (2013), intitulada “O poder público municipal como agente modelador do espaço urbano: O caso do bairro Novos Tempos no município de Carangola (MG)”.

acesso como os bairros Novos Tempos e Panorama e outros como Floresta, Aeroporto, Santo Onofre e Varginha, também localizados em áreas altas e, ou de difícil acesso.

No bairro Centro, Triângulo, Caixa D'Água e Santa Emília encontram-se localizados a maior parte dos equipamentos sociais valorizados dessa cidade, como o hospital, a praça central, os prestadores de serviços na área da saúde, o comércio local, as escolas públicas e privadas³⁵, bem como a Unidade da UEMG, dentre outros. Também no Centro da cidade, se observa o surgimento de um processo de verticalização, com a presença de alguns edifícios que vêm sendo construídos de forma tímida ao longo dos anos, cujos moradores pertencem às elites locais.

Os bairros Floresta, Panorama, Novos Tempos, Eldorado, Santo Onofre, Aeroporto e Varginha se caracterizam pelo maior afastamento espacial da área central, pela existência de moradias com padrões de construção de estrutura inferior e são desprovidos de bens e serviços. Nos termos de Bourdieu (2013, p. 138), esses bairros não têm “equipamentos educativos, culturais e, ou, sanitários”, que confira àqueles que residem nesses lugares “lucros espaciais” e, ou, “lucros de localização”.

Dentre esses bairros, o Santo Onofre, apesar de se localizar próximo ao Centro e possuir quatro escolas³⁶ em seu território, seus moradores não usufruem de “ganhos de localização” (BOURDIEU, 1997, p. 163), relacionados à proximidade com a área central da cidade. A parte baixa desse bairro, localizada próximo ao Centro, sofre com enchentes, o que o desvaloriza do ponto de vista imobiliário. A parte que se localiza no alto de um morro é habitada por moradores de baixa renda, com moradias com estruturas inferiores. Além disso, é estigmatizado como um bairro violento.

O bairro Novos Tempos é distante do Centro da cidade e também estigmatizado³⁷. A origem desse bairro se deu através de um projeto do poder público municipal de construção de casas populares, mas que se efetivou com infraestrutura precária (MATTOS, 2013). Nesse bairro se localiza apenas uma escola de Educação Infantil, o que obriga as famílias a encaminharem os filhos para fora do bairro, especialmente para a EE Dr. Jonas de Faria Castro, situada no bairro vizinho, o Coroadó, para cursar o Ensino Fundamental.

³⁵ No Centro localizam-se cinco escolas privadas de Educação Básica e duas escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

³⁶ Além da EE do Bairro Santo Onofre, que oferta as séries iniciais do Ensino Fundamental, nesse bairro também se localiza a EE Emília Esteves Marques, que oferta as séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA; o CMEI Bairro Santo Onofre que oferta a Educação Infantil (0 a 3 anos) e a escola de educação especial, EE Walton Batalha Lima.

³⁷ De acordo com Mattos (2013), alguns moradores desse bairro, disseram que a cidade os vê como moradores de periferia ou favela.

Os bairros Floresta e Aeroporto, também localizados distantes do Centro da cidade, não possuem escolas de primeiro segmento do Ensino Fundamental em seus territórios. Esses bairros também são habitados, em sua maior parte, por famílias de baixa renda.

A cidade de Carangola (MG), constituída por dezesseis bairros hierarquizados em função da distância do Centro e das propriedades sociais de seus moradores, é uma cidade pequena. A área urbana da cidade é de 6.534,432 km²³⁸ referente ao perímetro de 17.375 metros lineares. Essa condição facilita a mobilidade das pessoas pelos diferentes espaços da cidade, pois as distâncias são relativamente curtas e podem ser transpostas a pé ou por veículos não motorizados como bicicletas.

Sendo uma cidade pequena, em que, ao subir em um lugar mais alto é possível visualizar o espaço urbano e a distribuição dos bairros (SILVA, 2000; LACERDA, 2014), é possível perceber a hierarquia social que essa apresenta. As diferenças entre os bairros podem ser observadas também, por exemplo, no deslocamento diário que é feito em direção ao centro da cidade pelos moradores de Carangola (MG), quando estes se movimentam para os postos de trabalhos, concentrados na região central. Geralmente os moradores dos bairros mais afastados utilizam, em sua comunicação diária, frases como “Vou à rua hoje.” ou “Vou à cidade.”, se referindo a um deslocamento para o Centro, o que explicita o reconhecimento da existência de uma hierarquia entre os bairros.

³⁸ Lei Municipal nº 3.840 de 17 de abril de 2008.

2.2 O contexto educacional da cidade de Carangola (MG)³⁹

A oferta da Educação Básica em Carangola (MG) caracteriza-se pela segmentação, ou seja, nenhuma escola localizada na área urbana oferta todas as etapas desse nível de ensino.

A oferta pública da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Carangola (MG) caracteriza-se pela segmentação, ou seja, nenhuma escola localizada na área urbana oferta todas as etapas da Educação Básica e apenas uma oferta os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. O quadro 1, a seguir, mostra os estabelecimentos de ensino que ofertam a Educação Infantil, o primeiro segmento do Ensino Fundamental e os bairros onde eles se localizam.

Quadro 1: Oferta da Educação Básica Pública na cidade de Carangola (MG)

Estabelecimentos	Etapas da Educação Básica	Bairros
CMEI Lelena de Oliveira	Educação Infantil (3 a 5 anos)	Centro
CMEI Menino Jesus	Educação Infantil (3 a 5 anos)	Centro
CMEI Fernando Quintão Hosken	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Triângulo
CMEI Maria Olinda	Educação Infantil (0 a 5 anos)	Triângulo
CMEI Bairro Santo Onofre	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Santo Onofre
CMEI Iodetes Faria Knupp	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Coroado
CMEI Professora Cifra Lacerda Amarante	Educação Infantil (0 a 5 anos)	Caixa D'água
Pré-escolar na EE Benedito Valadares ⁴⁰	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Centro
Pré-escolar Maria Victória Ferreira	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Triângulo
Pré-escolar João e Maria	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Santo Onofre
Pré-escolar Vereador Pedro Rosa Moura	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Aeroporto

³⁹A cidade de Carangola conta também com sete instituições privadas que ofertam as etapas da Educação Básica: a Escola Servita Regina Pacis, criada em 1921, que oferece a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio; a Escola Portal da Educação de Carangola, criada em 1995, que oferta a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental; a Escola Oficina do Saber, criada em 1996, que oferece toda a Educação Básica; o IMEC Carangola, criado em 2005, que também oferta toda a Educação Básica; o Sistema Equipe de Ensino - Unidade de Carangola, criado em 2009, que oferta os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio; o Centro de Educação Infantil Arte Manhã, criado em 2009, que dispõe de Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental e o Colégio Pequeno Príncipe, criado em 2018, que oferta a Educação Infantil. A maior parte das escolas privadas foi criada a partir da década de 1990, coincidindo com o momento de expansão das matrículas na rede pública. Há entre algumas famílias dessa cidade com poder aquisitivo mais elevado, uma tendência à escolha de escolas da rede privada em busca de uma melhor “qualidade” do ensino. Outra expansão é observada na segunda metade da primeira década dos anos 2000, que coincide com a elevação da renda de parte das famílias brasileiras, conforme indicado Neri (2010). Esse autor designou esse contingente como “nova classe média”. Cabe destacar ainda que, como moradora de Carangola, de uma cidade pequena, onde se conhece muitas famílias, de vista, de ouvir falar (LACERDA, 2014) e por possuir contatos da minha rede de relações sociais com profissionais da área da educação nessa cidade e conhecer a maioria das escolas, bem como os professores que nelas trabalham, posso afirmar que é cada vez maior o número de pais que trabalham no comércio local e funcionários públicos, principalmente os professores, que fazem grande esforço para colocar e manter os filhos em escolas particulares, o que explica o crescimento do número de matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental nessas escolas. As matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental, nos estabelecimentos privados dessa cidade, passaram de 53 em 2010, para 100, em 2017.

⁴⁰ Esse pré-escolar funciona em uma sala de aula cedida no prédio da EE Benedito Valadares, no Centro, sendo vinculado à administração pública municipal.

Pré-escolar Dedo Verde	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Coroado
Pré-escolar na EM Antônio Marques	Educação Infantil (4 a 5 anos)	Chevrand
EE Melo Viana	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Centro
EE Benedito Valadares	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Centro
EE Professor Augusto Amarante	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Triângulo
EE Do Bairro Santo Onofre	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Santo Onofre
EM Antônio Marques	Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais) e EJA	Chevrand
EE Dr. Jonas de Faria Castro	Ensino Fundamental e EJA	Coroado

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Como mostrado no quadro 1, doze instituições ofertam apenas a Educação Infantil e uma, a Educação Infantil e o primeiro segmento do Ensino Fundamental; quatro escolas apenas o primeiro segmento do Ensino Fundamental, sendo que dentre essas, três cedem salas para o funcionamento da Educação Infantil; uma escola pública oferta o primeiro e o segundo segmento do Ensino Fundamental.

Além das escolas que constam no quadro 2, na cidade de Carangola, há outra escola pública estadual que oferta os anos finais do Ensino Fundamental e duas outras que ofertam o segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

2.2.1 A Educação Infantil pública em Carangola

A oferta pública municipal de Educação Infantil⁴¹ se dá em sete Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's)⁴², cujo funcionamento ocorre em tempo integral em seis instituições e em tempo parcial em uma; em uma escola municipal⁴³ que funciona em tempo parcial; em três salas cedidas por escolas públicas estaduais e duas salas funcionando em casas alugadas e, ou, próprias do município, com turmas de pré-escolar em tempo parcial.

Dentre os sete CMEI's, três atendem crianças de zero a três anos, dois atendem crianças de zero a cinco anos e dois crianças de três a cinco anos de idade. Cinco turmas de pré-escolar, que atendem crianças de 4 a 5 anos de idade, funcionam em salas de aula cedidas pelas seguintes escolas estaduais: EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre. Nesses casos, há uma tendência de que os estudantes que

⁴¹ A oferta de vagas na Rede Municipal de Educação Infantil (CMEI's e Pré-escolas) não atende à demanda, apesar da expansão que ocorreu nos últimos anos. Existe "uma luta" das famílias carangolenses por vagas em CMEI's e pré-escolas.

⁴² CMEI Lelena de Oliveira; CMEI Menino Jesus; CMEI Maria Olinda; CMEI Professora Cifra Lacerda Amarante; CMEI Bairro Santo Onofre; CMEI Dr. Juarez Quintão Hosken e CMEI Iodetes Faria Knupp.

⁴³ Escola Municipal Antônio Marques.

frequentam o pré-escolar nessas escolas estaduais permaneçam nelas para cursar os anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.2.2 A oferta pública das séries iniciais do Ensino Fundamental em Carangola

A oferta do primeiro segmento do Ensino Fundamental ocorre em cinco estabelecimentos de ensino públicos estaduais e um público municipal. Já o segundo segmento dessa etapa da Educação Básica é ofertado em quatro escolas, três estaduais e uma municipal. O Ensino Médio é ofertado em duas escolas públicas estaduais.

As seis escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental em Carangola estão localizadas: no Centro da cidade, EE Melo Viana e EE Benedito Valadares; em dois bairros centro-periféricos⁴⁴, EE Professor Augusto Amarante (bairro Triângulo) e EE do Bairro Santo Onofre (bairro Santo Onofre). A EM Antônio Marques está localizada em um bairro adjacente⁴⁵ ao Centro (bairro Chevrand) e a EE Dr. Jonas de Faria Castro, em um bairro mais afastado, denominado Coroado.

A figura 2 mostra os bairros da cidade de Carangola e a localização das escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental na área urbana.

⁴⁴ Serão denominados bairros centro-periféricos aqueles localizados a aproximadamente 1,5km do Centro da cidade, que possuem como característica uma infraestrutura que combina partes imobiliárias mais valorizadas com áreas altas que possuem infraestrutura mais inferior, sendo essas últimas estigmatizadas por violentas.

⁴⁵ Os bairros adjacentes ao centro são aqueles que se distanciam a apenas 300 metros aproximadamente.

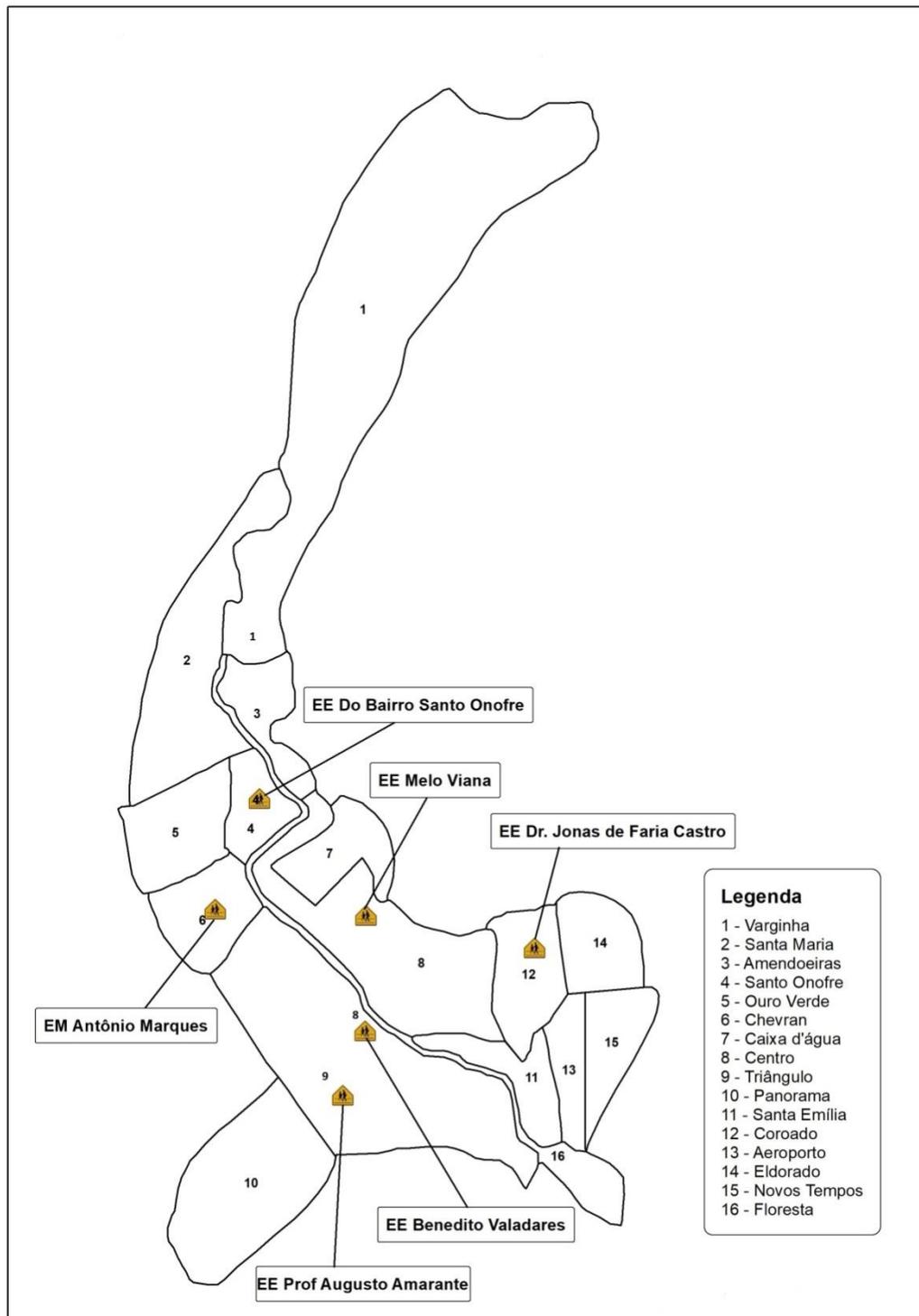


Figura 2: Bairros e localização das escolas públicas de Ensino Fundamental (anos iniciais) na cidade de Carangola (MG)

Fonte: Mapa da delimitação da cidade de Carangola (MG)⁴⁶ de Mattos (2013), elaborada e modificada pela autora.

⁴⁶ De acordo com informações obtidas na Secretaria Municipal de Política Urbana da cidade de Carangola (MG) e no Serviço Municipal de Saneamento Básico e Infraestrutura de Carangola (SEMASA), atualmente não há um mapa da cidade delimitado por bairros que esteja disponível, mas apenas por loteamentos, por isso utilizou-se de

Os bairros mais afastados do Centro da cidade que não possuem escolas são: Santa Maria, Ouro Verde, Amendoeira e Varginha⁴⁷. A escola pública que oferta o primeiro segmento do Ensino Fundamental e que se localiza mais próximo desses bairros é a EE do Bairro Santo Onofre.

O bairro Coroado e seu vizinho bairro Eldorado, localizam-se a aproximadamente 2,4 km de distância do Centro. No primeiro se localiza a EE Dr. Jonas de Faria Castro que oferta todo o Ensino Fundamental e o EJA. Funciona nesse bairro também uma sala de pré-escolar que atende crianças de 4 a 5 anos e o CMEI Iodetes Faria Knupp, que atende crianças de 0 a 3 anos de idade.

Nos bairros Triângulo e Santo Onofre estão localizadas respectivamente a EE Professor Augusto Amarante e a EE do Bairro Santo Onofre, as quais se distanciam a 1,5 km do centro da cidade. Nessas escolas funcionam turmas de Educação Infantil municipais com salas de aula cedidas.

A EM Antônio Marques, localizada no bairro Chevrand, a aproximadamente 300 metros do CMEI Lelena de Oliveira, oferece o primeiro segmento do Ensino Fundamental e a Educação Infantil.

As escolas estaduais – Benedito Valadares e Melo Viana – estão situadas no centro da cidade e se distanciam uma da outra aproximadamente 600 metros. O CMEI Menino Jesus é o mais próximo dessas escolas, localizado a 300 metros. Na EE Benedito Valadares funciona uma turma de pré-escolar municipal, em sala de aula cedida.

2.2.2.1 As hierarquias entre os estabelecimentos de ensino que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental em Carangola

As seis escolas públicas – EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante, EE Dr. Jonas de Faria Castro, EE do Bairro Santo Onofre e EM Antônio Marques – que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental ocupam posições diferentes na hierarquia dos estabelecimentos públicos em Carangola. Os dados que mostram essa diferença, considerados nessa dissertação, foram: (i) os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁴⁸, referentes aos anos de 2007, 2009, 2011, 2013, 2015 e 2017; (ii) o

forma adaptada o mapa de Mattos (2013) que apresenta o início da ocupação da população da cidade de Carangola (MG), que se apresenta dividida por bairros.

⁴⁷ De acordo com o Censo 2010, a população de crianças e jovens em idade de (0 a 14 anos) residentes nestes bairros é 826 (Disponível em: http://populacao.net.br/populacao-ouro-verde_carangola_mg.html. Acesso em: 26 jun. 2018).

⁴⁸ “O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. Ele é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo

Indicador de Nível Socioeconômico das escolas (INSE)⁴⁹, calculado com base nos dados de 2011 e 2013 e (iii) o INSE, de 2015.

A tabela 1, a seguir, mostra o IDEB das escolas públicas de Carangola que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, de 2007 a 2017.

Tabela 1: IDEB de escolas públicas da cidade de Carangola (MG)

Escolas Públicas	2007	2009	2011	2013	2015	2017
EE Benedito Valadares	3,8	4,3	5,4	5,2	5,4	6,1
EE do Bairro Santo Onofre ⁵⁰	3,5	3,4	-	4,6	-	5,6
EE Dr. Jonas de Faria Castro	4,7	6,6	6,1	5,9	6,1	6,0
EE Melo Viana	4,9	5,4	6,1	5,5	6,1	6,2
EE Professor Augusto Amarante ⁵¹	4,4	5,1	4,7	5,0	4,6	-
EM Antônio Marques	2,8	4,6	4,7	4,2	4,2	5,3

Fonte: INEP, 2018.

Em 2017, último ano da série histórica considerada, as escolas estaduais: Melo Viana, Benedito Valadares e Dr. Jonas de Faria Castro ocuparam as primeiras posições, tendo alcançado índices muito próximos. O IDEB da EM Antônio Marques se distanciou das demais nesse ano, ainda que tenha sido o mais alto alcançado na série histórica considerada.

Em 2015, as escolas públicas estaduais: Melo Viana e Dr. Jonas de Faria Castro ocupavam a primeira posição, ambas com IDEB 6,1. A EE Melo Viana, conforme já mencionado, está localizada no Centro da cidade e a EE Dr. Jonas de Faria Castro, no bairro Coroado. Na terceira posição do ranqueamento encontra-se a EE Benedito Valadares, com

Escolar, e das médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil – para os municípios”. Disponível em: <http://inep.gov.br/ideb>. Acesso em: 10 jan. 2018.

⁴⁹O Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (INSE) foi criado no segundo semestre de 2014 pelo INEP. De acordo com a Nota Técnica (2016, p. 1) “Trata-se de uma medida cujo objetivo é situar o conjunto dos alunos atendidos por cada escola em um estrato, definido pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família dos alunos e pelo nível de escolaridade de seus pais”. A medida de nível socioeconômico dos alunos foi calculada com os dados da Prova Brasil e da Aneb de 2011 e 2013. A base de dado utilizada para a construção do indicador INSE foram as respostas dadas pelos alunos aos questionários contextuais da Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB), da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) também denominada Prova Brasil, nesse caso, o conjunto de alunos do 5º ano de escolaridade. As informações referentes ao INSE ou NSE das escolas se encontram nos Boletins Informativos da Prova Brasil por ano de cada escola (Disponível em: sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/view/boletimDesempenho/boletimDesempenho.seam. Acesso em 15 jan. 2017).

⁵⁰A escola ficou sem média no Saeb (2011, 2015) por não ter participado ou não ter atendido os requisitos necessários para ter o desempenho calculado. Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/31096881> Acesso em 20 de junho de 2017).

⁵¹O registro no Portal do INEP em resultados do IDEB é de que essa escola não apresentou resultado do IDEB 2017 ou sem cadastro no Censo da Educação Básica 2017.

IDEB 5,4, também localizada no Centro. Os índices da EE Professor Augusto Amarante e da EM Antônio Marques foram 4,6 e 4,2, respectivamente, o que as posiciona na quarta e quinta posição.

Considerando o IDEB de 2013, as escolas ficam posicionadas, em ordem decrescente, da seguinte forma: EE Dr. Jonas de Faria Castro, EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Augusto Amarante, EE do Bairro Santo Onofre e EM Antônio Marques. Os índices das duas escolas que ocupam as posições mais baixas, respectivamente 4,6 e 4,2, as distanciaram das demais escolas.

Nos outros de 2007, 2009 e 2011, observa-se tendência semelhante no ranqueamento. As escolas estaduais: Melo Viana e Dr. Jonas de Faria Castro oscilando na primeira posição. Na segunda e terceira posição essa oscilação ocorre entre as escolas estaduais Benedito Valadares e Augusto Amarante. No ano de 2007, a EM Antônio Marques e EE do Bairro Santo Onofre, eram as mais mal ranqueadas.

Ainda que se observe uma variação das posições no *ranking* construído a partir do IDEB, a EE Dr. Jonas de Faria Castro e a EE Melo Viana oscilam na primeira posição com os melhores resultados no período considerado. A seguir, também em situação de volatilidade de posições aparecem a EE Benedito Valadares e a EE Augusto Amarante. Nas posições mais baixas desse *ranking* encontram-se a EM Antônio Marques e a EE do Bairro Santo Onofre.

A visibilidade das posições das escolas nesse *ranking* construído com os resultados do IDEB ampliou-se a partir do ano de 2012⁵², quando deu início ao processo de divulgação dos resultados do IDEB em placas nas portas das escolas públicas do Estado de Minas Gerais⁵³.

Essas placas foram colocadas em posições frontais nas escolas, de modo que fossem vistas por todos, o que permitia uma hierarquização das escolas, conforme as notas obtidas, ou seja, em escolas de alta “qualidade”, aquelas com os índices mais elevados e escolas de baixa

⁵² Em 2012 foram instaladas placas com o IDEB nas escolas públicas estaduais de Minas Gerais, de forma a tornar públicos os resultados das escolas. Tratou-se de uma deliberação da Secretaria Estadual de Educação SEE/MG. As placas com os resultados do IDEB referentes ao ano de 2011 foram recebidas pelas escolas da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG) para serem afixadas. Sobre essa iniciativa ver: http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83499/noticiario_2013-01-17%205.pdf?sequence=1

⁵³ Das quatro escolas *locus* da pesquisa, apenas a EE Professor Augusto Amarante, mantém a placa exposta em um lugar visível com os resultados de 2011. Nas duas escolas centrais – EE Melo Viana e EE Benedito Valadares – por motivos de reforma nas escolas ou danos nas placas, elas foram retiradas, mas se encontram guardadas. A EE Do Bairro Santo Onofre não recebeu a placa do IDEB referente ao ano de 2011, porque não atendeu aos critérios para cálculo do índice em função do baixo número de estudantes que participaram da Prova Brasil.

“qualidade”, aquelas com os índices mais baixos. A figura 3, a seguir, mostra a placa instalada na EE Professor Augusto Amarante.

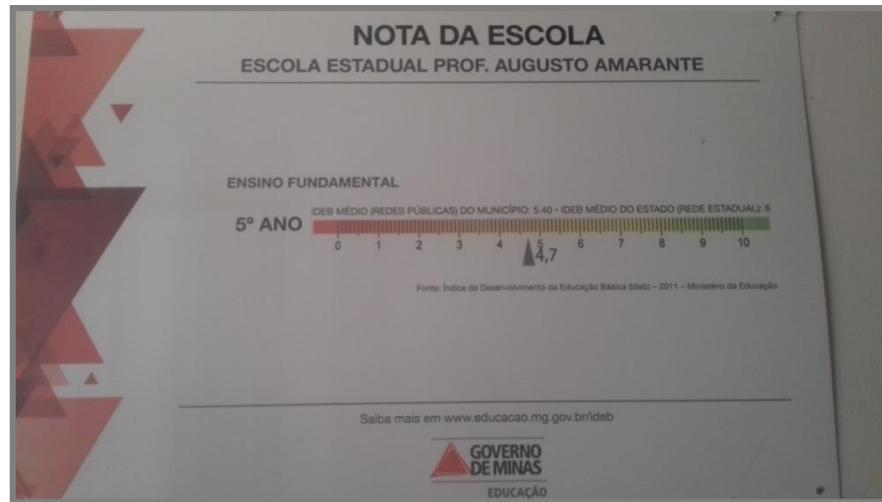


Figura 3: Placa afixada na EE Professor Augusto Amarante

Fonte: Viviane Teixeira Alves Souza (2018)

A divulgação do IDEB por meio dessas placas deu visibilidade à hierarquização entre as escolas, em função desse índice, que não passou despercebida. A fixação dessas placas nas escolas públicas de Carangola gerou muitos comentários no *Facebook*, entre professores e pais, dentre eles, agradecimentos aos profissionais das escolas que obtiveram os índices mais altos e elogios às escolas que se destacaram positivamente.

O fato de Carangola ser uma cidade pequena, lugar em que não se conhece anonimatos (LACERDA, 2014), com redes de relações intensas entre os moradores, famílias e os professores⁵⁴, faz com que a divulgação nessas placas de uma régua com a medição da “qualidade” das escolas repercuta com rapidez. Parece que as famílias, após essa divulgação, ampliaram suas percepções sobre a “qualidade” das escolas e a demanda por vagas aumentou naquelas escolas que alcançaram o IDEB mais elevado.

Além do IDEB, o Indicador do Nível Socioeconômico (INSE) das escolas públicas pode ser considerado para a compreensão das hierarquias entre os estabelecimentos de ensino. O cálculo desse indicador para as escolas de Educação Básica é feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que utiliza as bases de dados com as respostas dadas pelos alunos aos questionários contextuais da Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB), da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), também denominada Prova Brasil e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

⁵⁴ Lacerda (2014) destaca em seu trabalho a existência de redes de relações sociais entre professores e professores, professores e as famílias dos alunos e entre os moradores da cidade de Carangola (MG).

Antes da elaboração do INSE pelo INEP, Alves et al. (2012) estimaram o nível socioeconômico (NSE) de 70 mil escolas públicas e privadas brasileiras. Conforme Nogueira e Lacerda (2014, p. 149):

Nesse índice – e com base nos questionários contextuais aplicados no âmbito das avaliações da educação básica feitas pelo Inep, nos anos de 2001 a 2009 – os pesquisadores agregaram dados sobre a renda familiar, a ocupação e o nível de instrução dos pais. A partir daí, os autores construíram uma estratificação das escolas em sete grupos de acordo com o índice de NSE médio de seus alunos: ‘mais alto, alto, médio alto, médio, médio baixo, baixo e mais baixo’.

O INEP considerou o NSE estimado por Alves et al. (2012) para fazer a correlação com o INSE médio das escolas e obteve a correlação de 0.96⁵⁵.

O quadro 2 apresenta os resultados do INSE de 2011/2013 e 2015 das seis escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental na cidade de Carangola (MG).

Quadro 2: Nível socioeconômico do alunado das escolas públicas de Carangola (MG)

Escolas Públicas	Bairros	INSE 2011/2013		INSE 2015	
		Valor Absoluto	Classificação ⁵⁶	Valor Absoluto	Classificação ⁵⁷
EE Benedito Valadares	Centro	49,11	Nível III Médio Baixo	49,86	Nível IV Médio

⁵⁵Disponível em:

http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf. Acesso em: 10 set. 2017.

⁵⁶Níveis do INSE 2011-2013 - “**Nível III - (40;50)**: Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos e um banheiro; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à *internet*; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1 e 1,5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino. **Nível IV - (50;60)**: Já neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como um rádio, uma geladeira, dois telefones celulares, até dois quartos e um banheiro e, agora, duas ou mais televisões em cores; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à *internet*; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos e um carro; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1,5 e 5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino. http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

⁵⁷No ano de 2015, no “**Nível IV - (48;56)**: [...] os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como dois ou três quartos para dormir, um banheiro, uma geladeira, três ou mais telefones celulares, e um ou dois televisores e; bens complementares como máquina de lavar roupas, micro-ondas, computador (com ou sem internet), um telefone fixo e um carro; bens suplementares, como freezer; a renda familiar mensal está entre 1,5 e 3 salários mínimos; e seus responsáveis completaram o ensino médio ou a faculdade”. Disponível em: http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2015/nota_tecnica/nota_tecnica_inep_inse_2015.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

EE Dr. Jonas de Faria Castro	Coroado	48,55	Nível III Médio Baixo	49,51	Nível IV Médio
EE Melo Viana	Centro	53,25	Nível IV Médio	51,38	Nível IV Médio
EE Professor Augusto Amarante	Triângulo	48,66	Nível III Médio Baixo	50,58	Nível IV Médio
EM Antônio Marques	Chevrant	48,31	Nível III Médio Baixo	44,11	Nível IV Médio
EE do Bairro Santo Onofre	Santo Onofre				

Fonte: INEP (2017)

Considerando-se o INSE de 2011/2013, a EE Melo Viana ocupa a primeira posição dentre as escolas públicas de Carangola que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, Nível IV (Grupo Médio). Cinco escolas (EE Benedito Valadares, EE Dr. Jonas de Faria Castro, EE Professor Augusto Amarante, EM Antônio Marques e EE do Bairro Santo Onofre) foram classificadas no Nível III (Grupo Médio Baixo), imediatamente inferior ao da EE Melo Viana.

Apesar de a diferença do INSE 2011/2013 da EE Benedito Valadares em relação à EE Melo Viana ser baixo, levando-se em conta a proximidade entre essas escolas, uma vez que ambas localizam-se no Centro, a poucos metros de distância uma da outra, conforme já mencionado, e o fato de que ambas são consideradas escolas tradicionais, no contexto dessa cidade, parece estar ocorrendo uma mudança do perfil social das famílias, cujos filhos frequentam a EE Benedito Valadares. Essa escola foi criada em 1935, ocupa um prédio com estilo arquitetônico moderno para a época em que foi criado e entre os ex-alunos encontram-se os filhos das famílias socialmente favorecidas da cidade, cujos pais eram profissionais liberais de prestígio, como médicos e dentistas ou funcionários públicos, com cargos na Receita Federal e no Banco do Brasil, por exemplo.

Essa diferença observada atualmente, entre as duas escolas, no que se refere ao nível socioeconômico do alunado, parece se relacionar ao fato de que a rede de escolas da cidade que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental tornou-se mais complexa, especialmente com o surgimento de escolas privadas que oferecem essa etapa da Educação Básica. A diversidade da rede de escolas que ofertam o Ensino Fundamental, bem como a imagem depreciativa que a maior parte das famílias tem das escolas públicas, parece que fez com que as famílias com recursos financeiros migrassem para os estabelecimentos privados, ainda que alguns desses estabelecimentos sejam menos seletivos socialmente e em termos escolares e, as famílias com perfil social mais elevado, que permaneceram nas escolas públicas, concentrassem na EE Melo Viana.

No ano de 2015, o INSE⁵⁸ de todas as escolas públicas foi Nível IV (Grupo Médio), no entanto, são observadas diferenças nos valores desses indicadores. O INSE da EE Melo Viana foi 51,38, o maior observado. O indicador mais elevado a seguir foi da EE Professor Augusto Amarante, 50,58. Com uma variação menor entre elas encontram-se as escolas estaduais Benedito Valadares e Jonas de Faria Castro. O menor INSE observado em 2015 foi da EM Antônio Marques, 44,11.

Segundo Costa e Koslinski (2012) e Costa et al. (2013) a existência de diferenciação entre as escolas públicas é percebida de formas variadas pelas famílias. Dentre os elementos que favorecem a compreensão dessas diferenças encontram-se as redes de relações das famílias, pois quanto mais diversificadas socialmente forem essas redes, maiores são as chances de obter informações a respeito das oportunidades educacionais no contexto local.

Considerando-se que Carangola é uma cidade pequena, as redes de relações sociais de cada família provavelmente se entrecruzam com outras, possibilitando as trocas de informações sobre os estabelecimentos de ensino, como por exemplo, quem são os professores, diretores e outros funcionários, o alunado, o clima escolar e a “qualidade” da educação oferecida.

O estreitamento das redes de relações sociais em uma cidade pequena, tecidas por atores de diferentes extratos sociais, mas próximos entre si no que diz respeito ao conhecimento da circulação de informações, onde nada fica oculto, uma vez que seus moradores, em sua maioria conhecem as pessoas, se não profundamente, pelo menos de vista (LACERDA, 2014), acredita-se que as famílias de Carangola (MG), que buscam matricular seus filhos em escolas públicas de primeiro segmento do Ensino Fundamental têm conhecimento a respeito da “qualidade” da educação ofertada, o que se expressa na elevada demanda por vagas em determinadas escolas.

2.2.2.2 As escolas públicas *locus* da pesquisa

As quatro escolas *locus* da pesquisa – EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre – se diferenciam quanto à reputação, localização geográfica, composição social do alunado e resultados nas avaliações externas, conforme mencionado.

⁵⁸ Os resultados disponíveis pelo INEP do INSE do ano de 2015 se mostraram incongruentes, uma vez que o INEP informa os dados das cinco escolas, em sua plataforma Disponível em <<http://inep.gov.br/indicadores-educacionais>>, que as classificam em Grupo 3 Nível IV; já na plataforma que mostra resultados da Prova Brasil pelo Boletim informativo do mesmo ano, 2015, quatro escolas aparecem classificadas no Nível IV Médio, com exceção da EE Melo Viana classificada no Nível V Médio Alto. Disponível em <<http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/>>. Acesso em 10 de mar de 2018.

Segundo Nogueira (1998), o prédio e sua localização, colaboram para a formação de uma “imagem guia” (BALLION, 1991, p. 213-214) do estabelecimento que afeta o processo de escolha da escola pelas famílias. Mas, são as famílias com nível sociocultural e econômico mais elevado que têm maior capacidade de escolher, se comparadas às famílias de camadas populares. Essas últimas têm acesso a informações sobre as escolas por meio de rumores, ou seja, conversas com outros pais de alunos, vizinhos, parentes ou com os próprios alunos. Para Costa (2008) a reputação das escolas e a direção escolar contribuem para a escolha da escola pública comum⁵⁹ considerada de melhor qualidade pelos pais das camadas sociais menos favorecidos.

Em Carangola (MG), as duas escolas públicas centrais, EE Melo Viana e EE Benedito Valadares, que gozam de reputação positiva junto às famílias que se vinculam à tradição das mesmas, mais que aos seus resultados nas avaliações externas, possuem cada uma delas, uma professora no cargo de direção escolar com longa duração⁶⁰, o que indicia ser o fator direção escolar, nesse caso, um agregador de características positivas para essas duas instituições.

O longo tempo de permanência das mesmas professoras no cargo de direção também colabora na construção dessa reputação, pois essa permanência permite à gestora o conhecimento das famílias cujos filhos frequentam a escola e o estabelecimento de relações duradouras com as mesmas⁶¹.

Outro fator que aproxima a direção da escola das famílias é a necessidade de manter a estabilidade do número de estudantes na escola pública estadual, pois conforme a exigência da legislação da SEE/MG⁶², que organiza o Quadro de Pessoal das escolas, o equilíbrio da quantidade de matrículas, ano a ano, garante os recursos econômicos e humanos⁶³ da escola.

Cabe ainda destacar que as escolas que não apresentam um quadro reduzido de alunos, professores, secretários, auxiliares de serviços gerais e outros recursos econômicos

⁵⁹Costa (2008) e Costa e Koslinski (2011) consideram em seus estudos, realizados na cidade do Rio de Janeiro, que as escolas públicas comuns são aquelas municipais e, ou estaduais que não frequentam o topo dos rankings, não possuem parâmetros de qualidade tão bons quanto o das escolas privadas e federais, mas são consideradas de qualidade pela administração educacional e pela população, sendo disputadas pelas famílias em um processo que costuma passar despercebido, de forma sutil.

⁶⁰A diretora da EE Benedito Valadares está há vinte anos no cargo e a diretora da EE Melo Viana está há apenas seis, mas essa última esteve na vice-direção antes de assumir a direção.

⁶¹ Cabe destacar que o cargo de direção de escolas no Estado de Minas Gerais é ocupado por servidores eleitos pela comunidade escolar, assim, o estabelecimento de boas relações com as famílias pode implicar em aprovação expressa nas eleições.

⁶²A organização do quadro de pessoal das escolas estaduais de Minas Gerais no ano de 2018 deve ser feita atendendo as orientações da Resolução SEE nº 3660, de 1º de dezembro de 2017.

⁶³ Os recursos econômicos e humanos que são repassados para as escolas estaduais, bem como a quantidade desses, são dependentes da relação número de alunos matriculados na escola, turmas e turnos formados.

têm propensão a uma maior estabilidade das suas ações pedagógicas, o que pode contribuir com a imagem positiva do estabelecimento junto à comunidade escolar. Esse parece ser o caso das duas escolas centrais, que apresentaram as demandas de matrículas mais elevadas para o primeiro ano do Ensino Fundamental, a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares.

A EE Professor Augusto Amarante e a EE do Bairro Santo Onofre, localizadas em bairros centros-periféricos, ao contrário das duas anteriores, não têm sido demandadas sequer conforme o número de vagas ofertadas. Nessas escolas observa-se certa instabilidade, tanto da direção escolar, quanto do número de professores, secretários e auxiliares de serviços gerais. Ocorre, com relativa frequência, ou seja, em curtos espaços de tempo, a troca de coordenação pedagógica e direção escolar, estando sempre dependente do aumento ou diminuição do número de matrículas a cada ano para a constituição do número de servidores que atuarão nessas escolas.

É importante destacar que, no Brasil, o quadro demográfico tem-se alterado devido à diminuição da taxa de natalidade (SILVA, 2003), o que pode afetar as matrículas nas escolas, reduzindo-as. Esse fator, juntamente com uma postura mais ativa com relação à escolha da escola e à valorização da escolarização dos filhos pelas famílias de diferentes meios sociais, inclusive das camadas menos favorecidas⁶⁴, são fatores que incidem sobre a composição do alunado das escolas e na redução do número de matrículas em algumas escolas.

A tabela 2 apresenta a evolução das matrículas do primeiro ano do Ensino Fundamental, no período de 2011 a 2018, nas quatro escolas pesquisadas⁶⁵.

Tabela 2: Evolução das matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental

Escolas	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
EE Melo Viana	73	74	83	111	73	76	66	84
EE Benedito Valadares	42	38	54	50	37	73	41	48
EE Professor Augusto Amarante	43	13	30	12	16	19	13	18
EE Do Bairro Santo Onofre	24	9	25	16	16	21	12	10

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As duas escolas menos demandadas na cidade, conforme já mencionado são: a EE Professor Augusto Amarante e a EE do Bairro Santo Onofre, que apresenta declínio de matrículas do ano de 2012 a 2018, com exceção apenas do ano de 2013.

⁶⁴ Diogo (2012), em seu estudo sobre o envolvimento parental das famílias das camadas populares na vida escolar dos filhos, mostra que há interesse das famílias menos favorecidas na escolarização dos filhos, mas isso se verifica por meios de práticas que se diferenciam das usadas pelas camadas médias.

⁶⁵ Os dados apresentados estão disponíveis no Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE).

Diferentemente dessa situação, encontram-se as duas escolas centrais – a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares-, que apresentaram uma situação estável com relação ao número de matrículas efetivadas no período de 2011 a 2018. Dentre essas duas escolas, a EE Benedito Valadares apresentou pequenas oscilações com relação ao número de matrículas efetivadas nesse período, com aumento e/ou diminuição, mas sem queda acentuada, como observado nas duas escolas centro-periféricas, que do ano de 2011 para o ano de 2012 tiveram uma diminuição do número de matrículas em mais de 50%.

Vários fatores contribuem para o evitamento de uma escola e para a atração de outras. Quando se trata de escolha dos estabelecimentos de ensino públicos comuns pelas famílias menos favorecidas, o prestígio que essas possuem atua como força de atração e são as famílias com perfil social, cultural e educativo diferenciado que se apresentam mais mobilizadas a escolher as escolas públicas comuns com melhores desempenhos nas avaliações externas do que as outras escolas públicas, afirmam Resende et al. (2011).

Também a tradição da escola e sua localização no contexto local afetam sua atração ou as práticas de evitamento pelas famílias. Em Carangola, apesar das quatro escolas *lócus* da pesquisa pertencerem à mesma rede estadual de ensino da cidade, elas possuem históricos de criação diferentes.

A EE Melo Viana, a mais demandada das quatro escolas *lócus* da pesquisa, foi criada em 1925, com prédio próprio e uma arquitetura neoclássica que a distinguiu de outras edificações da cidade à época, possuindo uma localização privilegiada, no Centro da cidade.

Gomes (2002), na dissertação intitulada: *TEMPLO DO SABER a consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola (MG)*, objetivou compreender como essa escola adquiriu características de escola consagrada, bem como a imagem de escola pública de qualidade nessa cidade. Destaca que nos anos 20 os grupos escolares de Minas Gerais ocuparam prédios centrais que se “diferenciavam na composição urbana, além de demonstrarem a centralização que o lugar da educação escolar deveria representar no interior da cidade” (GOMES, 2002, p. 23). Para essa autora, o projeto arquitetônico neoclássico do prédio que lhe conferia ares de modernidade, o fato de que a escola servia também como espaço de relações políticas e sociais, bem como as práticas pedagógicas empreendidas nessa escola, que traziam princípios educacionais modernos, e a distinção relacionada à simbologia vinda dos objetos escolares, expostos no salão nobre dessa escola, como troféus, mobiliário, quadros e galeria de fotos, colaboraram para consolidar a imagem da EE Melo Viana como uma escola tradicional e de qualidade na cidade de Carangola (MG). O público dessa escola,

segundo Gomes (op. cit., p. 5), a princípio era, os “[...] filhos dos fazendeiros da elite local e dos comerciantes em ascensão [...]”.

Atualmente, a EE Melo Viana é aquela que possui a maior demanda de vagas, dentre as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental na cidade de Carangola.

A EE Benedito Valadares, a segunda mais demandada em 2017 dentre as quatro escolas *locus* dessa pesquisa, foi também a segunda a ser criada na cidade de Carangola, o que se deu no ano de 1935, com matrícula inicial de 438 alunos. Mas foi apenas no ano de 1945, portanto, dez anos após sua criação, que essa escola passou a funcionar em prédio próprio, localizado no centro da cidade de Carangola. Esta instituição também funciona em prédio com estilo arquitetônico moderno para a época em que foi criada.

De acordo com Gomes (2002), a EE Benedito Valadares protagonizou, juntamente com a EE Melo Viana, momentos de competição entre si, que objetivavam “garantir a imagem de melhor escola”, e eram segundo essa autora, “eventos grandiosos que envolviam não só a comunidade escolar, mas a população em geral e que marcaram a história da educação nesta cidade” (GOMES, 2002, p. 21).

Ainda segundo essa autora, na cidade de Carangola (MG), nos anos de 1970, as “rivalidades no campo pedagógico [...] culminaram em grandes disputas durante as olimpíadas intercolegiais, nas festas juninas, nos desfiles cívicos e nas festas religiosas [...]” (GOMES, 2002, p. 8).

Na década de 1960⁶⁶, ocorreu a expansão dos grupos escolares em Minas Gerais. A criação de mais escolas na cidade de Carangola (MG), nessa década, deveu-se ao contexto histórico e social do Brasil que apresentava alta demanda das famílias por escolas, bem como maior atuação do Estado com políticas para atender à dinâmica demográfica que se apresentava à época.

A seguir será apresentado um breve histórico das escolas de Ensino Fundamental anos iniciais criadas na década de 1960 na cidade de Carangola (MG): o Grupo Escolar Antônio Marques⁶⁷, a EE Dr. Jonas de Faria Castro (1961); a EE Professor Augusto Amarante (1964) e a EE do Bairro Santo Onofre (1965).

⁶⁶ Período referente, de acordo com Lombardi (2008), à regulamentação em âmbito nacional das escolas primárias, secundárias e superiores, seguida pela promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pela Lei no. 4.024/61.

⁶⁷ A E. M. Antônio Marques será apresentada nessa cronologia devido seu prédio próprio ter sido construído também na década de 1960, mas essa escola já havia sido criada desde o ano de 1946, conforme é descrito no seu histórico escolar.

O Grupo Escolar do Bairro dos Romanos da Cidade de Carangola, criado no governo do Dr. João Tavares Corrêa Beraldo pelo o decreto nº 1.777 de 04 de julho de 1946, art. 1º, recebeu a denominação especial de “Antônio Marques”, nos termos do Decreto nº 2.266 de 27 de junho de 1946, publicado no “Minas Gerais” de 28 de julho de 1946, pagina 02, col. 02 e foi instalado em 06 de janeiro de 1947.

Funcionou a princípio em prédio alugado à Rua Magalhães Queiroz, s/n, a 23 de janeiro de 1960, com um total nessa época de 366 crianças. O prédio onde funcionava o Grupo Escolar “Antônio Marques” desmoronou em virtude de fortes chuvas. A posterior, o prédio próprio do Grupo Escolar “Antônio Marques” foi construído em 1966 pelo Plano Nacional de Educação em terreno situado à Ladeira Santa Terezinha, no bairro do “Rosário”, doado pela Firma Comércio e Indústria Barbosa & Marques S/A. A transferência do Grupo Escolar “Antônio Marques” para o referido prédio deu-se em 06 de março de 1967. A partir de 1979 a escola passou a denominar-se “Escola Estadual Antônio Marques” – 1º Grau – 1.2.0. A e com a Municipalização, conforme Decreto Municipal nº 001, de 10 de dezembro de 1997 e Resolução da SEE/MG nº 9.569 de 1998 do Minas Gerais de 24 de dezembro de 1988, passou a denominar-se Escola Municipal “Antônio Marques” de Ensino Fundamental (1º ao 4º ano de escolaridade). Atualmente oferta o primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e no ano de 2017 atendeu um total de 193 alunos.

A EE Dr. Jonas de Faria Castro foi criada pelo Decreto nº 6.096 de 05 de janeiro de 1961 e instalada em 13 de maio do mesmo ano, tendo como patrono o pernambucano Dr. Jonas de Faria Castro. Está localizada no bairro Coroado em prédio próprio, com boa infraestrutura física. Atualmente a escola oferta o Ensino Fundamental completo e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atende a comunidade em três turnos, manhã, tarde e noite e em 2017 atendeu um total de 216 alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

O grupo escolar Professor Augusto Amarante foi criado na cidade de Carangola, pelo Decreto nº 7.436 de 27 de fevereiro de 1964, publicado no Minas Gerais de 28 de maio de 1964, folha 1, 3ª coluna, funcionando com 10 (dez) classes cedidas, situadas em vários prédios, sendo que a secretaria escolar funcionava na sede do Instituto São José à Rua Antônio Thomé nº 1, no bairro Triângulo. Foi instalado e inaugurado em seu prédio próprio, no dia 21 de maio de 1966, localizado à Rua 12 de Outubro, nº 382 e atualmente, Rua Abílio Coimbra, nº 382, no bairro Triângulo, o qual, de acordo com Mattos (2013), procedeu de famílias operárias, do início da industrialização de Carangola, nos anos de 1920. A EE Professor Augusto Amarante funcionou com cinco turmas no ano de 2017, atendendo a 66 alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental no turno da manhã e ofertou no

contraturno o Projeto Educação Integral e Integrada.

A EE do Bairro Santo Onofre foi instalada como, escolas combinadas de 1º grau do Bairro Santo Onofre⁶⁸ em 1965 pelo artigo 22 da lei 2.610 de 08 de janeiro de 1962 do código de Ensino Primário, vindo a funcionar em prédio próprio no mesmo bairro no ano de 1975. Oferta atualmente os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano), além do Projeto Educação Integral e Integrada. No ano de 2017 a unidade escolar atendeu a 73 alunos.

Após ser feita a caracterização do contexto socioespacial e educacional da cidade de Carangola (MG), o próximo capítulo apresentará os fluxos escolares dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) e das turmas de Educação Infantil pública municipal para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental; os dados relativos às matrículas efetivadas no primeiro ano do Ensino Fundamental em fevereiro de 2017 e os dados sobre os bairros onde residem os alunos, na cidade de Carangola (MG).

⁶⁸Como a escola não tinha sede própria, houve várias mudanças de endereços no próprio bairro, funcionando em várias casas.

3. FLUXOS ESCOLARES ENTRE ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS EM CARANGOLA (MG) NO ANO DE 2017

Este capítulo apresenta os fluxos escolares dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) e das turmas de Educação Infantil pública municipal para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, na cidade de Carangola (MG). Para analisar esse fluxo, primeiramente foram utilizados os dados secundários disponibilizados pela Comissão Municipal do Cadastro Escolar 2016/2017, sobre a demanda de vagas em escolas públicas que ofertam o primeiro ano do Ensino Fundamental⁶⁹ de famílias cujos filhos cursaram a Educação Infantil em estabelecimentos públicos. Também foram coletados dados junto às escolas públicas que ofertam o Ensino Fundamental, relativos às matrículas efetivadas no primeiro ano do Ensino Fundamental em fevereiro de 2017 e sobre os bairros onde residem os alunos.

3.1 Os fluxos escolares para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental

Os dados do Cadastro Escolar da rede pública de Carangola indicam que foram demandadas 168 vagas para ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental, em 2017, pelas famílias cujos filhos estavam matriculados em estabelecimentos públicos de Educação Infantil.

A EE Melo Viana foi a mais demandada dentre as seis escolas públicas que ofertam essa etapa da Educação Básica, concentrando 42,3% (n=71) dessa demanda. A segunda escola mais demandada foi a EE Dr. Jonas de Faria Castro, localizada no bairro Coroado, para a qual 17,3% (n=29) das famílias que fizeram o Cadastro pleitearam vagas. Em terceiro lugar, no que se refere à demanda por vagas, encontra-se a EE Benedito Valadares, para a qual 15,5% (n=26) das famílias pleitearam vagas. Em quarto, quinto e sexto lugares, a EM Antônio Marques com 14,9% (n=25); a EE Professor Augusto Amarante, com 5,4% (n=9) e a EE do Bairro Santo Onofre, com 4,8% (n=8), respectivamente. A tabela 3, a seguir, mostra a demanda por vagas e a matrícula efetivada em cada uma dessas escolas.

Tabela 3: Demandas por vagas e efetivação das matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Carangola (MG)

Escolas	Demanda por vagas em 2016	Matrículas efetivadas em 2017
EE Melo Viana	71	66
EE Dr. Jonas de Faria Castro	29	51
EE Benedito Valadares	26	40

⁶⁹ Essa demanda foi apresentada no ano de 2016 para matrícula em 2017.

EM Antônio Marques	25	27
EE Prof. Augusto Amarante	09	12
EE do Bairro Santo Onofre	08	09
TOTAL	168	205

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A hierarquização das escolas públicas de Carangola por demanda de vagas e número de matrículas efetivadas é similar àquela que pode ser construída em função do IDEB dessas escolas nos anos 2013, 2015 e 2017. As três escolas mais demandadas foram as que alcançaram os índices mais elevados⁷⁰.

Conforme a tabela 3, as matrículas efetivadas em quase todas as escolas com exceção da EE Melo Viana ultrapassaram a demanda expressa no Cadastro Escolar. No caso da EE Dr. Jonas de Faria Castro e da EE Benedito Valadares o número de matrículas efetivadas ultrapassou em 43,1% (n=22) e 35% (n=14), respectivamente, essa demanda. A EE Melo Viana foi aquela na qual foi efetivado o maior número de matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental (66). Na EE Professor Augusto Amarante foram efetivadas apenas 12 matrículas e na EE do Bairro Santo Onofre, nove, portanto, foi baixa tanto a demanda no Cadastro, quanto a matrícula efetivada, indicando fluxos negativos para essas duas escolas.

A figura 4, a seguir, apresenta a distribuição da demanda de alunos por vagas no primeiro segmento do Ensino Fundamental nas seis escolas públicas da cidade de Carangola (MG), conforme o estabelecimento de Educação Infantil da rede pública frequentado, no ano de 2016.

⁷⁰ Ver tabela 1.

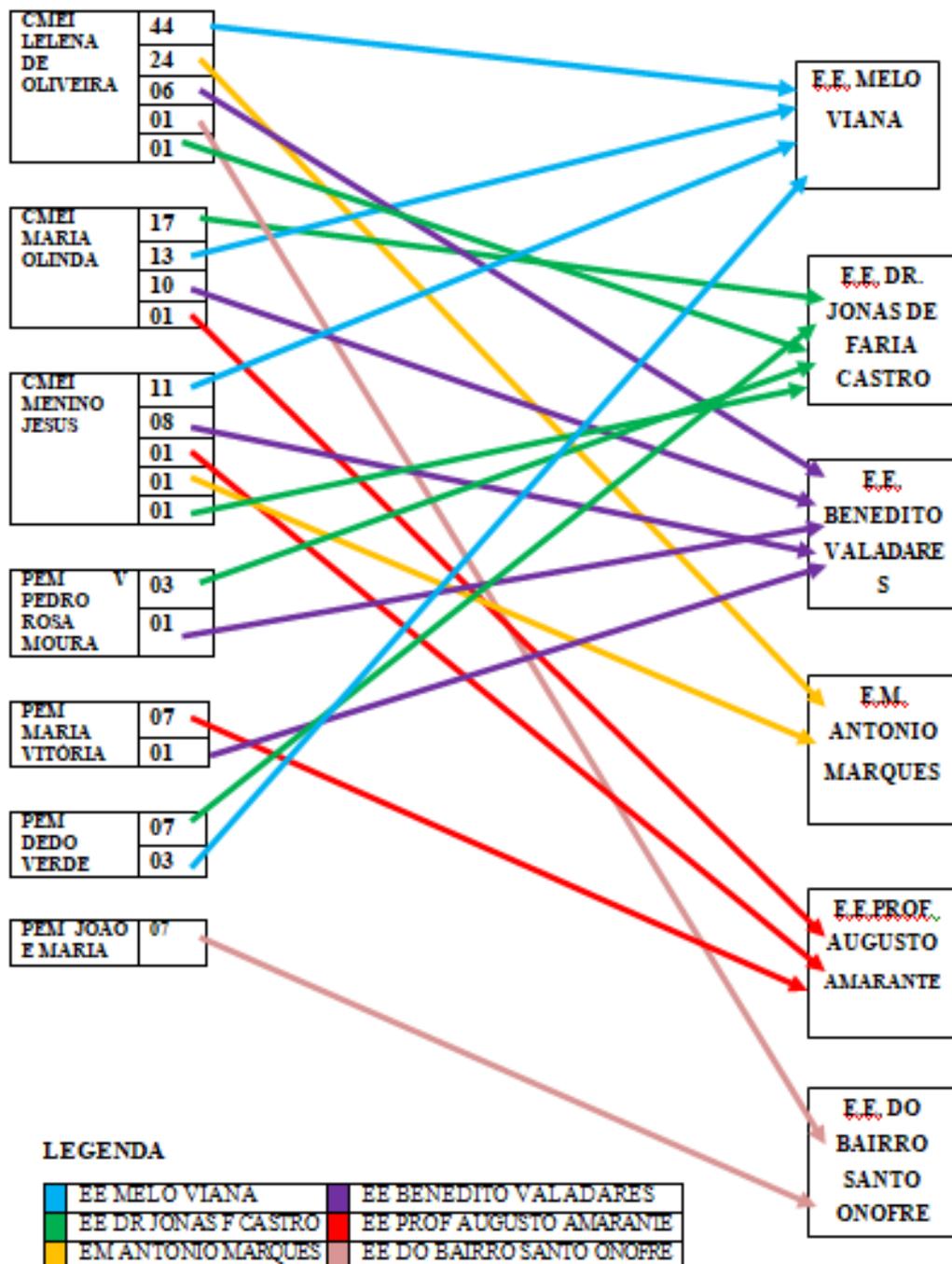


Figura 4: Demanda por vagas nas escolas públicas que ofertam o Ensino Fundamental – Carangola (MG), 2016.

Fonte: Elaboração própria, 2017.

A observação dos fluxos das escolas públicas de Educação Infantil para as escolas públicas que ofertam o primeiro segmento do Ensino Fundamental⁷¹, em Carangola (MG), indicia que a escolha do primeiro estabelecimento de Educação Infantil afeta as escolhas

⁷¹A análise refere-se à demanda de vagas verificada nos dados do Cadastro Escolar de 2016 e não à efetivação da matrícula.

subsequentes, ou seja, que há nessa cidade um “padrão habitual de escolha” (BELL, 2005, p. 35-37) do estabelecimento de ensino público que associa determinadas escolas públicas de Educação Infantil com escolas também públicas de Ensino Fundamental. Essa situação assemelha-se àquela indicada por Costa e Koslinski (2012). Conforme esses autores, a alocação do filho na escola de Educação Infantil mais conceituada assegura as escolhas posteriores em escolas do mesmo padrão. Esse processo de escolha é chamado pelos autores de círculo virtuoso.

Duas escolas públicas de Carangola – EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares –, atraíram a maioria das famílias que demandaram vagas no Cadastro de 2016, 54,8% (n=92), cujos filhos frequentavam o CMEI Lelena de Oliveira (50), o CMEI Maria Olinda Pinheiro (23) e o CMEI Menino Jesus (19), localizados no Centro da cidade.

Dos 76 alunos que cursaram a Educação Infantil no CMEI Lelena de Oliveira, 57,9% (n=44) demandaram vagas na EE Melo Viana. A segunda maior concentração de demanda para cursar o primeiro ano do Ensino Fundamental é na EM Antônio Marques, 31,6% (n=24). Essa última escola pública se localiza a poucos metros do CMEI Lelena de Oliveira, portanto, o encaminhamento dos filhos para essa escola parece decorrer de razões de ordem prática, ou seja, as famílias construiriam alternativas para levar os filhos para a escola durante a Educação Infantil e os manteriam nela, dada a proximidade entre o CMEI Lelena de Oliveira e a EM Antônio Marques.

Cerca de 24 famílias escolheram escolas localizadas nos mesmos bairros de suas residências, bem como onde os filhos cursaram a Educação Infantil. Três famílias do Pré-Escolar Municipal (PEM) Vereador Pedro Rosa Moura, localizado no bairro Aeroporto, e sete do PEM Dedo Verde, localizado no bairro Coroado, escolheram a EE Dr. Jonas de Faria Castro, também localizada nesse último bairro e próxima ao bairro Aeroporto. A prática de escolha por proximidade geográfica da residência é, geralmente, um critério de escolha empregado por famílias menos favorecidas socialmente (NOGUEIRA, 1998, COSTA; KOSLINSKI, 2012).

Sete famílias, cujos filhos encontravam-se matriculados no PEM João e Maria, que funciona na EE do Bairro Santo Onofre, também demandaram vagas nessa mesma escola para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Outras sete famílias cujos filhos frequentaram o PEM Maria Victória Ferreira, que funciona em sala de aula cedida pela EE Professor Augusto Amarante, demandaram vagas para os filhos cursarem o Ensino Fundamental nessa mesma escola. Cabe destacar, no entanto, que nesse segundo caso, a escola estadual localiza-se

próximo ao Centro, portanto, não implicaria em dificuldades importantes de deslocamento, caso as famílias optassem por demandar vagas nas escolas públicas centrais mais reputadas.

Diferentemente dessa lógica de escolha por proximidade ou da manutenção do filho na mesma escola em que cursou a Educação Infantil, três famílias cujos filhos cursaram o PEM Dedo Verde, localizado no bairro Coroadó, escolheram a EE Melo Viana, situada no Centro, para os filhos cursarem o Ensino Fundamental. Nesse mesmo padrão de escolha, temos uma família com filho que frequentou a Educação Infantil do PEM Vereador Pedro Rosa Moura, localizado no bairro Aeroporto, distante do Centro e que fez a escolha pela EE Benedito Valadares. A escolha da escola pública que oferta o primeiro segmento do Ensino Fundamental por essas quatro famílias que moram distantes do Centro indicia que elas buscam um diferencial na escolarização dos filhos, uma vez que parecem empreender maiores esforços, tais como vencer as distâncias espaciais que as separam das escolas centrais mais demandadas da cidade. Parece que essas famílias, em busca da “melhor” escola para matricularem seus filhos na rede pública de ensino, fazem uso da classificação e diferenciação entre as escolas.

Zucarelli e Cid (2010) identificaram em seu estudo que algumas famílias realizam investimentos dispendiosos, empenhadas na escolarização dos filhos fora do bairro de residência. Esses autores, baseando-se em Van Zanten (2001), reiteram em seu estudo que a posição social das famílias orienta suas práticas de escolarização dos filhos, mais especificamente, no que diz respeito à escolha do estabelecimento de ensino. Assim, dependendo da posição social ocupada pelas famílias, elas tendem a aceitar a escola do bairro e, ou, a empreender práticas de fuga do lugar de moradia. Nesse último caso, as famílias apresentam perspectivas de futuro para os filhos fora do bairro, afirmam esses autores.

As escolas centrais EE Melo Viana e EE Benedito Valadares, de modo geral, atraem famílias usuárias da rede pública nessa etapa da escolarização dos filhos, mas com condições sociais relativamente favoráveis, o que pode ser constatado, por observação empírica na aglomeração de carros, táxis e ônibus escolares estacionados na porta dessas duas escolas, no início e término dos turnos de aula.

De acordo com Costa et al. (2013), as famílias que escolhem escolas públicas comuns mais reputadas, utilizando-se de transporte escolar pago, são aquelas que se interessam mais pela escolarização dos filhos e são também as que mais fazem planejamentos para que os filhos estudem na escola que consideram de melhor “qualidade”.

Nas escolas localizadas nos bairros centro-periféricos – EE Professor Augusto Amarante e EE Do Bairro Santo Onofre –, observou-se a ausência de carros na porta da escola

no início e término das aulas para levar e buscar os filhos. Alguns pais, cujos filhos frequentam a EE Professor Augusto Amarante os acompanham até a escola, mas, a maioria, a pé, salvo pouquíssimos casos. Predomina no ir e vir diário dos alunos dessas duas escolas menos demandadas que eles cheguem e partam sozinhos, sem o acompanhamento dos pais ou de um adulto, em grupos, o que indicia que moram próximo entre si e às escolas.

O outro fator que diferencia o alunado dessas quatro escolas estaduais é a presença de filhos de pais professores. Esses pais são os mais capacitados para escolher o melhor estabelecimento de ensino para os filhos, pois conhecem as lógicas de funcionamento das escolas como, por exemplo, quem são os professores e suas competências, a gestão escolar, questões pedagógicas, o material didático, a composição das turmas, o clima da escola, dentre outros (NOGUEIRA, 1998, NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017).

A ausência de matrículas de filhos de pais professores nas duas escolas localizadas em bairros centro-periféricos indicia que essas escolas não gozam de reputação positiva junto aos pais professores.

De acordo com Resende et al. (2011), a escolha do estabelecimento de ensino pelas frações das camadas populares também se diferencia, conforme o perfil social e cultural das famílias, cujos filhos constituem o alunado da escola. De modo geral, a localização geográfica, a composição social do alunado e os resultados das avaliações externas são fatores que indicam a “qualidade” da escola. O conjunto desses fatores compõe a identidade dessas escolas e são capazes de atrair as famílias (COSTA, 2008; COSTA; KOSLINSKI, 2011; RESENDE et. al., 2011). Em uma cidade pequena, como é o caso de Carangola, tais elementos ganham maior visibilidade, influenciando também frações das camadas populares, pois todos conhecem a direção das escolas, o tipo de transporte utilizado pelos alunos ou o deslocamento a pé e a presença de filhos de professores na escola.

3.1.1 O fluxo escolar para a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares

Além de se considerar o Cadastro Escolar de 2016, os dados sobre a instituição de Educação Infantil⁷² da qual provieram os estudantes matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental foram coletados junto às escolas, EE Melo Viana, EE Benedito Valadares, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre.

⁷² Os dados coletados “origem da escola de Educação Infantil”, apresentados referem-se apenas às escolas de Educação Infantil públicas, na qual o aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental em 2017 esteve matriculado no ano de 2016.

As escolas que mais receberam estudantes provenientes das escolas públicas de Educação Infantil da cidade de Carangola foram a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares (n=93⁷³). Dentre esses alunos, a maior parte 62,4% (n=58) cursou a Educação Infantil no CMEI Lelena de Oliveira, 18,3% (n=17), no CMEI Maria Olinda Pinheiro⁷⁴ e 15,1% (n=14) no CMEI Menino Jesus⁷⁵, localizados no Centro dessa cidade. As duas escolas centrais receberam ainda quatro alunos provenientes dos seguintes pré-escolares: PEM Maria Victória Ferreira (2), PEM Dedo Verde (1) e PEM Vereador Pedro Rosa Moura (1), conforme mostrado nas figuras 5 e 6.

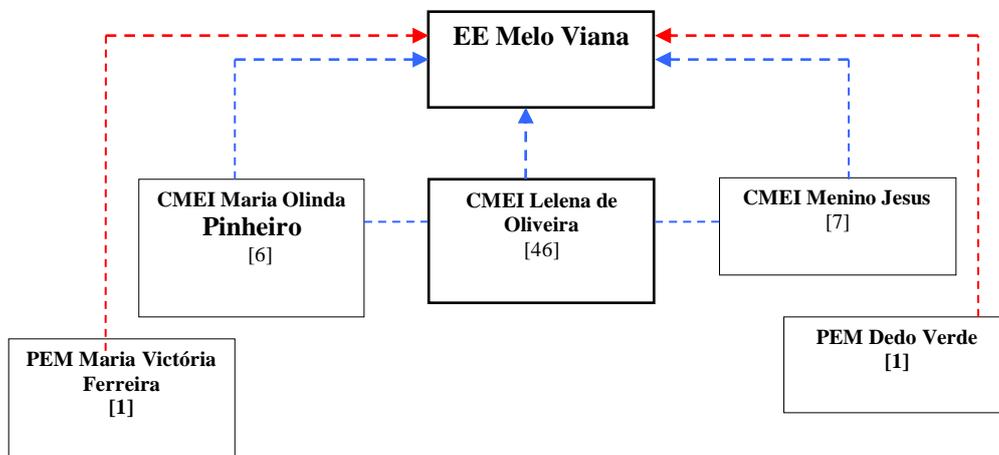


Figura 5: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Melo Viana

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

⁷³ Esse número corresponde aos alunos que as famílias apresentaram declaração de origem da escola de Educação Infantil.

⁷⁴ O CMEI Maria Olinda Pinheiro foi construído recentemente com recursos do governo federal.

⁷⁵ O CMEI Menino Jesus é uma das mais antigas instituições de Educação Infantil da cidade de Carangola, localizado no Centro. Tradicionalmente encaminha seus egressos para as escolas centrais de Ensino Fundamental.

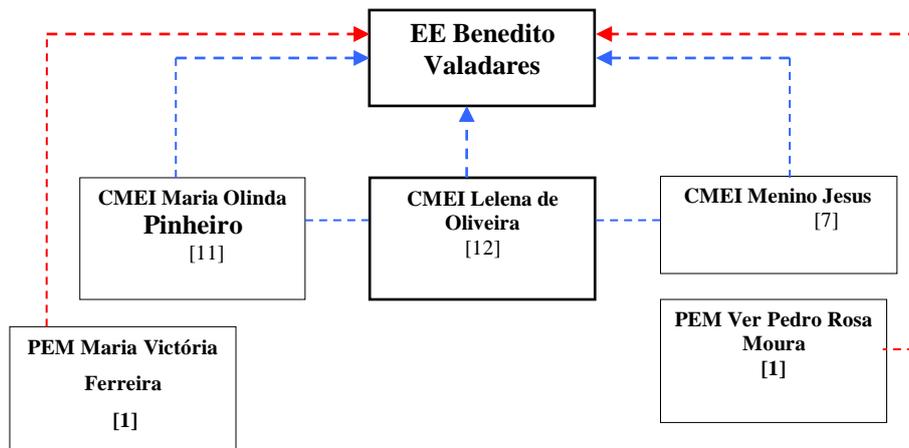


Figura 6: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Benedito Valadares

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Os três CMEI's, dos quais proveio maior parte dos alunos para as duas escolas públicas mais reputadas da cidade de Carangola, apresentam a melhor infraestrutura dentre as instituições que ofertam a Educação Infantil pública nessa cidade e se localizam também no centro da cidade⁷⁶ e em um bairro adjacente a este⁷⁷. Eles também são as instituições que ofertam o maior número de vagas para crianças de 4 a 5 anos de idade.

O CMEI Lelena de Oliveira se apresenta como a escola de Educação Infantil mais reputada na cidade de Carangola devido à sua tradição. Essa escola foi criada em 1955 e atualmente oferta um número maior de vagas na pré-escola a crianças de quatro e cinco anos de idade⁷⁸ se comparado às outras escolas públicas que também ofertam a Educação Infantil.

A escolha dos CMEI's e pré-escolas da cidade de Carangola (MG) pelas famílias parece relacionada à escolha do estabelecimento onde o filho cursará o Ensino Fundamental. A literatura tem indicado, conforme Poupeau (2011) e Costa e Koslinski (2012), que algumas famílias antecipam a escolha do estabelecimento de ensino de Educação Infantil para garantir vagas no processo de remanejamento para escolas de Ensino Fundamental, no intuito de que os filhos tenham acesso a determinadas escolas, consideradas de melhor “qualidade” e as mais reputadas.

⁷⁶ CMEI Menino Jesus e CMEI Lelena de Oliveira.

⁷⁷ CMEI Maria Olinda, localizado no bairro Triângulo, mas, na parte do bairro mais próxima ao Centro.

⁷⁸ O CMEI Lelena de Oliveira oferta anualmente 289 vagas para alunos em idade entre três a cinco anos de idade, sendo que o número de vagas para crianças de quatro a cinco anos é superior à oferta para crianças entre três a cinco anos de idade.

Nesse sentido, parece que matricular o filho no CMEI Lelena de Oliveira é uma forma de os pais assegurarem a vaga no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana⁷⁹, o que se configura, segundo Costa et al. (2013), um critério de escolha pelo “convênio escolar”, que é na verdade uma tendência de fluxo de estudantes de um estabelecimento a outro e não um critério legal e formal. Também Bruel e Bartholo (2012) verificaram em seus estudos, que os “convênios” entre as escolas públicas são considerados pelos pais nos seus processos de escolha da escola que matricularão seus filhos.

A EE Benedito Valadares também recebeu quase a totalidade de seus alunos – 30 –, dos três CMEI’s, Maria Olinda Pinheiro, Lelena de Oliveira e Menino Jesus, verificando a mesma tendência observada na EE Melo Viana.

Cabe destacar que os laços de amizade entre os alunos constituídos quando eles frequentam as escolas de Educação Infantil contam como critério de escolha do estabelecimento de Ensino Fundamental para as famílias. Se as crianças não querem se separar dos amigos da escola de Educação Infantil os pais que consideram os apelos das crianças tenderão a escolher a mesma escola que os amigos dos filhos se matricularam. De acordo com Bell (2005), a amizade pesa na hora de os pais decidirem em qual escola irão matricular os filhos. Segundo essa autora, para esses pais impera o bem-estar dos filhos. Além disso, ter irmãos que frequentaram uma determinada escola, ou, ser a escola que os pais frequentaram, pode se configurar um “padrão habitual de escolha” por frequência (BELL, 2005, p. 28-30).

Em Carangola, a possibilidade de serem feitas escolhas escolares em função das informações disponibilizadas nas redes de relações sociais é grande, tanto por ser uma cidade pequena, onde os encontros são inevitáveis, como pelo fato de que, no caso de algumas famílias, o tempo de permanência das crianças nas escolas de Educação Infantil é longo, chegando a cinco anos em alguns casos. Nos CMEI’s que atendem em tempo integral, por exemplo, a criança pode entrar com seis meses de idade e sair com cinco completos. Mesmo nos casos em que a entrada é mais tardia, por exemplo, no CMEI Lelena de Oliveira, que atende em tempo parcial, a criança pode entrar com três anos e sair com cinco anos de idade, portanto permanecendo nessa escola durante dois anos. A permanência dos estudantes nesses CMEI’s favorece a criação de laços de amizade entre os alunos, bem como a constituição de redes de relações entre os pais.

⁷⁹ Essa escola pública é a mais reputada em Carangola, tendo obtido o IDEB mais elevado dentre as quatro escolas *lócus* dessa pesquisa, nos últimos anos.

As redes de relações sociais que se formam a partir da convivência dos pais durante o período em que o filho permanece frequentando a escola de Educação Infantil podem influenciá-los na escolha do estabelecimento de Ensino Fundamental. Segundo Bell (2005), os pais, tanto os operários como os da classe média, escolheram a escola dos filhos consultando as suas redes de relações sociais, principalmente, outros pais.

As redes de relações sociais dos pais com os professores, entre outros membros da comunidade escolar, como, por exemplo, os auxiliares de serviços gerais, também funcionam como um canal de informações sobre o funcionamento das escolas e influenciam os pais em suas escolhas escolares.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2017), os membros da comunidade escolar possuem um forte capital informacional e social interno, ou seja, por conhecerem a realidade das escolas e possuírem informações “quentes” sobre o funcionamento dos estabelecimentos de ensino, podem compartilhar essas informações com os pais quando solicitados ou até mesmo quando julgarem ser importante contribuir para a escolha da escola ao considerarem o valor escolar da criança e/ou as aspirações escolares dos alunos e de suas famílias.

Assim, quando ocorre um convívio mais estreito e prolongado das famílias com os diversos membros da comunidade escolar (professores, serventes escolares, supervisora, coordenadora) que atuam nas escolas de Educação Infantil, onde os filhos se encontram matriculados, as famílias se beneficiariam das informações a respeito das escolas de Ensino Fundamental, como identificado por Costa et al. (2013) e Portes (2000).

Reitera-se que, devido ao fato desses atores escolares morarem em uma cidade pequena, as trocas de informações e interações com as famílias podem ocorrer com mais facilidade, pois os moradores se encontram com frequência pelas ruas da cidade, no comércio local; nas praças e nas igrejas, dentre outros.

É preciso destacar também que os professores da cidade pequena, na qual todo mundo conhece todo mundo, nem que seja de vista (LACERDA, 2014), estão inseridos de forma intensa em diversas redes sociais (família, vizinhança, profissão, dentre outras) e, por isso, possuem um conhecimento vasto sobre as pessoas que vivem nessa cidade, bem como o funcionamento das suas instituições de ensino.

Os professores, de modo geral, especialmente em uma cidade pequena, estão mais qualificados para se utilizarem (e informarem os pais) de “condutas avaliatórias” (BALLION,

1986a apud NOGUEIRA, 1998, p. 52)⁸⁰, uma vez que são bem informados sobre o funcionamento das escolas. No caso de Carangola (MG), esse conhecimento refere-se tanto às escolas em que atuam como às demais escolas, uma vez que possuem ampla rede de relações sociais com profissionais da área da educação. As redes de relações sociais, conforme seus tipos, sua extensão e durabilidade, contribuem para que as pessoas tenham acesso a novas oportunidades, seja no trabalho (PORTES, 2000) e na área da educação (COSTA et al., 2013).

Para Marques (2009), as redes das pessoas pobres são bastante diversificadas, embora sejam mais locais, diferente das redes das camadas médias que possuem uma grande mobilidade, não se prendendo a um lugar específico, como, por exemplo, ao bairro onde residem. As redes das pessoas pobres são também mais localizadas, centradas na família, na vizinhança e na amizade. Para esse autor, quanto menor e mais centrada for essa rede, menos oportunidades essas pessoas terão. Diferentemente, indivíduos que possuem redes sociais ampliadas, vivenciadas em ambientes institucionais e organizacionais, na igreja e associativismo, possuem mais chances de obterem mais oportunidades, afirma Marques (2009).

A proximidade entre as famílias e com diversos atores escolares podem reforçar ou modificar suas percepções a respeito dos estabelecimentos escolares, viabilizando, por exemplo, a percepção de oportunidades educacionais fora do bairro de residência. Assim, algumas informações sobre as escolas que não são acessíveis, de modo geral, às famílias⁸¹ menos favorecidas, como a constituição do corpo docente, sua qualificação e estabilidade na escola; a interpretação dos resultados das avaliações externas; a estabilidade da direção e seu vínculo com a comunidade escolar; o Projeto Político Pedagógico da escola, dentre outras, tornam-se acessíveis pela interação com os atores escolares, principalmente os professores.

As famílias que, de modo geral, não têm acesso a informações sobre as escolas públicas de Ensino Fundamental da cidade podem assim obter informações “quentes” sobre a “melhor” escola para matricular os filhos, pelo contato mais estreito com os professores das escolas de Educação Infantil e/ou outros atores escolares como serventes escolares, por exemplo.

A importância dessas redes de relações foi destacada por Portes (2000). Conforme esse autor, as redes sociais providas com laços fracos possibilitam a mobilidade individual,

⁸⁰Ballion (1982), segundo Nogueira (1998), considerou serem os pais professores os mais bem qualificados quando da escolha da melhor escola, bem como da escolha que atenda aos diferentes perfis de alunos e, portanto, aqueles que utilizam condutas avaliatórias no ato de escolha do estabelecimento de ensino.

⁸¹ Van Zanten (2010) diz tratar da noção de opacidade, em que os pais enxergam mais os critérios visíveis, como a composição social do alunado das escolas, do que as características pedagógicas das escolas.

por ser fonte de novos conhecimentos e recursos, ao contrário das redes densas que não agregam informações diferenciadas. Acredita-se assim, que as famílias que trabalham em locais fora do bairro de residência e que constituem redes de relações mais diversificadas, como por exemplo, os contatos com os empregadores e, ou, outros colegas de profissão, são aquelas que obtêm mais informações sobre a “qualidade” das escolas e as práticas educativas mais rentáveis para a escolarização dos filhos.

As redes de relações sociais centradas, por exemplo, na família extensa, principalmente aquela privada de contatos sociais mais diversificados, em decorrência de um isolamento em um bairro mais distante da cidade, tendem a contribuir para a circulação de informações mais redundantes, de forma que essas famílias tendem a fazer sempre escolhas pautadas em redes de amizade e vizinhança, portanto, escolhas de estabelecimento de ensino mais localizadas, como no próprio bairro de residência, por exemplo. (COSTA et al., 2013; ZUCARELLI; CID, 2010)

3.1.1.1 A enturmação dos alunos na EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares

Um total de 61 alunos⁸², provenientes das escolas de Educação Infantil da cidade de Carangola (MG), foi matriculado na EE Melo Viana em 2017. Desse total, 46 são oriundos do CMEI Lelena de Oliveira.

A turma que funciona no turno matutino nessa escola é constituída por 18 alunos oriundos do CMEI Lelena de Oliveira. Outra turma, que funciona no turno vespertino, recebeu 20 provenientes desse mesmo CMEI. A terceira turma, que também funciona no turno vespertino, é constituída por apenas oito alunos que cursaram a Educação Infantil no CMEI Lelena de Oliveira. Essa última turma é constituída de 21 alunos, mas não foi possível ter acesso ao nome da escola em que todos eles cursaram a Educação Infantil. Uma das possibilidades da falta da informação é de que eles provieram de estabelecimentos privados.

A tabela 4 a seguir, mostra os dados sobre a enturmação dos alunos provenientes das escolas públicas de Educação Infantil de Carangola (MG) na EE Melo Viana.

Tabela 4: Enturmação dos alunos de 1º ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana – 2017

Escolas	Turma 1 Manhã	Turma 1 Tarde	Turma 2 Tarde	Total
---------	------------------	------------------	------------------	-------

⁸² Não foram incluídos cinco alunos dos quais não se obteve a informação sobre as escolas de Educação Infantil das quais provieram.

CMEI Lelena de Oliveira	18	20	8	46
CMEI Maria Olinda	4	1	1	6
CMEI Menino Jesus	3	-	4	7
Pré-escolar Maria Victória Ferreira	1	-	-	1
Pré-escolar Dedo Verde	-	1	-	1
TOTAL	26	22	13	61

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A tabela 5, a seguir, mostra a enturmação dos alunos provenientes das escolas de Educação Infantil públicas de Carangola (MG) na EE Benedito Valadares.

Tabela 5: Enturmação dos alunos de 1º ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares – 2017

Escolas	Turma 1 Manhã	Turma 2 Tarde	Total
CMEI Lelena de Oliveira	5	7	12
CMEI Maria Olinda	8	3	11
CMEI Menino Jesus	7	-	7
Pré-escolar Vereador Pedro Rosa Moura	-	1	1
TOTAL	20	11	31

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Na EE Benedito Valadares as duas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental são formadas, em sua maioria, por alunos originados dos CMEI's, Lelena de Oliveira, Maria Olinda Pinheiro e Menino Jesus, que totalizam 30 alunos. Esses alunos também não estão distribuídos equitativamente entre as duas turmas, como ocorreu na EE Melo Viana, mas nesse caso uma turma funciona no turno matutino e outra no vespertino, o que pode justificar essa diferença, já que uma turma tem 20 alunos e outra, 11 alunos.

3.1.2 O fluxo escolar para a EE Professor Augusto Amarante e a EE do Bairro Santo Onofre

As figuras 7 e 8 apresentam a procedência dos alunos que foram matriculados no ano de 2017 na EE Professor Augusto Amarante e na EE do Bairro Santo Onofre que se mostra um fluxo negativo.

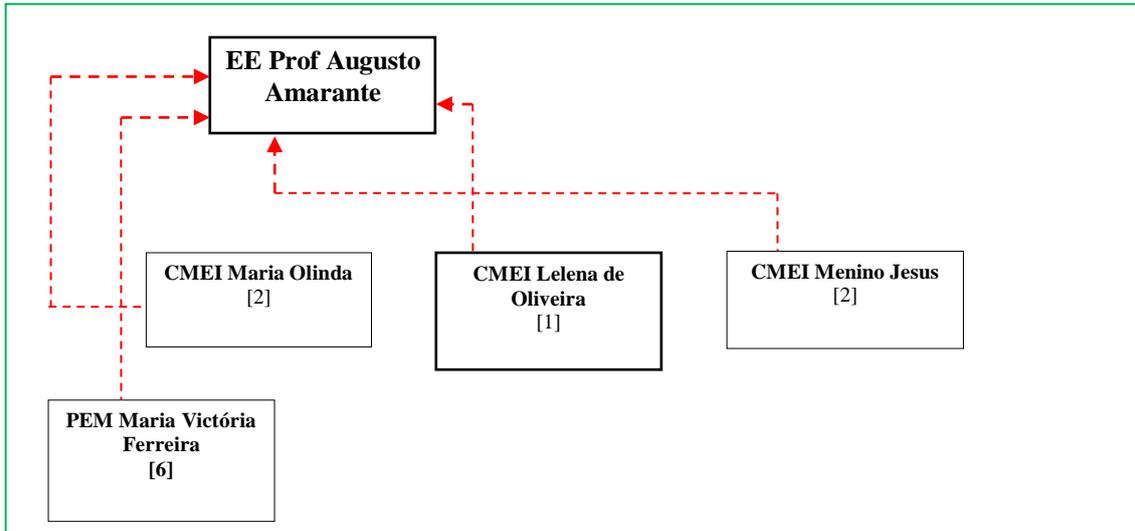


Figura 7: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação Infantil e a EE Professor Augusto Amarante

Fonte: Pesquisa direta na instituição – 2017.

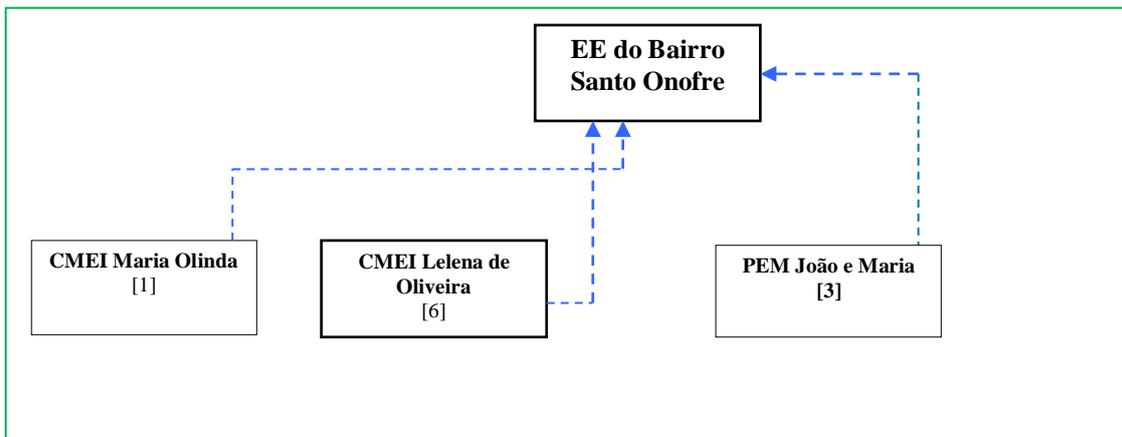


Figura 8: Fluxo de estudantes entre escolas de Educação infantil e a EE do Bairro Santo Onofre

Fonte: Pesquisa direta na instituição – 2017.

O número de alunos que foram matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental nessas duas escolas no ano de 2017 foi 28, todavia serão contabilizados nessa análise apenas os alunos cujas famílias apresentaram declaração de origem da escola de Educação Infantil, o que totalizou 21 matrículas no primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo 11 na EE Professor Augusto Amarante⁸³ e 10 na EE do Bairro Santo Onofre⁸⁴.

⁸³ Dos treze alunos matriculados, dois provieram de fora da cidade e não apresentaram declaração da escola de Educação Infantil de origem, por isso no gráfico aparecem apenas onze alunos.

A EE Professor Augusto Amarante recebeu seis alunos do PEM Maria Victória Ferreira, que funciona na própria escola, dois alunos do CMEI Menino Jesus, dois alunos do CMEI Maria Olinda Pinheiro, um aluno do CMEI Helena de Oliveira.

A EE do Bairro Santo Onofre recebeu seis alunos do CMEI Helena de Oliveira; três alunos do Pré-escolar “João e Maria” que funciona na própria escola e um aluno do CMEI Maria Olinda Pinheiro.

A escolha das sete famílias, cujos filhos frequentaram os CMEI Helena de Oliveira e CMEI Maria Olinda Pinheiro, em matricular os filhos na EE do Bairro Santo Onofre, se difere da tendência de fluxo escolar observada e parece ser uma escolha a partir de critérios práticos, como a proximidade do local de residência da família.

Para compreender a dinâmica de escolha dos estabelecimentos de ensino públicos que ofertam o Ensino Fundamental pelas famílias de Carangola (MG), além da direção do fluxo, serão analisados os bairros onde residem as famílias, uma vez que “os valores, aspirações e preferências dos indivíduos são resultados de um processo de socialização que se desenrola no âmbito de um território específico” (ZUCARELLI; CID, 2010, p. 259).

3.2 Os bairros de origem dos alunos matriculados no Ensino Fundamental nas quatro escolas públicas de Carangola, *locus* da pesquisa

Os alunos da EE Melo Viana originam-se de 12 bairros diferentes da cidade de Carangola. Ao observar a procedência dos alunos por turma verifica-se diferenças e similaridades nas turmas 1 e 2: a primeira funciona no turno da manhã e a segunda no turno vespertino. Ambas congregam alunos de 10 bairros diferentes cada uma. A turma 3, que também funciona no turno vespertino, é constituída por alunos que residem em oito bairros diferentes da cidade.

Dentre os 12 bairros de onde provieram os alunos matriculados na EE Melo Viana, nove são considerados bairros distantes dessa escola⁸⁴ (Santo Onofre, Chevrand, Santa Maria, Ouro Verde, Eldorado, Panorama, Aeroporto, Santa Emília e Coroadó). Desses bairros provieram 38 alunos, que representam 52,1% do total de matriculados. As escolhas por escolas fora do bairro parecem se aproximar daquelas denominadas por Héran (1996), segundo Nogueira (1998), de escolhas ativas, quando as famílias não se resignam às regras do Cadastro Escolar.

⁸⁴ Dos quinze alunos matriculados nessa escola, três são provenientes de transferência de escolas de Ensino Fundamental, um não apresentou declaração da escola de Educação Infantil de origem e uma declarou pré-escolar de origem da zona rural.

⁸⁵ Sendo os últimos distantes, em média, 2,5 km do Centro da cidade de Carangola (MG).

Na tabela 6, a seguir, são mostrados os bairros da cidade de Carangola de onde provieram os 73 alunos matriculados em 2017, no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana.

Tabela 6: Bairros de origem e agrupamento por turmas e turnos dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana – 2017.

Bairros de origem	Turma 1 Manhã	Turma 2 Tarde	Turma 3 Tarde	Total
Santo Onofre	3	4	2	9
Triângulo	8	3	7	18
Caixa D'água	5	4	1	10
Chevrand	1	3	3	7
Santa Maria	2	3	1	6
Ouro Verde	3	4	2	9
Centro	2	1	4	7
Eldorado	1	1	-	2
Panorama	1	-	-	1
Aeroporto	1	-	1	2
Santa Emília	-	1	-	1
Coroado	-	1	-	1
TOTAL	27	25	21	73

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Os alunos matriculados na EE Benedito Valadares provieram de 11 bairros diferentes da cidade de Carangola. Dentre esses bairros, oito são distantes do Centro, onde se localiza essa escola: Chevrand, Santa Maria, Eldorado, Panorama, Aeroporto, Coroado, Amendoeiras e Floresta. O bairro que apresenta a maior concentração de alunos é o Triângulo – 16 alunos, o que representa 44,4% do total de matriculados nessa escola.

A tabela 7 mostra os bairros da cidade de Carangola de onde provieram os 36 alunos matriculados em 2017, no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares.

Tabela 7: Bairros de origem e agrupamento por turmas e turnos dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares – 2017

Bairros de origem	Turma 1 Manhã	Turma 2 Tarde	Total
Triângulo	9	7	16
Caixa D'água	1	-	1
Chevrand	1	-	1
Santa Maria	4	2	6
Centro	-	1	1
Eldorado	2	-	2
Panorama	2	-	2
Aeroporto	1	2	3
Coroado	1	-	1
Amendoeiras	2	-	2

Floresta	-	1	1
TOTAL	23	13	36

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Apenas oito alunos matriculados na EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares são residentes do Centro. Uma das primeiras explicações para isso é o fato de que as famílias moradoras de áreas de prestígio optaram pelas escolas privadas. Além disso, é preciso considerar que o Centro da cidade de Carangola é uma região de comércio, com poucos domicílios e com população mais velha⁸⁶.

Nos quadros 03 e 04 serão apresentados os bairros de Carangola de onde provieram os 27 alunos matriculados em 2017⁸⁷, no primeiro ano do Ensino Fundamental das escolas, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre.

Quadro 3: Bairros de origem dos alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE do Bairro Santo Onofre

Escola	Bairros de origem	Quantidade de alunos
EE do Bairro Santo Onofre	Santo Onofre	11
	Santa Maria	2
	Triângulo	1
TOTAL		14

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Quadro 4: Bairros de origem dos alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Professor Augusto Amarante em 2017

Escola	Bairros de origem	Quantidade de alunos
EE Professor Augusto Amarante	Triângulo	11
	Panorama	2
TOTAL		13

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

O bairro Triângulo⁸⁸, localizado próximo ao Centro da cidade e onde se localiza a EE Professor Augusto Amarante⁸⁹, é o bairro do qual provieram 46 alunos matriculados nas

⁸⁶ Conforme IBGE (2010), no bairro Centro de Carangola a população de idosos era em proporção maior do que a de crianças e jovens.

⁸⁷ Dos 28 alunos matriculados nessas duas escolas, apenas um não apresentou comprovante de residência.

⁸⁸ Segundo dados do IBGE (2010), o bairro Triângulo apresentou uma população de 284 crianças de 0 a 4 anos de idade e 984 crianças de 0 a 14 anos de idade e foi apresentado como o bairro mais populoso da cidade de Carangola (MG), com 5.350 moradores. Disponível em <http://populacao.net.br/os-maiores-bairros-carangola_mg.html> Acesso em 12 de maio de 2017.

quatro escolas estaduais de Ensino Fundamental, *locus* dessa pesquisa. Dentre esses alunos, 34 efetivaram suas matrículas nas escolas, EE Melo Viana e na EE Benedito Valadares, 11 na EE Professor Augusto Amarante e um aluno na EE do Bairro Santo Onofre.

Dos quatorze alunos matriculados na EE do Bairro Santo Onofre⁹⁰, onze deles residem no próprio bairro, o Santo Onofre. Dentre os treze alunos matriculados na EE Professor Augusto Amarante, dois residem no bairro Panorama, adjacente ao bairro Triângulo e os demais são oriundos do próprio bairro Triângulo, o mesmo bairro em que essa escola está localizada, conforme já mencionado. Dos onze alunos matriculados na EE Professor Augusto Amarante, seis frequentaram o pré-escolar Maria Victória Ferreira que funciona em sala cedida nessa mesma escola. O critério prático parece ter fundamentado as escolhas da escola no mesmo bairro onde residem.

Segundo Zucarelli e Cid (2010), as redes de relações sociais que as famílias menos favorecidas mantêm no bairro onde residem, contribuem para que as famílias realizem escolhas escolares mais tradicionais. Segundo esses autores, quando há uma forte relação entre as famílias e a vizinhança, as chances de se escolher uma escola local são aumentadas. Mas, considerando os registros do baixo número de matrículas na EE Prof. Augusto Amarante e na EE do Bairro Santo Onofre, ou seja, os fluxos negativos para essas escolas demonstram que a escolha tradicional para as famílias residentes nesses bairros passou a ser as escolas localizadas no centro da cidade.

Conhecidos os fluxos escolares das escolas públicas de educação infantil para as escolas de Ensino Fundamental (anos iniciais) de Carangola (MG), o próximo capítulo apresenta as análises de quatro entrevistas com quatro famílias que moram em bairros distantes do centro da cidade e que efetivaram as matrículas dos filhos nas duas escolas públicas reputadas e localizadas no Centro, EE Melo Viana e EE Benedito Valadares, com o objetivo de compreender a prática educativa escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias menos favorecidas por escolas comuns e reputadas, bem como os critérios utilizados.

⁸⁹ Encontra-se localizada próxima às partes altas desse bairro, fazendo limite com o bairro Panorama.

⁹⁰ Dos 15 alunos matriculados nessa escola, 14 apresentaram comprovante de residência.

4. A ESCOLHA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS EM CARANGOLA (MG)

Neste capítulo são apresentadas as análises dos dados obtidas por meio de entrevistas realizadas com quatro famílias que escolheram as duas escolas públicas localizadas no Centro da cidade de Carangola (MG): a EE Melo Viana e a EE Benedito Valadares.

4.1 A escolha da EE Melo Viana pela família de Antônio⁹¹

A família do Antônio é formada por cinco membros: a avó, a mãe, um irmão com oito anos, o Antônio, que tem seis anos de idade, e um tio.

A avó da linhagem materna frequentou a escola apenas até o segundo ano do Ensino Fundamental. Ela não lê nem escreve. A mãe do Antônio não tem certeza sobre a escolaridade do avô materno, mas acha que ele sabe ler, porém não sabe escrever. A mãe não soube informar qual o grau de escolaridade dos avós da linhagem paterna de Antônio, uma vez que não convive com o pai dos seus filhos. Ela e o irmão concluíram a Educação Básica.

A mãe de Antônio é diarista em uma casa no centro da cidade de Carangola e complementa sua renda como babá nos dias de folga. A avó trabalha como doméstica em uma casa também no centro da cidade, cujos patrões são padrinhos do neto. O tio do Antônio não tem profissão definida e faz bicos.

A renda média mensal da família, conforme a mãe do Antônio informou, é de aproximadamente um salário mínimo e meio. Com relação à cor/raça, a mãe se autodeclarou parda. A família professa a religião católica, mas somente a avó mantém maior frequência às missas.

A família mora em Carangola há oito anos. Nessa cidade, morou inicialmente no bairro Amendoeiras. Atualmente reside no bairro Coroado, distante aproximadamente 2 km do Centro, em uma casa alugada. A mãe disse estar satisfeita com o bairro de moradia, apesar de ser distante da “rua”, o que dificulta um pouco, segundo ela, o deslocamento a pé até “a cidade”.

A escolarização de Antônio teve início no CMEI Dr. Juarez Quintão Hosken, que oferta vagas para crianças de zero a três anos de idade e localiza-se no bairro Triângulo, próximo ao Centro na cidade de Carangola (MG).

Quando perguntada sobre o motivo de matricular o filho nessa escola, a mãe disse que foi porque ela precisava trabalhar, mas, logo a seguir, disse que não foi ela quem

⁹¹ Todos os nomes dados aos participantes da pesquisa, suas famílias e outras pessoas citadas na análise das entrevistas são fictícios. Foram usados para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

escolheu. Ela informa que decidiu colocar o filho na creche, quando ele completou oito meses de idade, mas que a escola foi definida pelos funcionários da Secretaria Municipal de Educação de Carangola (SEMED). Ela disse:

Fui eu mesma que decidi colocar ele na creche, porque achei que estava mais fácil pra levar ele. Aí, por precisar trabalhar, fui na Secretaria de Educação e pedi uma creche que pudesse colocar meu filho. Eles mesmos que ligaram e pediram uma creche para mim (Adriana, mãe de Antônio).

Observa-se, pelo relato, que a facilidade de deixar o filho no CMEI, em função do local de trabalho, foi um critério prático importante para Adriana matricular o filho nessa escola. Essa escolha do estabelecimento de ensino foi, portanto, motivada pela proximidade geográfica com o local de trabalho de Adriana.

No CMEI Dr. Juarez Quintão Hosken a mãe de Antônio recebeu informações de funcionários de que deveria matricular seu filho no CMEI Lelena de Oliveira. A mãe disse:

Não me lembro... Bem... O que eles falaram não... Mas o pessoal da creche Dr. Juarez Quintão Hosken disse que era boa [referindo-se ao CMEI Lelena de Oliveira] (Adriana, mãe de Antônio).

Certamente o tempo de permanência do filho no primeiro CMEI (Dr. Fernando Quintão Hosken), uma vez que Antônio ingressou com oito meses e permaneceu nessa escola até os três anos de idade, oportunizou à Adriana o estabelecimento de relações com os professores e funcionários do primeiro Centro Municipal de Educação Infantil frequentado pelo filho. Posteriormente, a frequência ao CMEI Lelena de Oliveira viabilizou a matrícula do filho na EE Melo Viana, uma vez que o remanejamento de alunos ocorre dessa forma, ou seja, os alunos que frequentam esse CMEI, de modo geral, são matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Melo Viana.

De acordo com o relato da mãe, observa-se que a escolha da escola de Educação Infantil e de Ensino Fundamental para o filho não foi feita a partir de um conhecimento prévio da família com relação à reputação das escolas, mas em decorrência das redes de relações estabelecidas com pessoas das escolas que informaram a família qual a “melhor” direção do fluxo escolar, isto é, em qual escola ele deveria ser matriculado para prosseguir o percurso escolar após concluir etapas da Educação Infantil e para ingressar no Ensino Fundamental. Assim, a rede de contatos formada nas escolas de Educação Infantil frequentadas pelo filho, constituídas de funcionários, professores e diretores dessas escolas, fez com que a mãe tivesse

acesso a informações “quentes”⁹² sobre as escolas. Nesse caso, a escolha da primeira escola de Educação Infantil afetou positivamente a escolha da escola que oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental.

O fato de a mãe trabalhar no Centro e ter matriculado o filho em instituições que se localizam fora dos bairros onde residia, desde o início da escolarização, pode ser analisada a partir da noção de “força dos laços fracos” (Granovetter, 1974 *apud* PORTES, 2000; COSTA et al., 2013). Essa força decorre do fato de que a família tem relações fracas com os demais moradores do bairro onde reside e uma rede de relações mais ampla, que inclui moradores de outras regiões da cidade e que têm informações diversas, por exemplo, sobre o funcionamento das escolas, o que pode favorecer os percursos escolares dos filhos. Para Marques et. al. (2009) as redes sociais dos indivíduos, para gerarem mais oportunidades, devem ser menos localistas, isto é, ser menos familiarizadas.

Dentre as pessoas da escola que informaram Adriana sobre a “melhor” escola, destaque-se a diretora do CMEI Dr. Juarez Quintão Hosken, conforme a fala dessa mãe:

[...] o pessoal lá da creche onde ele estudava que me deu uma ideia básica e indicou dizendo que era muito boa [CMEI Lelena de Oliveira]. A diretora da creche mais ou menos que me indicou pra onde... Eles dão o nome de umas escolas [...] (Adriana, mãe de Antônio).

A mãe disse que não tinha conhecimento sobre as escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental em Carangola (MG). Ela considerava apenas o CMEI Lelena de Oliveira e a EM Antônio Marques, na qual o filho mais velho estava matriculado. Adriana disse:

Eu acreditava que a única escola que ofertava a Educação Infantil (pré-escolar) era a do Jardim [CMEI Lelena de Oliveira]. Optei pela escolinha mesmo (Adriana, mãe de Antônio).

Quando questionada sobre a importância de matricular o filho na Educação Infantil, Adriana destacou que acredita que nessa etapa da escolarização a criança aprende a ter responsabilidade com a escola e na vida, “sabe que tem que enfrentar escola cedo”. A mãe também cita motivos de ordem pedagógica para explicar a importância da entrada do filho na Educação Infantil: “a criança tem mais apoio”; “aprende a ler e saber as coisas na rua”.

Com relação à escolha da EE Melo Viana, a mãe alegou novamente motivos de ordem prática, pois a escola está localizada no Centro da cidade, próximo ao local de trabalho dela, nessa época. Mas, logo a seguir informa que sua decisão de matricular o filho nessa escola decorreu das informações recebidas da diretora do CMEI Lelena de Oliveira:

⁹² Expressão citada por Nogueira e Nogueira (2017, p. 20) que diz respeito às informações precisas que os pais professores possuem sobre o funcionamento do sistema de ensino.

A menina da escola mesmo, na Lelena [CMEI Lelena de Oliveira], que me indicou mais ou menos algumas escolas que estavam disponíveis. Uma menina lá... A diretora (Adriana, mãe de Antônio).

Outro motivo citado para a escolha da EE Melo Viana foi a segurança que ela sente ao deixar o filho nessa escola. A mãe disse:

Ele não sai sem a minha autorização de lá [EE Melo Viana] e ninguém pega sem a minha autorização também, por isso que preferi que ele ficasse lá, porque tem mais segurança. Eles não vão deixar ele sair com qualquer um que chegar lá (Adriana, mãe de Antônio).

Segundo essa mãe, o acesso à vaga na EE Melo Viana se deu por meio do Cadastro Escolar realizado no CMEI Lelena de Oliveira. Surge novamente a figura dos funcionários, disponibilizando informações à família, em especial a Diretora desse Centro, que foi a principal fonte de informação sobre a rede pública de ensino de Carangola (MG). A mãe disse:

Fiz o Cadastro Escolar. Tinha que fazer um pré-cadastro para poder segurar (é...) a vaga. E acho que ela [diretora] me deu um nome, tinha vários nomes desses colégios e aí me perguntou se eu queria, se eu tinha alguma preferência por alguma escola [de escola do primeiro ano de escolaridade]. Aí eu optei pelo Melo Viana. Tinha que fazer a matrícula, mas já tava a documentação dele que eu tinha feito no Lelena. Já estava lá [na EE Melo Viana]. Meio que já tinha dividido quem ia pra qual escola, quem ia pra outra. É, uma fichinha (Adriana, mãe de Antônio).

Além das razões já elencadas para a escolha da escola a mãe disse que não escolheu a mesma escola do filho mais velho, a EM Antônio Marques, apesar de já conhecê-la, para evitar que houvesse muita comparação entre os dois filhos. Ela se reportou às lembranças de como foi sua vida escolar quando estudou junto com seu irmão e quis evitar comparações que considera que seriam prejudiciais para ambos. Adriana considera que não há diferença entre essas duas escolas:

Eu não queria colocar ele na mesma escola que o meu outro menino estudava [EM Antônio Marques]. Não é porque acho que tem diferença nas escolas. É mais porque... Dois irmãos estudando na mesma escola é muita comparação. Eu não gosto muito desse negócio de comparação. Eu e meu irmão estudamos na mesma escola e sempre tinha isso (Adriana, mãe de Antônio).

Adriana disse que o motivo de não matricular os dois filhos na mesma instituição de ensino se deu devido às suas experiências negativas de quando frequentou a mesma escola que o seu irmão. Questionada sobre o que seria um bom estabelecimento de ensino, disse que não possuía conhecimentos sobre aspectos pedagógicos para avaliar, porém classificou o

ensino ministrado na EE Melo Viana como “diferenciado”, se sobressaindo ao da escola frequentada pelo filho mais velho:

É meio ruim de explicar isso, mas eu acho que... Não ensinam de forma igual. Eu acho que lá tá um pouquinho diferenciado. É bem diferente o ensino lá [EE Melo Viana] (Adriana, mãe de Antônio).

A EM Antônio Marques, frequentada pelo filho mais velho, tem apresentado ao longo dos anos, o IDEB mais baixo dentre as escolas públicas de Carangola que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, o nível socioeconômico do alunado dessa escola a posiciona em situação desfavorável, se comparada à EE Melo Viana.

Dado que a família reside atualmente no bairro Coroado, e um dos filhos frequenta uma escola pública localizada no Centro e outro uma escola localizada no bairro Chevrard, em ambos os casos distantes do local de moradia, o deslocamento diário exige investimentos da família. O filho mais velho se desloca por meio do transporte escolar pago. Antônio se desloca a pé, no turno da manhã e permanece na casa de seus padrinhos, localizada no Centro, onde trabalha sua avó, até o horário de sua aula, no turno vespertino. Sua mãe, que também trabalha no Centro, busca o filho e o acompanha até a EE Melo Viana. Ela disse:

De manhã o Antônio vai pro serviço da minha mãe, que é lá na rua [Centro]. Eu que trabalho no Centro também, vou, fico mais ou menos até umas onze horas, depois, vou até o serviço dela, busco e levo ele pra escola, mas é a pé. O pessoal lá é padrinho, né!? Aí pode ele pode ficar lá na casa com minha mãe (Adriana, mãe de Antônio).

Questionada sobre a escola do bairro Coroado como uma opção para matricular o filho, a mãe disse que está satisfeita com as duas escolas centrais frequentadas pelos filhos e, apesar da distância, não gostaria que eles mudassem de escola.

No que diz respeito aos projetos de escolarização para os filhos, a mãe demonstra interesse que eles ingressem na educação superior:

Minha meta é continuar estudando eles até chegar na faculdade, que é coisa que eu não fiz. Eu não sei se... Ah, isso com o tempo a gente vai... Ah... Vai estudando, vai caminhando (Adriana, mãe de Antônio).

Esse fato corrobora com os estudos de Costa et al. (2013) de que há relação entre altas expectativas referentes à escolarização dos filhos e a escolha de uma escola considerada de qualidade.

A família de Antônio, que foi a que menos apresentou conhecimento sobre a oferta escolar pública da cidade de Carangola (MG), desde a escolha da escola de Educação Infantil à escolha da escola de Ensino Fundamental (anos iniciais) demonstrou critérios práticos de escolha como a proximidade entre o local de moradia/trabalho e a escola, no entanto, foi o

contato proporcionado pelas redes de relações sociais constituídas nos estabelecimentos de ensino públicos de Educação Infantil que o filho esteve matriculado que lhe ajudaram a acessar, por informações mais precisas, as escolas mais reputadas da cidade.

4.2 A escolha da EE Melo Viana pela família da Carolina

A família da Carolina é composta por seis membros: sua mãe de quarenta e três anos de idade, que possui dois filhos, estando o mais velho com vinte e dois anos de idade e que não mora com a família e a mais nova, Carolina, com seis anos. A família ainda é composta pelo avô aposentado e viúvo, por um tio e uma tia, ambos solteiros.

Com relação à escolarização do primeiro filho, ele cursou os anos iniciais do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares e abandonou os estudos quando cursava o quinto ano do Ensino Fundamental e não retomou. A filha Carolina iniciou sua escolarização na Educação Infantil em uma escola particular – a Escolinha da Tia Ulda – aos dois anos e permaneceu nessa escola até completar cinco anos de idade, quando passou a frequentar o CMEI Lelena de Oliveira. Atualmente Carolina cursa o segundo ano de escolaridade na EE Melo Viana na cidade de Carangola (MG).

A mãe de Carolina se autodeclarou parda. Ela exerce a profissão de doméstica de segunda a sexta-feira na casa de uma família no bairro Triângulo. O tio de Carolina trabalha e tem carteira assinada. A tia também exerce a profissão de doméstica. O avô era trabalhador rural. Com relação à renda média mensal da família, a mãe disse que era em torno de quatro salários mínimos.

Segundo a mãe, os avós de Carolina da linhagem materna não eram escolarizados. Já a mãe de Carolina cursou até a quarta série do Ensino Fundamental. O irmão, tio de Carolina, cursou até a quinta série e a irmã mais nova, tia de Carolina, concluiu o curso Normal de Nível Médio (Formação de Professores), tendo feito também o curso técnico de Atendente de Farmácia.

A família morava na zona rural de Carangola e há aproximadamente dez anos reside no bairro Novos Tempos. O deslocamento do bairro de residência, um dos mais distantes do centro da cidade, é feito pela família por meio do transporte público, de bicicleta e, às vezes, de táxi.

A mãe professa a religião evangélica há quinze anos e frequenta com assiduidade a igreja Assembleia de Deus Ministério Fraternal, localizada no bairro Floresta, participando inclusive do grupo Louvor das Irmãs.

Quando perguntada sobre a decisão de matricular a filha na Educação Infantil, ela disse que nessa época vivia com o pai da Carolina e os dois resolveram que a filha deveria ir para a escolinha, com o objetivo de socializá-la, uma vez que a filha convivia somente com os adultos da casa. Como no bairro não havia escola de Educação Infantil para crianças de dois anos de idade, os pais a matricularam na Escola da “Tia Ulda”, uma instituição privada. Sobre essa escola a mãe disse:

Particular. Ali é particular. Mas, assim, é porque ela entrou com dois anos na escola. E não tinha, é... na pública. Aí nós optamos por colocar ela, porque aqui em casa era só adulto, então ela não brincava. Aí tem que socializar a criança. Então colocamos lá pra ela conviver com outras crianças (Laura, mãe da Carolina).

Com relação ao estabelecimento de ensino privado frequentado pela filha Carolina, Laura disse:

[...] eu acho que, na Tia Ulda foi assim, ela tava no período de creche, mas ela tava aprendendo alguma coisa, entendeu? Ela via os meninos lendo, né!? Eles sendo alfabetizados. Então ela foi aprendendo. Aprendeu muito cedo tudo [...] Eu acho muito importante porque, às vezes, a gente fica com o filho em casa e ele não aprende a conviver com outras crianças, não aprende limites, não aprende nada.

A filha Carolina estudou até os quatro anos de idade nessa escola privada. A partir de cinco anos ingressou no CMEI Lelena de Oliveira, localizado no Centro da cidade, onde permaneceu por um ano. A mãe disse que preferia que a filha tivesse permanecido na escola privada até a conclusão da Educação Infantil, mas alegando que a menina vivenciou problemas de adaptação na escola onde estava matriculada, ela foi transferida para o CMEI Lelena de Oliveira.

Questionada sobre o porquê de não ter matriculado a filha em escolas do bairro e próximo dele, a mãe respondeu primeiro com relação à escola de Educação Infantil do próprio bairro que fica localizada bem próxima de sua casa. Ela disse que na época não havia escola para a filha, pois a mesma tinha dois anos de idade e lá atendia apenas crianças de quatro e cinco anos.

Outro motivo forte que fez com que ela não matriculasse a filha na escola de Educação Infantil do bairro, PEM Vereador Pedro Rosa Moura, foi o fato de não se sentir segura com a estrutura da escola⁹³ que possui uma piscina.

⁹³ Essa escola funciona em um clube, o SESI, que foi construído para o lazer dos trabalhadores de Carangola (MG).

Apesar de ter manifestado o desejo de que a filha tivesse cursado toda a Educação Infantil na escola privada, Laura disse que ficou satisfeita com a educação dada no CMEI Lelena de Oliveira. Ela destacou reiteradas vezes a importância da socialização da criança na escola como o motivo mais importante para matriculá-la, pois considera que:

[...] estando na creche, com outras crianças, eu acho que o desenvolvimento deles é muito melhor. Hoje, graças a Deus, ela tá com sete anos, ela já lê tudo. Ela desenvolveu bem, porque ela teve uma boa base. Porque se ela tivesse ficado em casa comigo, ela não teria (Laura, mãe de Carolina).

Sobre o motivo de matricular a filha em uma escola de Educação Infantil localizada no Centro da cidade, longe do bairro onde a família reside, a mãe disse que era “devido ao histórico da escola”. Disse também que, na época, manteve contato com pessoas que trabalhavam no CMEI Lelena de Oliveira: uma prima que atuava como auxiliar de serviços gerais, uma professora e a diretora da escola que a informavam sobre as lógicas de funcionamento dessa escola e de demanda por vagas no Cadastro Escolar.

A prima informava a mãe de Carolina sobre o CMEI Lelena de Oliveira, destacando a tradição da escola, a qualidade do ensino e a atenção dada às crianças.

É... Como é que eu posso te explicar, é o histórico, né!? Até mesmo porque lá no pré-escolar tem professoras lá que eu conheço. Na época, eu não sei se ainda é, mas na época a servente que estava lá é minha prima. Então, assim, tinha todo um histórico, né!? Porque, eu, eu pensei assim: eu não vou levar ela pra um lugar tão estranho. Porque lá temos conhecidos, tem a tia Carmem, né!? Carmem, professora lá que é amiga da gente, entendeu? Eu tive assim um respaldo, que eu sei que lá ensina. Eu sei o tratamento de lá. Então eu tive esse respaldo pra escolher lá, entendeu? E a diretora, lá né!? Ela se disponibilizou, assim em abril, foi uma época difícil, né!? Em abril como é que você consegue uma vaga? Ela conseguiu uma vaga pra mim. Eu fiquei muito satisfeita também com a disponibilidade da escola pra me atender [...] Então, assim, foi uma escolha, assim, por... primeiro porque tinha conhecidos, aí chegando lá, eu tive aquele aparato todo pra poder atender, aí eu deixei lá. Achei melhor (Laura, mãe da Carolina).

A professora Carmem que trabalha nesse CMEI é mencionada também como uma importante referência para a escolha dessa escola. A tia de Carolina trabalhou como doméstica na casa dessa professora e elas se tornaram amigas. Laura disse que, tanto ela quanto a irmã, conhecem o trabalho da Carmem e sabem de sua qualidade. Sobre a proximidade com essa professora, ela disse:

[...] tem conhecidos, tem a tia Carmem, né? Professora lá que é amiga da gente, entendeu? A minha irmã trabalhou com ela. E... a gente tá sempre na casa dela ou ela sempre visita a gente, então a gente tem

mais contato [...] A gente vê o trabalho da Carmem com as crianças, a gente vê a responsabilidade, aí através de uma você conhece as outras professoras, que você vai sabendo. Porque a gente conversa “Ah, porque lá na escola teve assim, com menino tal, a gente ensinou tal”, então a gente vai convivendo e vai conhecendo a segurança que a escola passa, o ensinamento. Então, assim leva a gente a escolher a escola (Laura, mãe da Carolina).

A amizade com a professora Carmem possibilitou a essa família ter um melhor conhecimento do estabelecimento de ensino CMEI Lelena de Oliveira, em relação à aprendizagem dos alunos e também conhecer as professoras que nele lecionam e como é o trabalho delas. Essa busca por informações sobre a escola, o ensino e o corpo docente é, segundo Costa et al. (2013), uma característica de uma escolha ativa.

Para cursar o Ensino Fundamental, a mãe de Carolina disse que considerou três possibilidades: EE Dr. Jonas de Faria Castro, localizada no bairro mais próximo ao seu local de residência e onde ela própria estudou e as duas escolas centrais: EE Benedito Valadares e EE Melo Viana. Essas três escolas constituíram seu repertório de escolhas do estabelecimento de ensino.

Apesar de a mãe ter mencionado a EE Dr. Jonas de Faria Castro, situada no bairro Coroadó, como parte do seu repertório de escolha, logo a seguir, em seu relato ela destaca que essa seria uma escola evitada. Disse que não tinha boas informações sobre essa escola que, inclusive estava passando por reforma na época de matricular a filha no primeiro ano de escolaridade. Ela disse:

Uma escola que eu não queria que minha filha estudasse é o Jonas de Faria Castro, apesar de ter uma familiaridade com a escola, mas assim (é...) no período que eu matriculei ela, ali tava muito complicado. A escola ali tava meio difícil, eu tava vendo algumas dificuldades no aprendizado, então eu optei por não ser lá. Assim, se fosse o caso de colocar pra cá, seria meio complicado, porque eu não queria aquela escola (Laura, mãe da Carolina).

A mãe destaca a seguir que não desejava matricular a filha nessa escola por receio de que ela não tivesse uma “boa aprendizagem” devido à falta de uma boa estrutura física e pelo fato de saber que os professores “tiravam muita licença”:

É... Mas tava em reforma. Tava sabe, assim, menino espalhado pra tudo quanto é lado. Tinha menino estudando lá pro final do coroadó, tinha menino estudando lá na salinha. Lá não sei aonde. Tava uma dificuldade com aprendizado. A professora tirava muita licença, acho que eles não gostam muito de trabalhar quando tem, assim, muita obra. Então eles tiravam muita licença e ficava trocando demais. Então isso aí dificultou a minha escolha pra ali [...] A minha cunhada tava com os meninos dela ali e tava passando muito aperto (Laura, mãe da Carolina).

Questionada sobre o que é uma “boa” escola, a mãe disse que um motivo forte é o ensino, mas que a parceria entre escola e família que ela definiu como sendo uma sensibilidade da escola em entender cada criança e os problemas porque passam, dialogando mais com a família é também muito importante. A mãe acredita que:

Participação dos pais e, como que eu posso te explicar? Quando o diretor, os professores se disponibilizam a conversar mais, a estar mais (é...) lado a lado com a família, né? Porque, se você só (é...), como é que eu coloco? (é...) Se você for uma pessoa que só chega dentro de sala de aula, fez seu papel, dei minha aula, acabou. Aí acho que não resolve muito. Porque você tem que tá sempre interagindo com os pais, perguntando o desenvolvimento da casa, né? Às vezes um acontecimento que deixa a criança numa situação meio que complicada, então a gente tem que comunicar com a escola, a escola tem que comunicar também o que tá se passando lá. Eu acho que essa parceria, melhor dizendo. Essa parceria! Isso! Eu acho que isso é importante (Laura, mãe da Carolina).

Considerando que, segundo Bell (2005), os pais consultam outros pais sobre as escolas em que seus filhos se encontram matriculados para constituir seu repertório de escolha, a mãe de Carolina foi questionada sobre a indicação de alguém para matricular a filha na EE Melo Viana e a mãe citou uma vizinha, cuja filha frequenta essa escola. As informações que obteve sobre a EE Melo Viana dessa vizinha que tem uma filha matriculada no terceiro ano se referiram a alguns aspectos de ordem pedagógica e mais fortemente à segurança que a escola proporcionava aos alunos. A mãe de Carolina disse:

Sim, teve sim. Porque a minha vizinha, como eu já disse, a minha filha tem amizade com ela, ela frequentava a EE Melo Viana e ela me disse que lá era super seguro, que teve tranquilidade com o aprendizado lá, não teve problema nenhum [...] A gente conversa muito sobre isso, aí ela me recomendou (Laura, mãe da Carolina).

Laura mencionou os contatos com outras mães cujos filhos estavam matriculados no CMEI Lelena de Oliveira para a definição de qual escola buscariam vagas para matricular os filhos no primeiro ano do Ensino Fundamental. De acordo com Laura, mãe de Carolina, o contato e a amizade entre as mães proporcionaram encontros em que puderam trocar ideias e fazer “acordos”. Ela relatou que, durante alguns encontros, as mães combinaram de manter a turma unida na próxima escola a ser escolhida, o que culminou em uma escolha coletiva pela EE Melo Viana. Laura relatou:

Sim, porque assim, no decorrer de um ano ela [Carolina] fez amizade com a turminha dela, e assim, eu fiz amizade com muitas mães, com muitas professoras e tal. Mas no final do ano letivo (é...) as mães falaram onde iriam colocar os filhos, então a maioria era onde ela tá até hoje [EE Melo Viana]. E como a gente não queria separar muito a turminha, né!? Porque sair do pré e ir pro primeiro ano (é...) ia ser um salto muito grande pra eles, né!? E se ficasse sozinho ia ficar ruim. Aí,

graças a Deus, né!? Entramos num acordo e colocamos lá [EE Melo Viana], várias mães decidiram. Algumas depois trocaram por causa de horário e tal, mas a maioria da turminha dela do Lelena é a turminha que segue hoje no Melo Viana (Laura, mãe da Carolina).

Dado que essa mãe considera muito importante participar das reuniões na escola, pois associa sua participação assídua na escola ao “direito de cobrança”, certamente essa presença colaborou no estabelecimento de relações com outras mães.

O relato dessa mãe indicia que a enturmação na EE Melo Viana segue padrões que se vinculam à escola de Educação Infantil da qual provieram, ou seja, as turmas na escola que oferta o Ensino Fundamental são as mesmas da escola de Educação Infantil, da qual os alunos foram remanejados.

Segundo Marques (2009), em sua pesquisa sobre as redes de relações e as pessoas pobres, essas redes possibilitam aos sujeitos que as desenvolvem fora de ambientes domésticos mais oportunidades de emprego. Situação semelhante parece ocorrer no caso da escolha do estabelecimento de ensino, pois as oportunidades de conseguir vaga em escolas consideradas de qualidade, fora do próprio bairro, parecem se relacionar a essas redes. Para Marques (2009) quanto menos localistas forem as redes de relações dos indivíduos, mais chances eles têm de obter oportunidades. Sobre as redes de relações, Costa et. al. (2013) e Costa e Koslinski (2012) afirmam que a percepção da diferenciação entre as escolas pelas famílias se dá de formas variadas, sendo uma delas, o contato pelas suas redes de relações sociais.

Bell (2005) considera um importante recurso que os pais dispõem para fazer a escolha do estabelecimento, suas redes de relações sociais. Segundo essa autora, os pais das camadas populares tendem a dar bastante atenção ao que essas pessoas, detentoras de informações sobre as escolas, dizem. Cabe destacar ainda que as amizades dos filhos e o valor que os pais dão a elas são critérios de escolha da escola, conforme Bell (2005).

As redes de relações sociais com a professora e a diretora foram determinantes para a escolha da escola de Educação Infantil mais reputada da cidade. Os professores aparecem nos resultados de diversas pesquisas sobre escolha da escola (NOGUEIRA, 1998; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017) como aqueles que conhecem com propriedade o universo das escolas e, por isso, têm a melhor condição de efetivar as escolhas mais rentáveis ou de colaborar nas decisões das famílias.

Segundo a mãe, suas redes de relações com vizinhos são menos densas do que as que ela mantém fora do bairro. Um dos motivos para a pouca interação com os vizinhos é a sua

falta de tempo, pois trabalha fora, chega sempre à noite e o tempo é muito corrido. Questionada sobre suas amizades, ela disse que possui mais amigos fora do bairro. A mãe justifica o fato de ter mais amizades fora do bairro dizendo que não é discriminação com as pessoas que moram nele, mas por causa do pouco tempo que passa em casa, por causa do trabalho:

Tenho mais amizades fora daqui porque eu passo o dia todo pra lá [no local de trabalho], a gente tem mais amizade lá. Não é discriminação nenhuma com o bairro, não. É a falta de tempo mesmo, porque às vezes você chega em casa, tem as outras coisas pra fazer e não dá tempo de você ficar conversando. Com eles também têm isso. Aí a gente já chega aqui, já é muito cansativo, então [...] Mas eu tenho muitas amizades aqui e tenho mais amizades lá embaixo, em outros bairros (Laura, mãe da Carolina).

De acordo com Zucarelli e Cid (2010), pais que possuem essa relação mais fragilizada com o local de moradia tendem a buscar por oportunidades educacionais para os filhos fora do próprio bairro.

A mãe disse que anteriormente tinha mais conhecimento da EE Benedito Valadares e do CMEI Lelena de Oliveira do que da EE Melo Viana, onde matriculou sua filha. Ela conhecia uma auxiliar de serviços gerais da EE Benedito Valadares, com quem conversava sobre essa escola, seus professores e a diretora.

A rede de relação que afetou a escolha do estabelecimento de ensino (anos iniciais do Ensino Fundamental), EE Melo Viana, foi também a amizade criada e mantida com essa filha da vizinha. Apesar de não serem da mesma idade, as duas têm um forte vínculo afetivo, pois cresceram juntas na mesma rua, as famílias se conhecem, brincam na casa uma da outra e vão para a escola juntas no transporte escolar. Essa amizade ajudou a decidir pela EE Melo Viana, contou a mãe:

Ah! Assim, porque elas brincam muito, as meninas, e a mãe dela tá sempre junto, então ela sempre falava dessa escola. Que é uma escola muito boa, que a segurança lá é muito importante. Que eles têm respeito com os alunos e que ensinam, ensinam muito bem. Então essas eram as informações e que ajudou a decidir [...] Não, não foram amigas no pré, do pré, por causa da diferença de idade. A menina tá no terceiro ano, aí, mas a amizade de saber que ia encontrar na hora do recreio facilitou ela tá lá. Então tem essa menina, essa vizinha aqui (Laura, mãe da Carolina).

Antes de matricular a filha Carolina no CMEI Lelena de Oliveira, a mesma não conhecia outras crianças que estavam matriculadas nessa escola, mas a permanência por um ano, dos cinco aos seis anos de idade nessa escola de Educação Infantil, fez com que seus amigos fossem os colegas de turma. De acordo com a mãe:

[...] quando ela foi pro Jardim da Infância, ela fez amizades lá. Então, ela optou ir pro Melo Viana, porque as amiguinhas dela iam pra lá. [...] tem as meninas do pré que, nas mães pensarem em colocar lá no Melo Viana, puxou todo mundo pra um lado só pra poder ficar a turminha junta. Como a gente viu que tava tudo muito junto, eles estavam já com amizade, tava bem entrosado, a gente não quis atrapalhar eles. Porque no caso, eu tenho escola mais perto que seria até econômica pra mim (Laura, mãe da Carolina).

Assim, o critério das amizades da filha pesou mais para a escolha da EE Melo Viana, uma vez que era para essa escola que se dirigiriam a maior parte dos colegas de turma da Carolina. Portanto, ainda que a mãe tivesse mais informações e conhecimento sobre a EE Benedito Valadares, inclusive porque o filho mais velho estudou lá, decidiu matriculá-la na EE Melo Viana. Ela disse:

A princípio eu queria, assim, se fosse pra eu escolher, eu colocaria no Benedito. Porque eu já tenho um conhecimento de lá, mas como era pro bem-estar dela ela tá junto com os amiguinhos (risos) eu coloquei no Melo Viana [...] No Benedito tem mais professores que eu conheço. Tem a diretora de lá que eu tenho conhecimento com ela de longa data, então, (é...) pra mim seria mais fácil, eu pensava né!? Pra chegar, conversar seria mais fácil, mas olhando pelo lado dela, porque quem ia ficar na escola era ela, então não adiantava ser bom pra mim, tem que ser bom pra ela né? Aí eu optei por lá [EE Melo Viana] (Laura, mãe da Carolina).

Com relação à turma que a filha foi matriculada na EE Melo Viana, a mãe disse que a mesma foi composta pelos amigos do CMEI Lelena de Oliveira:

[...] quando a gente [referindo-se às demais mães] foi fazer a matrícula, aí a diretora já falava né? Que tava montando a turminha já de acordo com que os alunos que estavam vindo do Lelena. Então já foi já uma disponibilidade da escola [...] A turminha que saiu do Lelena segue até hoje (Laura, mãe da Carolina).

A mãe relatou que apoia a filha incondicionalmente. Percebeu-se que o bem-estar da menina está sempre em primeiro lugar. Expressão disso é o fato de que ela permite que a filha participe das atividades culturais da escola como as apresentações de dança, professando a religião evangélica:

E as festas, as confraternizações que têm na escola, minha filha participa de todas que tem. Eu só não obrigo a fazer, mas se ela tiver disposta a participar, eu permito. E estou com ela sempre (Laura, mãe da Carolina).

A mãe de Carolina disse que está satisfeita com a EE Melo Viana e que, portanto, foi uma escolha acertada, pois o ensino é de qualidade, as crianças são bem tratadas pelas

professoras e a atuação da direção é “muito boa”, inclusive pela “abertura” que dá aos pais. Referindo-se à diretora, a mãe disse:

Porque, assim (é...), a diretora lá, ela é muito humana, entendeu? Muito participativa. Tudo que você vai conversar com ela, ela tá sempre à disposição (Laura, mãe da Carolina).

Carolina se desloca para a escola por meio do transporte escolar pago desde quando ingressou na Educação Infantil, aos dois anos de idade. Segundo a mãe, é “um extra” que pesa no orçamento, mas é para a segurança da filha. O transporte é feito por um vizinho que leva outros alunos também, inclusive a filha da vizinha que estuda na mesma escola, EE Melo Viana.

Segundo Costa et al. (2013), custear o transporte escolar é considerado um critério de escolha ativa por parte das famílias que o utilizam e que essas acreditam no êxito escolar dos filhos ao empreenderem acesso às escolas consideradas de “qualidade”. A mãe almeja que a filha ingresse na educação superior e disse que continuará trabalhando para que isso aconteça:

Por mim, pra fazer uma faculdade. Se depender de mim. Se Deus me der saúde pra poder concretizar, ela vai cursar uma faculdade (Laura, mãe da Carolina).

Provavelmente a construção do projeto de futuro de que a filha ingresse na educação superior está relacionado ao fato de que Carangola oferta cursos superiores gratuitos – na Unidade de uma universidade pública, a UEMG. Mas ela acredita que sua filha fará “faculdade de desenho” e refere-se à possibilidade de a filha morar em Viçosa (MG), “onde tenho parentes”. No entanto, também na UFV o curso de Desenho não é ofertado.

A escolha do estabelecimento de ensino da família de Carolina se apresentou como uma busca ativa desde a escolha da escola de Educação Infantil privada até a escolha da escola de Ensino Fundamental (anos iniciais), uma vez que ela buscou escolas consideradas de “qualidade” longe do bairro de residência, em que a família utilizou-se da pesquisa sobre as unidades escolares com professores, auxiliares de serviços gerais e diretores, bem como do critério do transporte escolar para vencer as distâncias espaciais em torno de 2 km entre o bairro de residência e a escola do Centro escolhida.

4.3 A escolha da EE Benedito Valadares pela família de Bruno

A família do Bruno é formada por quatro membros: pela mãe de quarenta e nove anos; o pai de sessenta e dois, pelo filho caçula, Bruno, de sete anos e a avó da linhagem

materna. Bruno tem um irmão mais velho de dezoito anos, que constituiu família e mora em outra casa em rua próxima ao local onde reside sua família de origem.

Os pais de Bruno e os avós da linhagem materna e paterna cursaram até a quarta série do Ensino Fundamental. A avó exerceu a profissão de professora, quando solteira, em sua própria casa na Comunidade Rural de Conceição, zona rural do município de Carangola (MG).

A mãe de Bruno concluiu apenas a quarta série do Ensino Fundamental, mas disse que gostaria de ter estudado mais e se formado professora, mas na época teve de trabalhar para ajudar no sustento de sua família, pois era a filha mais velha.

O irmão mais velho de Bruno cursou até a sétima série, quando abandonou os estudos para trabalhar. Atualmente ele tem um filho com menos de um ano de idade. Bruno tem sete anos de idade e cursa o segundo ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares, localizada no Centro da cidade.

A mãe se autodeclarou parda. Ela é costureira e sua oficina fica na própria casa, na parte da frente. Ela trabalha todos os dias, inclusive aos sábados e domingos. Disse que “se tem serviço, tá pegando”. Atualmente, o pai é funcionário público municipal e trabalha como vigia na garagem do Parque de Exposição de Carangola. Anteriormente era vendedor autônomo. A avó é aposentada. A renda média mensal da família é de aproximadamente dois salários mínimos.

A família de Bruno mora no bairro Novos Tempos há dezesseis anos em casa própria. Com relação ao deslocamento até o centro da cidade, ela disse que eles vão a pé ou de ônibus e, às vezes, de carro que a família possui.

A mãe é evangélica e frequenta há três anos a igreja Assembleia de Deus, que fica no centro da cidade. Toda a família tem frequentado essa igreja, inclusive a avó que é católica.

O filho mais novo, Bruno, não frequentou CMEI na idade de zero a três anos. O filho mais velho frequentou o CMEI Iodetes Faria Knupp do bairro Coroado, pois nessa época, a mãe tinha a necessidade de deixá-lo em tempo integral na escola para trabalhar. Devido ao trabalho ser exercido na própria casa e ter o apoio da avó, a mãe não matriculou o filho mais novo na creche.

Bruno iniciou seu percurso escolar aos quatro anos de idade no PEM Vereador Pedro Rosa Moura, mais conhecido como Escola do SESI⁹⁴, que se localiza próximo à sua

⁹⁴ Como essa turma de pré-escolar funciona nas instalações do SESI, atualmente sob a gestão da Prefeitura Municipal de Carangola, seu espaço físico é muito bom, o que viabiliza boas condições de trabalho aos

residência. Ele frequentou essa escola por dois anos. A escolha se deveu ao fato de ser a escola de Educação Infantil mais próxima de casa e também pela necessidade que a mãe teve de trabalhar, como afirma ela:

Como a maioria das pessoas aqui tem dificuldade de transporte, a gente não pode deixar a criança pequena ir sozinha, entendeu? Aqui é mais perto mesmo. Porque as outras escolas são tudo bem lá embaixo [...] e a gente que trabalha também, né? Não tem quem toma conta, quem cuida (Nádia, mãe do Bruno).

A mãe disse que obteve informações sobre a qualidade dessa escola por meio de vizinhos e dos professores que nela trabalhavam. A maioria das crianças do bairro frequenta essa escola. A mãe destacou também que não existem outras escolas de Educação Infantil próximo ao local de residência. O local onde a família reside, bairro Novos Tempos, localiza-se no alto de um morro bastante íngreme e afastado do Centro. Essas condições dificultam o acesso às escolas fora do bairro, pois as crianças necessitariam de um adulto para acompanhá-las, além da distância. Como a maioria dos pais trabalha fora, não dispõem de tempo para acompanhar os filhos pequenos no deslocamento para escolas distantes.

Questionada sobre a importância da escola de Educação Infantil, a mãe disse que “é bom para a criança já ir acostumando com o ritmo da escola, aprende mais”. Nádia, a mãe de Bruno, disse que ficou muito satisfeita, porque “o filho saiu de lá sabendo muitas coisas”.

A mãe disse que não se recordava de ter feito o Cadastro Escolar pleiteando uma vaga para o filho em escola que oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela disse:

Antes de terminar o ano a professora já deu um papelzinho, uma fichinha dizendo que ele já tava terminando o ano e poderia fazer a matrícula em outro colégio. Qualquer outro colégio. É o pré-cadastro. Deve ser isso, né!? [...] Só o papelzinho escrito à mão mesmo. Que tava terminando e poderia levar o papelzinho (Nádia, mãe do Bruno).

Conforme o relato de Nádia, o pai de Bruno, preferia que o filho fosse matriculado na EE Dr. Jonas de Faria Castro⁹⁵, na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. O pai tomou essa decisão, em função da proximidade entre a escola e o local de moradia da família. Dessa forma, a família não teria custos com o transporte escolar, o que se configurou em uma escolha motivada pela conveniência prática (COSTA: KOSLINSKI, 2012).

professores e o empreendimento de práticas pedagógicas adequadas à idade das crianças, como um amplo espaço para jogos e brincadeiras.

⁹⁵ Essa escola fica situada no bairro Coroadó próximo da casa dessa família a uma distância de aproximadamente 800 metros.

A mãe tinha opinião divergente, mas o filho foi inicialmente matriculado na EE Dr. Jonas de Faria Castro. Ela disse:

A princípio falei não. Disse, vai pro Benedito... e foi ele pra ali [EE Dr. Jonas de Faria Castro]. O pai dele quis colocar ali devido a facilidade pra ir. É mais perto (Nádia, mãe do Bruno).

Questionada sobre o motivo de não querer que o filho Bruno estudasse em uma escola próxima, a mãe relatou que tinha mais familiaridade com a EE Benedito Valadares⁹⁶, pois o filho mais velho tinha frequentado essa escola e “que deu certo”. O filho mais velho também foi matriculado inicialmente na EE Dr. Jonas de Faria Castro, mas ele não se adaptou. Ela descreveu um episódio com a professora do filho mais velho e se mostrou ressentida com a forma como essa professora se referiu ao seu filho.

Como a mãe do Bruno não concordava com a escolha da EE Dr. Jonas de Faria Castro, quando o filho relatou problemas com colegas dessa escola, ela o transferiu para a EE Benedito Valadares, onde o filho mais velho estudara e ela tinha mais proximidade. Para manter o filho estudando nessa escola central foi preciso mobilizar o pai para levá-lo e buscá-lo de carro diariamente. Nádia disse:

Aí coloquei o Bruno aqui no Jonas de Faria Castro. Mas não deu certo, sabe? Começou criança a implicar com ele, querer bater nele. Aí eu falei não. Eu conversei com meu marido e falei: vou botar lá no Benedito [...] Lá é uma excelente escola, muito boa e eu passei ele lá pro Benedito [...] Era eu que pensava, porque meu esposo tem pouco tempo que mora aqui em Carangola e não tem, assim, conhecimento sabe? Ele tem 62 anos. Aí, apesar da idade, ele não tem muito conhecimento. E o meu filho mais velho estudou lá [EE Benedito Valadares] (Nádia, mãe do Bruno).

A proximidade com a EE Benedito Valadares à qual a mãe de Bruno se refere é sua relação com a diretora. A diretora dessa escola está nesse cargo há aproximadamente vinte anos e é admirada do ponto de vista pessoal e profissional por Nádia:

[...] eu gostei do ritmo, do jeito da diretora, sabe? [...] Conheço há muitos anos, muito tempo, desde a época do meu filho. Nossa... Muito bom! Tem muitos anos e ela é uma excelente diretora. É muito boa, nossa! Ela chama atenção na hora certa, dá carinho na hora certa, muito boa, excelente mesmo [...] Sim. Por causa dela que eu decidi colocar ele ali também. [...] e é como eu tô te falando, a diretora de lá do Benedito, pessoas assim, capacitadas pra poder conversar. Isso, a capacitação dos profissionais é muito importante [...] o diálogo com a família pra entender o processo, a dificuldade de cada aluno (Nádia, mãe do Bruno).

⁹⁶ Essa escola se distancia 2 km do local de moradia da família de Bruno.

Segundo Costa (2008), a estabilidade da direção escolar e o reconhecimento de que faz uma boa gestão é responsável pela reputação positiva de uma escola, a qual é percebida pelos pais menos favorecidos e se constitui como critério de escolha do estabelecimento de ensino público.

A professora do filho também foi citada como um exemplo de profissional. Ela destacou que a professora é atenciosa com os pais, aberta ao diálogo e tem disponibilidade para o atendimento individual:

É como eu falei, os professores são excelentes. São muito bons. É igual a professora Rita falou duas coisas que eu admirei e gostei. “Tem criança, as crianças são diferentes, lógico. Portanto, se alguém quiser conversar comigo sobre o seu filho, eu não vou expor filho de ninguém aqui. Ah, fulano é isso. Não. Vocês querem conversar comigo, marca um horário que eu vou falar com vocês sobre o filho de vocês. O que ta acontecendo ou não.” [...] e a tarefa de casa ela falou “Eu não dou tarefa diferente, uma pra um, outra pra outro. Não. A tarefa de casa que eu dou é tudo igual. Por que se não, se eu der uma tarefa diferente, por exemplo, pro Antônio, e dou pro seu filho outra, eles falam, “mas por que a tarefa de um, é uma coisa e do outro é outra?” Eu achei muito bom isso também (Nádia, mãe do Bruno).

A mãe acredita que uma boa escola possui profissionais da educação que têm a capacidade de entender as diferentes dinâmicas das famílias e sabem dialogar, respeitando o modo de socializar das famílias. Ela disse que as escolas devem ter:

[...] pessoas (é...) capacitadas para entender as crianças e as atitudes de cada uma, sabe? Que tem professores, eu já vivi uma situação com meu filho mais velho de uma professora uma vez... eu tive problema com ela na escola porque ele era rebelde, na verdade, mas teve um dia que ela virou pra mim e falou assim “Tem gente que não sabe o que tem dentro de casa”, na minha cara, assim. Eu falei “não, eu sei o que eu tenho dentro de casa”. Isso, aqui no Jonas de Faria Castro. Falei “Eu sei, eu sei o que eu tenho dentro de casa! Meu filho não é flor que se cheire, não é santo, mas também não é dos piores”. Desde então passei ele lá pro Benedito [...] (Nádia, mãe do Bruno).

Além do conhecimento prévio que Nádia tinha da EE Benedito Valadares, ela buscou informações com parentes que tinham filhos estudando nessa escola:

Tinha a prima do meu filho mais velho que estudou lá. A outra estuda lá, a irmã dela. Agora o Pititinho que saiu do SESI também, Samuel, estuda, foi pra lá também. Tudo parente [...] Conversei com as mães né? Pra colocar ele lá, saber sobre a diretora, sobre os professores, né? (Nádia, mãe do Bruno).

Outro critério de escolha, observado por essa mãe, foi a segurança da escola. Ela disse:

Na semana passada fui buscar o Bruno na escola. Eu estava na rua e falei com o pai dele “não precisa buscar ele não que eu vou pegar ele lá” aí atrasei de ir lá buscar, sabe? [...] Aí quando eu cheguei lá, já tava super atrasada. Que ele sai cinco, cinco e pouca. Cheguei lá, já era quase seis horas. Aí ele tava do lado de dentro do portão e o moço que trabalha lá de vigia disse “agora eu posso soltar você” (risos) [...] Tava tomando conta e só ele que tava lá (Nádia, mãe do Bruno).

O fato de o filho mais velho ter estudado na EE Dr. Benedito Valadares, proporcionou à mãe construir uma rede de relações com outras mães, cujos filhos estudavam nessa escola e com a diretora. De acordo com Costa et al. (2013), conhecer alguém que tem uma certa influência é um fator importante que abre a possibilidade de se receber benefícios, nem que seja relacionado a informações relevantes sobre a oferta escolar.

Quando perguntada se conhecia outras escolas que ofertam o primeiro ano do Ensino Fundamental na cidade de Carangola (MG), ela disse que conhecia apenas três, aquela que se localiza próximo ao seu bairro, a EE Benedito Valadares, onde o filho estuda e a EE Professor Augusto Amarante, localizada no bairro Triângulo.

A mãe demonstra interesse em que o filho tenha uma escolarização longeva, concluindo a educação superior. A família não apresenta um planejamento específico para esse fim, mas ela, por meio de injunções cotidianas, ou seja, por conversas e conselhos, destaca o valor da educação:

É... até Deus abençoar que ele faça uma faculdade, né? Penso... Com certeza. Converso... Com certeza [...] É muito importante. O estudo é tudo na vida. Sempre falo com ele. Sempre falo com meu filho, falo com esse pequeno. Tem que estudar (Nádia, mãe do Bruno).

Com relação à participação na vida escolar do filho, percebe-se uma valorização mais por parte da mãe que, se faz presente na escola sempre que convocada, seja para reuniões ou festividades. Ela está sempre presente nas reuniões da escola do filho para as quais é convidada:

Vou sempre. O pai dele fala assim “ai tô cansado...” [...] Aí eu liguei e falei com ele “tem reunião” e ele “ah eu não acredito” Eu falei “não, se você não quiser ir não tem problema, eu vou”. Não vou deixar de ir, meu filho tem pai e mãe, uai! Que negócio é esse, né!? A gente tem que participar da vida do filho, uai. Pode deixar não. Eu falei, nem o outro que eu era sozinha, era só eu e ele, eu não deixava de ir em reunião. Trabalhava fora e tudo e ia (Nádia, mãe do Bruno).

Destaca-se na escolha do estabelecimento de ensino da família de Bruno pela escola de Ensino Fundamental (anos iniciais) do Centro da cidade o critério de escolha por padrão de frequência da escola descrito por Bell (2005), em que a família escolhe uma escola dentro do

seu repertório de escolha por familiaridade e não pelo contexto geográfico; a mãe também foi movida pelo critério da atração gerada pela longa gestão da Direção escolar da escola do Centro, EE Benedito Valadares, que se mostrou como um fator positivo, gerando uma boa imagem da escola.

4.4 A escolha da EE Benedito Valadares pela família de Daniela

A família de Daniela é formada por quatro membros: pela mãe de trinta e sete anos, que se autodeclarou parda, o pai e duas filhas. A mais velha tem quatorze anos e está cursando o sétimo ano do Ensino Fundamental. A mais nova, Daniela, tem cinco anos de idade e está cursando o primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares.

O pai de Daniela concluiu o Ensino Médio e a mãe estudou até a sétima série do Ensino Fundamental. Com relação aos avós da linhagem materna, a avó cursou apenas a primeira série do Ensino Fundamental e o avô cursou até a quarta série. A avó da linhagem paterna concluiu o Ensino Médio e exerceu a profissão de professora.

O pai e a mãe possuem vínculo empregatício. Ele é motorista e trabalha em uma firma localizada em outra cidade. A mãe trabalha como empregada doméstica. Segundo a mãe, a renda média mensal da família é de dois salários mínimos e meio. Com relação à religião, faz seis meses que a família frequenta a igreja evangélica Batista.

A família de Daniela se mudou do campo para a cidade há cinco anos. Eles moraram em três bairros da cidade: Chevrând, Santa Maria e Eldorado. Atualmente a família reside em casa própria nesse último bairro. Sua casa está situada no alto de um morro. A rua possui diversas casas, a maioria apresenta boa estrutura física, como laje e pintura, bem como veículos em garagem. Segundo a mãe, a vizinhança é muito boa e o local é tranquilo:

Os vizinhos são maravilhosos! Acho que eu nunca morei num lugar tão bom. Aqui é praticamente roça, né!? Sossegado. Eu gosto de sossego, do menino correr, brincar! E aqui tem tudo isso, menos quando chove. Quando chove, nossa! Só Jesus! Mas é bom, é um bairro bom de morar. É difícil subir o morrinho, mas nada que atrapalha enquanto se tem saúde (Vanessa, mãe da Daniela).

Com relação ao deslocamento até o Centro da cidade, o percurso é feito a pé ou de bicicleta, apesar de a família ter uma motocicleta, mas pilotada apenas pelo marido que trabalha fora da cidade de Carangola de segunda a sexta-feira.

A escolarização de Daniela teve início quando estava com um ano e nove meses de idade no CMEI Dr. Juarez Quintão Hosken, situado no bairro Triângulo. Logo a seguir a mãe solicitou a transferência da filha para o CMEI Bairro Santo Onofre, que era mais próximo do

local onde ela residia na época, que era no bairro Chevrand. A filha permaneceu nesse último CMEI até completar três anos de idade.

Essas escolhas escolares foram por critérios práticos, o que é destacado no relato da mãe:

[...] também porque era perto. Porque na época eu aluguei casa lá no bairro Chevrand, aí eu arrumei a creche no bairro Triângulo. Quer dizer, era longe, né!? Mas eu não gostei de lá, aí botei ela lá no CMEI Bairro Santo Onofre que foi bom que ficou perto quando eu morava lá (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe, na escolha do CMEI para a Daniela cursar a pré-escola aos quatro anos, empreendeu uma pesquisa com outras mães, suas amigas. Assim, a decisão de matricular a filha no CMEI Lelena de Oliveira se deu, de acordo com a genitora de Daniela, por recomendação de suas amigas que já conheciam essa escola. Outro fator foi o desejo de a filha ir para a mesma escola que a amiga de turma da creche, a qual tinha se matriculado no CMEI Lelena de Oliveira. Ela disse:

Mas eu preferi o Lelena por recomendação, porque fiz uma pesquisa um pouquinho antes, sabe? Aí eu preferi lá em cima e também ela né!?. Eu deixei a escolha pra ela dessa vez. Porque ela queria ir com a coleguinha (risos) aí eu dei prioridade para ela [...] Lá no CMEI Lelena de Oliveira foi mais por opção da coleguinha. Porque ela tem uma coleguinha... A escolha do Lelena foi por amizade. Ela falou “Mamãe, deixa eu ir mamãe?” Aí falei “deixo”. E foi mesmo. E gostou, sabe? E eu gostei mais ainda, dos professores, de todo mundo [...] Desde a creche até hoje, inseparáveis! De lá da creche foi pro Lelena e agora veio também pro Benedito juntas [...] Ah, os outros alunos foram para essa outra escola lá perto do SUS, a sala inteira, e só sobrou as duas (risos) (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe disse que se sentiu segura em deixar a filha no CMEI Lelena de Oliveira, referindo-se tanto à segurança física da filha, como, especialmente, em relação à aprendizagem:

É uma segurança muito grande na escola, nos professores, na educação que ela aprendeu lá. Em todos os sentidos, sabe? Nossa, ela aprendeu muito! (Vanessa, mãe da Daniela).

Daniela permaneceu dois anos no CMEI Lelena de Oliveira. A maior parte desse período a família residia no bairro Santa Maria, próximo à escola, o que facilitava levá-la e buscá-la. Depois de algum tempo, a família mudou para o bairro Eldorado, o que gerou dificuldades no que se refere ao deslocamento diário para a escola. Mas, apesar de uma distância maior a ser percorrida a filha permaneceu no CMEI Lelena de Oliveira e passou a

utilizar o transporte público para deslocamento. No relato da mãe pode-se observar o impacto financeiro para a família custear o deslocamento diário das filhas até a escola. Ela disse:

A mais velha trazia a pequena. Ela vinha com a outra de ônibus, né!? Porque tinha a peleja de pagar o circular para deixar na porta. Porque dali do outro lado onde eu morava o circular, tipo assim, desceu a rua aqui já tá dentro de casa. Aí, os vizinhos ajudavam a olhar. Pelo amor de Deus. Agora eu tô livre disso, graças a Deus [de pagar o Circular]. Nossa, no final do mês fica caro e olha que era só pra vir (Vanessa, mãe da Daniela).

Perguntada sobre a importância de matricular a filha na Educação Infantil, a mãe se referiu a critérios pedagógicos como ajudar a desenvolver a escrita e a leitura da criança:

Eu acho que ajuda muito. Por exemplo, um dia desses... Um dia desses não, foi ontem. Ela pegou meu telefone e escreveu assim “Eu” passou um pouquinho... Não, primeiro ela mandou um “oi”. Eu não acreditei que era ela que tinha mandado por telefone do pai dela. Falei “Uai” como é que ela escreveu isso?” Porque eu que ajudo com tarefa, mas não sabia que ela tava (risos) tão bem. Depois ela botou “Eu” Tocou, eu olhei. Depois “Ti”. Aí depois “Amo”. Olhando, vi que era ela que tava escrevendo, então eu perguntei “Daniela quem te ensinou isso?”. Ela falou “Minha professora”. Quer dizer, é... É um troço que ajuda muito. Tipo assim, igual ela vai ficar agora, a partir de abril, ela vai ficar até as quatro. Vou colocar o horário integral. Nossa! É muito bom! É cansativo? Tem hora que eu acho que perde o tempo de brincar, mas aprende muito. Muito! Eu gosto, sabe? Nossa é ótimo isso de aprendizagem, aprende muito (Vanessa, mãe da Daniela).

Quando Daniela concluiu a Educação Infantil, apesar de existir oferta dessa etapa da educação básica em uma escola localizada a aproximadamente 600 metros do local de residência da família, a mãe preferiu matriculá-la na EE Benedito Valadares, situada a aproximadamente 2 km de distância. Sobre essa escolha, a mãe disse:

Eu e a pequeninha que escolhemos. Eu e ela. Não, mais eu e ela mesmo. Na verdade, quem escolheu mais mesmo fui eu. Ele [o pai] até que também. Sabe, tipo assim, a gente trabalha muito, sempre quer... Não sei... Não é desfazendo do lugar, mas você quer botar uma pessoa, uma criança... Você vai trabalhar, quer ficar tranquila (riso). Então eu acho que lá [EE Benedito Valadares] é bem melhor (Vanessa, mãe da Daniela).

A escolha da EE Benedito Valadares por essa família está relacionada à fuga da escola localizada próximo ao local de moradia. A escola mais próxima recebe alunos dos bairros periféricos Aeroporto, Novos Tempos e Eldorado, cujos moradores, em sua maior parte, são socialmente desfavorecidos e, em alguns casos, estigmatizados.

Sobre o evitamento da escola do bairro, a mãe disse:

Tipo assim... Não sei, é diferente [a EE Benedito Valadares]. Não é... Não tenho preconceito, mas assim, é o tipo de crianças locais. Porque

é a mesma coisa assim, você está num ambiente, aí tá aquele monte de gente bagunceira e têm outras que não são bagunceiras, então você vai e coloca seu filho lá no meio daqueles bagunceiros... Entendeu? Eu acho que a gente também ajuda a levar pro caminho mau, pro lugar errado. Na EE Benedito Valadares eu gostei. Sinceramente, eu sempre procuro o melhor para elas. Portanto, aqui pra mim [EE Dr. Jonas de Faria Castro] é bem mais perto (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe esclarece que não escolheria a escola do bairro em função das características do alunado. Ela considera que existe “bagunça” na instituição, não pelos professores, mas pelos alunos que a frequentam:

Não vou colocar ela em uma escola que tem bagunça. Porque, por exemplo, a escola daqui do bairro é ótima, mas não dá. Pra mim ali não funciona. Eu falei que se fosse pra colocar ela nessa escola aqui [EE Dr. Jonas de Faria Castro], eu a tiraria da escola e poderia até ser presa, mas eu não colocaria. Nada contra a escola. Nada contra pai de ninguém. Nada contra amigo de ninguém. É... Bagunça! Entendeu? É colegagem. Pra mim não dá, não funciona. [...] Na verdade é até feio pra mim, porque tem escola aqui perto, mas não, eu não acho assim, adequada. Não é preconceito com as crianças, é... O pessoal do Aeroporto, as crianças, coitadinhas... As crianças não têm culpa, quem tem culpa são os pais. Porque se eu também não olhasse o lado da minha filha, ela também ia ficar perdida. Então eu tenho medo de colocar ela junto nessa escola, por isso, que eu ando essa lonjura (risos). Não tenho nada contra os professores dessa escola aqui pertinho, não tenho contra... Porque eu acho, assim, os professores fazem até demais. Nossa Senhora! Mas se a gente não ajudar, né!? Os pais têm de ajudar, não tem como deixar tudo para os professores não (Vanessa, mãe da Daniela).

A escolha da EE Benedito Valadares se deu após uma visita na escola, duas semanas antes de as aulas começarem. Apesar de ter de “ouvir falar” dessa escola, muito próprio de cidades pequenas onde se conhecem pessoas “de vista”, mas sem ter intimidade (LACERDA, 2014), essa mãe resolveu ter um contato maior com as pessoas da escola para se certificar se o ambiente era realmente adequado para a escolarização da filha indo até o local, conforme relatou:

Fui conhecer a escola sim. Isso, antes de matricular. Porque, como eu te falei, muita gente que eu já conhecia que estudou ali, né!? Fui lá e conversei com a, como é que fala? A moça que fica na secretaria lá? Supervisora? Uma coisa assim. Conversei, perguntei como era tudo. Fui. Eu acho que foi uma semana ou duas antes da aula começar. Fui lá, falei que ela tava doida pra ir e tudo, né!? E gostei! De todo mundo. Foi nesse dia que eu comecei a conhecer o pessoal de lá (Vanessa, mãe da Daniela).

De acordo com Zucarelli e Cid (2010), em seu estudo sobre redes de relações sociais e aspectos de escolha do estabelecimento de ensino ligados ao território, algumas famílias

consideraram uma escola de boa “qualidade” como sendo aquela que possui um público diferenciado daquele existente nas escolas locais e que possibilita a seus filhos conviverem com crianças e outras pessoas que não são de comunidades locais, com históricos de falta de segurança.

A mãe justifica a escolha da EE Benedito Valadares por essa ter um alunado que, na sua perspectiva, não traz riscos à integridade física de sua filha e não seria fonte de “más” influências. O relato a seguir esclarece a justificativa de evitamento da escola local pela mãe:

Não gosto de criticar a vida dos outros. Tenho medo porque tem muita bandidagem por aqui afora, sabe? É muita droga. Então, filhos que vivem num ambiente que eu acho que não vai fazer bem pra eles. Entendeu? O que pega pra mim não é a escola, é a colegagem. Quando minha filha tava lá no Jardim, eles queriam que eu transferisse ela pra cá [escola de Educação Infantil do bairro Coroadó]. Aí eu falei mesmo com a diretora “Se vocês tirarem ela daqui...” “Ah, mas a gente tem que dar prioridade pras pessoas que moram mais perto. Lá ta perto pra você”. Eu falei “Se vocês tirarem ela daqui [CMEI Lelena de Oliveira] e eu não conseguir outra escola por aqui, ela vai parar de estudar.” Aí eles deixaram ela quietinha lá. Entendeu? É segurança [...] Não falo que dessa água não bebo, porque se algum dia tiver que tirar ela do Benedito... Mas vai ser contra a minha vontade. Se for pra tirar ela do Benedito, se caso acontecer de não poder ficar lá e tiver que colocar em outra escola eu coloco, mas ali não [EE Dr. Jonas de Faria Castro] (Vanessa, mãe da Daniela).

A preocupação com a socialização das filhas na escola é reiterada pela mãe para justificar a escolha da escola:

Ela tá aprendendo bem na escola. Ela tem ótimo professor. Eu quero que cresce educada (risos). Eu quero que ela tenha a minha educação. Não quero que ela aprenda a xingar [...] Porque tem menino que diz assim “Ah, meu pai faz isso dentro de casa. Ah, minha mãe faz isso. Ah, meu pai fuma droga.” Eu não quero esse ambiente pra ela. É só isso, mais nada (riso). Porque dentro de sala o professor controla, mas e na hora do recreio? Vai aprender coisa que não presta. E pra mim não dá. Não é preconceito, é evitar um pouquinho. Porque eu quero que ela cresça, quero que ela estude, quero que ela seja uma pessoa normal, trabalhadeira, honesta. Entendeu? Que nem eu (risos) (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe continua justificando a escolha da EE Benedito Valadares, inclusive dando ênfase na distância que a filha tem de andar para estudar na escola central, pelo motivo de evitar o contato com alunos que ela considera oriundos de lares com famílias desajustadas social e emocionalmente. Ela demonstra até mesmo saber da origem de tais alunos que disse serem residentes do bairro Aeroporto⁹⁷:

⁹⁷ O bairro Aeroporto é um bairro periférico. Não possui escola de Ensino Fundamental e, por isso, as crianças que ali residem compõem, em sua maioria, o alunado da EE Dr. Jonas de Faria Castro.

Perguntada sobre as características do alunado da EE Benedito Valadares a mãe disse que acredita que os alunos dessa escola são “adequados” para conviver com sua filha. Ela disse que se sente segura deixando a menina nessa escola que, segundo ela, “possui um clima bom”:

A escola é maravilhosa! Os alunos são todos maravilhosos. Se eu pudesse carregava tudo para cá pra ficar com ela (risos) (Vanessa, mãe da Daniela).

Quando perguntada sobre o que seria uma boa escola, a mãe destacou tanto a questão pedagógica referente à “aprendizagem” da filha e ao ensino da escola, como a importância da socialização. De acordo com essa mãe, uma escola boa em sua visão é aquela que possui um clima harmonioso, destacando aspectos relacionados à socialização escolar:

Tem que ter uma aprendizagem, não adianta a criança tá ali pra aprender, mas tem que aprender a ter respeito. Entendeu? Tem que saber ter educação. Eu ensino a minha a ter respeito. Pelo amor, eu falo com ela “Eu sou sua mãe em casa. Na escola, a professora é sua mãe. Você tem que respeitar ela. Não é a mim não, você vai me respeitar quando estiver comigo.” Eu ensino isso pra ela. Então eu acho que... Eu ensino muito ter educação, eu acho que tem que ter educação. Em primeiro lugar eu acho que é educação, respeito tanto pros pais, pros alunos, pros professores. Porque, eu acho assim, o ensino tá ali, eles, os professores... Né? Igual tem muita gente “Ah, eles são pagos, eles tem que ter paciência com as crianças.” Não, eu não acho e não concordo. Professor tá sendo pago... Ele tá sendo pago, igual eu sou paga pra ser empregada doméstica. Eu tenho minha obrigação. Mas eu tenho que saber ter educação. Educação, respeito. Tanto dos alunos para os professores e dos professores para os alunos. Os pais têm que respeitar os professores. Porque a gente vê tanta coisa que num... Eu acho assim, eu sou meio do lado do respeito. Meio antigona sabe? (É...) Eu sou meio antiga mesmo. Um clima bom entendeu? Todo mundo respeitando o outro. Saber ter educação, respeito, tudo. (Vanessa, mãe da Daniela).

Para essa mãe a disciplina e a organização da escola são critérios importantes para a escolha escolar, como também observado por Costa e Koslinski (2012). Ela disse:

Mas eu sou o tipo da pessoa que, não sei, minha mãe criou dum jeito que não podia faltar da escola. Portanto que as meninas sofrem comigo, pois não podem faltar à escola. Eu quero que elas aprendam, mas também que elas gostem de ir pra escola. Eu admiro muito os professores. Falo que não sou mãe brigona. Se tiver que botar minha filha de molho lá, pode pôr. Eu acho que é escola da vida mesmo. Pra aprender tudo. Criança que vai pra escola é completamente diferente. Eu gosto, eu sou muito a favor da escola (Vanessa, mãe da Daniela).

Ao comparar as duas escolas públicas centrais – EE Melo Viana e EE Benedito Valadares –, a mãe expressa sua dúvida na escolha entre essas duas escolas:

Conheço as duas. Porque, na verdade, eu estava querendo colocar ela lá no Benedito ou no... Como é que fala o nome da outra ali perto do SUS? [EE Melo Viana]. Isso! Eu estava na dúvida, porque lá dizem que é maravilhoso! Porque eu também andei investigando onde é que eu ia colocar, né!? Primeiro, com as mães. [...] Eu tive vontade de colocar ela nessa outra né!? Essa perto do SUS que eu nunca sei o nome dela. Eu sempre tive vontade, na verdade eu queria até pôr ela lá [EE Melo Viana], até pouco tempo agora. Ela teve um probleminha na escola e ela falou: “Mãe, eu quero mudar de escola”. Aí eu falei assim “Pois é. Eu queria tanto te colocar lá, mas você quis estudar aqui!” (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe disse que optou por essa última por motivos pedagógicos, pois considera essa escola “puxa muito no ensino”. Ela justifica sua escolha destacando também que a EE Benedito Valadares fica mais próxima do seu local de trabalho, ainda que as duas escolas se distanciem uma da outra apenas poucos metros. O relato a seguir apresenta a justificativa da mãe ao escolher entre as duas escolas centrais:

Eu também queria por lá [EE Melo Viana], mas eu acho que a referência de puxar e de ali [EE Benedito Valadares] ser mais fácil pra mim, porque eu trabalho perto da ponte quebrada, tendo que andar só mais um pouquinho e deixar ela na escola me ajudou a decidir. A outra, a EE Melo Viana, eu teria de andar mais um pouquinho pra deixar ela na escola. Então, por ser mais perto, o trecho de passagem para o trabalho é mais fácil pra mim (Vanessa, mãe da Daniela).

O reconhecimento da qualidade do ensino ofertado na EE Benedito Valadares remonta, de acordo com os relatos dessa mãe, ao período em que ela trabalhou como babá de crianças que frequentavam essa escola, além de conhecer outras pessoas cujos filhos estudaram ou estudam nessa escola. Ela disse que desde essa época, desejava que quando tivesse filhos, que os mesmos estudassem nessa escola:

Tem muita gente que é minha conhecida que estudou nessa escola. Aí eu acho que eu já tinha mesmo a vontade de colocar lá [...] lá na rua [centro da cidade] eu já trabalhei como babá e os meninos, [...], estudou nessa escola e... Tem uma amiga minha que a menina dela estudou ali. Então eu vi muita referência boa de escola (Vanessa, mãe da Daniela).

Ainda sobre o ensino na EE Benedito Valadares a mãe disse que “lá é puxado, do jeito que ela sempre quis”. O rigor da professora também é visto pela mãe como algo positivo:

A EE Benedito Valadares era meu sonho, né!? Arrumar uma escola que pegasse no pé. Eu consegui uma (risos). Tanto que agora eu fiquei mais apaixonada com a escola. É tipo assim, de segunda a quinta é dever. (é...) Ela tava até de castigo um dia desses porque ela fez uma orelha no caderno e eu detesto. A tia dela detesta também. Eu fui na reunião e ela falou “Não! Menino fez dever feio? Eu também tenho essa mania “Escreve seu nome, aí fez feio? Eu escrevo Tá feio!”

A tia dela também não gosta. Então ela tá aprendendo muito. Você tem que ver a letrinha da menininha de cinco anos. Ela faz uma letrinha tão bonitinha! Eu... Eu acho que tem esse lado... Sabe? Eu gosto. Aprende muito (Vanessa, mãe da Daniela).

A escolha da EE Benedito Valadares, além de outros critérios utilizados, decorreu do fato de que a filha Daniela desejava estudar na mesma turma de uma amiga do CMEI Lelena de Oliveira, com a qual ela tinha relações de amizade desde o início do processo de escolarização.

Considerando a turma de origem da Daniela no CMEI Lelena de Oliveira, apenas ela e sua amiga foram matriculadas no primeiro ano do Ensino Fundamental na EE Benedito Valadares, as demais crianças dessa turma foram matriculadas por seus pais na EE Melo Viana.

Com relação à sua rede de amizades no bairro onde mora a mãe disse que conversa com os vizinhos, mas não existe relação de amizade entre eles. Ela alegou que isso ocorre porque “trabalha demais” e não tem tempo para “ficar batendo papo na rua”. Sobre sua rede de amizades fora do bairro a mãe disse que tem muitos conhecidos na “rua”, “do comércio”, “do trabalho” e “da roça”, lugar em que morou.

Os estudos de Zucarelli e Cid (2010) indicaram que famílias que possuíam laços fracos com a vizinhança matricularam seus filhos nas escolas que consideraram de “qualidade” fora da comunidade em que moravam. Já os moradores que nutriam laços fortes com a vizinhança, faziam escolhas por escolas locais.

Para Bell (2005), as redes de relações sociais dos pais são o meio mais eficiente de se conseguir informações sobre os estabelecimentos de ensino. Assim, os pais consultam suas redes para obterem informações a respeito das escolas. Os dados dessa pesquisa indicam que o conhecimento que a mãe de Daniela possuía sobre a EE Benedito Valadares decorria de sua diversificada rede de relações sociais, formada, principalmente, pela convivência da filha na escola e seus contatos do trabalho.

Marques (2009) aborda, em seu trabalho, a correlação entre as redes de relações sociais das pessoas pobres com as oportunidades que se apresentam a esses indivíduos. Para esse autor, aqueles que possuem redes de relações menos locais, ou seja, menos centradas na família, na vizinhança e desenvolvidas no trabalho, na igreja, desde que participe pelo menos de quinze em quinze dias e em associações, esses indivíduos tendem a ter mais oportunidades de trabalho, de maior renda e contar com outros tipos de ajuda. Esse parece ser o caso da mãe de Daniela. O conhecimento advindo das suas redes de relações sociais, em especial aquelas

constituídas fora do ambiente doméstico e do bairro, a possibilitou perceber que existem diferenças entre as escolas, o que corrobora com Costa et al. (2013, p. 149), que afirma serem os pais mais informados por suas redes de relações, aqueles que “conhecem mais os perfis das escolas e as possibilidades de melhores oportunidades escolares para os filhos, enquanto os que desconhecem acreditam na existência de uma rede escolar homogênea”. Vanessa disse:

Eu perguntei muito a respeito da escola, né!? E, assim, já tem muita gente lá que é conhecido meu que estudou nessa escola. Então eu acho que eu já tinha mesmo a vontade de colocar lá. As informações são muito boas. Eles falam muito bem da escola. Que os professores são ótimos, que são antigos. Eu acho que professor ali nem troca, né!? Porque, merendeira então, tem uma que se chama Nilda que vai aposentar e os filhos dela estudaram tudo ali sabe? Ela está lá, a merendeira. Não fica trocando de professor, sempre são os mesmos professores. Isso dá muita segurança pra gente (Vanessa, mãe de Daniela).

O deslocamento da filha para a EE Benedito Valadares é feito a pé, juntamente com outras crianças, filhos de uma vizinha, que Vanessa acompanha a pé, levando-as para a escola e depois se dirige ao seu local de trabalho. A final do turno, a mãe das outras crianças se encarrega de acompanhar Daniela e sua irmã até sua casa. Vanessa descreve esse deslocamento da seguinte forma:

Eu continuo levando de bicicleta! Eu levo a Daniela e os meninos da vizinha e na volta ela busca. Entendeu? Eu levo e a vizinha busca. Nós fizemos uma troca. É a Glória aqui a mãe da cabeludinha que tava aqui agora. Ela não trabalha (risos). Aí depois ela vai e busca a pé (Vanessa, mãe da Daniela).

A mãe manifestou o desejo de as filhas concluírem o Ensino Superior. Ela associa a escolarização longeva à possibilidade de obter um emprego “diferente do dela” e que assegure a mobilidade social. Essa mãe disse que mantém conversas sobre a necessidade de se cursar uma faculdade com as filhas. Vanessa disse:

Eu queria que ela estudasse e não fizesse igual a mim que parei na sétima série. Eu falo pra ela “Minha filha, lavar vaso dos outros não é mole não!” (risos). Eu pretendo que ela tenha educação, estude até formar. Também não escolho nada pra elas não. O que elas quiserem ser, vão ser. Mas eu quero que elas estudem. Queria que ela estudasse, terminasse, fizesse uma faculdade, alguma coisa assim. É meu sonho, né!? O que eu não tive, eu quero que elas tenham. Incentivo muito. A mais velha fala que não vai fazer faculdade, mas nós estamos na briga, vamos ver. “Nossa mãe eu não quero fazer faculdade não!” Mas vai ter que fazer (Vanessa, mãe da Daniela).

A escolha do estabelecimento de ensino empreendida pela família de Daniela apresentou critérios de escolha que coexistiram simultaneamente, desde a escolha da escola de

Educação Infantil até a escolha da escola de Ensino Fundamental (anos iniciais), que foram as escolhas pautadas pelas redes de relações sociais por amizade da filha e da mãe, constituídas em ambientes externos ao familiar e ao bairro de residência, no entanto, a mãe, durante a entrevista, mostra muita clareza e convicção da escolha acertada que fez das escolas avaliando a aprendizagem da filha e alguns critérios pedagógicos das escolas, mas destaca-se um critério importante enfatizado pela mãe e que justificou inclusive a ação de evitar a escola próxima do bairro. Trata-se do critério de escolha da escola pelo clima escolar, organização interna como a disciplina, respeito e composição social do alunado da escola, ou seja, escolha pautada por valores que a família acredita e que fazem parte de sua ordem moral doméstica.

Ao analisar as práticas educativas escolha dos estabelecimentos de ensino públicos, EE Melo Viana e EE Benedito Valadares, ambas reputadas e localizadas no Centro da cidade de Carangola (MG), uma cidade pequena, por quatro famílias das camadas populares que residem distantes das escolas centrais, tendo efetivado nessas as matrículas dos filhos, buscou-se a partir do referencial teórico utilizado no capítulo I descrever e analisar os critérios que essas famílias se utilizaram para a escolha das escolas comuns mais reputadas da cidade.

Apresentou-se primeiramente a análise da prática educativa escolha do estabelecimento de ensino da família de Antônio, morador, atualmente, do bairro Coroadó, que escolheu a EE Melo Viana; seguida da análise da prática educativa escolha do mesmo estabelecimento de ensino, pela família de Carolina, moradora do bairro Novos Tempos.

A posterior apresentou-se a análise da prática educativa escolha do estabelecimento de ensino, EE Benedito Valadares, pela família de Bruno morador do bairro Novos Tempos, seguido da análise da prática educativa de escolha do mesmo estabelecimento de ensino, pela família de Daniela, moradora do bairro Eldorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “A escolha dos estabelecimentos de ensino públicos por famílias na cidade de Carangola (MG)” teve por objetivo conhecer, descrever e analisar as condutas de escolha dos estabelecimentos de ensino públicos das famílias, cujas crianças ingressaram no primeiro ano de Ensino Fundamental em 2017, em escolas públicas dessa cidade. A hipótese inicial desse trabalho era de que a primeira escolha do estabelecimento público, nesse caso de Educação Infantil, afetaria as escolhas escolares subsequentes.

Os dados secundários mostraram a existência de uma hierarquia entre as seis escolas públicas urbanas que ofertam o Ensino Fundamental na cidade de Carangola (MG) e que as dessemelhanças entre elas são percebidas pelas famílias que têm efetivado suas escolhas pelas escolas do Centro e reputadas. Os fluxos escolares com alta demanda de alunos para as duas escolas centrais, e, os fluxos negativos de matrículas para escolas centro periféricas demonstram que a população percebe as diferenças existentes entre as escolas e que tomam decisões de escolha seguindo essas percepções.

A existência de um fluxo alto de alunos de uma escola de Educação Infantil reputada, CMEI Lelena de Oliveira, para uma escola de Ensino Fundamental (anos iniciais), EE Melo Viana, sugere um “convênio” entre essas duas escolas. Assim, o fato de se ter um filho matriculado nessa escola de Educação Infantil eleva as suas chances de matriculá-lo na escola pública comum mais reputada da cidade, a EE Melo Viana.

Os dados gerados por meio de entrevistas indicam que dentre as quatro famílias pesquisadas, duas são chefiadas por mulheres com média de dois filhos e que moram com um dos pais e irmãos e duas famílias biparentais, com até três filhos. A renda média das famílias é dois salários mínimos. Três famílias têm casa própria, exceto a família de Antônio que mora em casa alugada e que possui a menor renda. Todas as mães trabalham, sendo três como domésticas e uma como costureira. Apenas essa última permanece na sua própria casa durante o dia, onde tem uma oficina de costura. Com relação ao nível de escolaridade, apenas a mãe do aluno Antônio e o pai da aluna Daniela concluíram o Ensino Médio.

A escolha das escolas de Educação Infantil se deu por motivos práticos relacionados à necessidade das mães de trabalharem fora de casa e um dos motivos principais para a escolha do estabelecimento de ensino foi a proximidade entre a escola e a residência. Apenas uma família, a da Carolina, escolheu uma escola de Educação Infantil privada por motivos de ordem pedagógica.

O ato de escolha da escola de Educação Infantil não foi indicado pelas famílias como uma ação planejada, tendo como propósito o remanejamento para escolas públicas mais reputadas que ofertam o Ensino Fundamental. No entanto, o ingresso no CMEI Lelena de Oliveira, o que ocorreu em quase todos os casos pesquisados, excetuando apenas o caso do Bruno que frequentou a Educação Infantil no bairro em que residia, oportunizou às famílias a constituição de redes sociais, especialmente com profissionais da educação, que lhe deram acesso a informações que viabilizaram as “melhores” escolhas. Parece, portanto, que a escolha do estabelecimento de Educação Infantil afeta a escolha subsequente, por meio das redes de relações sociais que são constituídas na primeira escola. A mãe de Carolina, por exemplo, relatou que os pais conversavam informalmente, quando se encontravam na escola de Educação Infantil sobre a escolha do estabelecimento de Ensino Fundamental. O objetivo era escolher uma boa escola pública e fazer com que a turma permanecesse unida. Concluíram, nesse caso, que a melhor escolha era a EE Melo Viana.

Os dados indicaram que as duas escolas públicas de Ensino Fundamental centrais gozam de boa reputação entre as quatro famílias investigadas, portanto, a escolha da escola fora do bairro de residência das famílias está relacionada a uma procura ativa pelo estabelecimento de ensino de qualidade.

As famílias pesquisadas não se referiram à escolha dessas escolas em função dos resultados das avaliações externas, ainda que elas tenham alcançado os índices mais altos. Outros motivos foram mencionados como o reconhecimento do trabalho da direção da escola, em especial o da diretora da EE Benedito Valadares que ocupa o cargo de diretora há, aproximadamente 20 anos.

As manifestações dos filhos também foram indicadas pelas mães como fatores que pesam na escolha do estabelecimento de ensino. Para duas mães, a opinião das filhas foi decisiva, pois elas desejavam continuar a frequentar as turmas constituídas pelas crianças que tinham se tornado suas amigas durante a Educação Infantil. Esse foi o caso da mãe de Daniela, a qual reivindicava continuar na mesma turma de uma amiga, cuja relação de amizade teve início quando ela ingressou na Educação Infantil. Também a mãe de Carolina disse que a decisão de matricular a filha na EE Melo Viana fundamentou-se na amizade da filha com os colegas de turma, já que todos se mantiveram juntos na nova escola para cursar o Ensino Fundamental.

As quatro famílias citaram motivos pedagógicos como “a criança aprende mais” e “se prepara melhor quando começa a estudar mais cedo”. A segurança foi relacionada pelas

quatro famílias ao conceito de uma boa escola e exerceu influência como critério de escolha para esses pais.

A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias pesquisadas não foi baseada em motivos pragmáticos como proximidade da residência, próprio das famílias menos favorecidas. Contrariamente, foram feitas por meio de pesquisas que as mães fizeram junto a outros pais, parentes e profissionais da área da educação como professores, auxiliares de serviços gerais e diretora.

O apoio de familiares aparece como muito importante para efetivação da escolha do estabelecimento, dado que as famílias residem em locais distantes das escolas, a pouca idade dos filhos objeto da pesquisa, além do fato de todos os pais trabalharem fora. A mãe de Daniela, por exemplo, utiliza-se do apoio de uma vizinha para trazer a filha de volta da EE Benedito Valadares e da filha mais velha que cuida da pequena até a mãe chegar do trabalho. A mãe de Antônio deixa o filho no turno da manhã com a avó materna, na casa em que essa última trabalha, buscando-o após o almoço para levá-lo para escola. A avó de Bruno, que reside na mesma casa que o neto, cuida dele enquanto a mãe trabalha na oficina de costura, inclusive preparando-o para ir para a escola.

As redes de relações sociais na cidade pequena, principalmente àquelas ligadas aos profissionais da área de educação, facultam aos pais o acesso a informações sobre as escolas da cidade. A mãe de Carolina, que tem relações de amizade com uma professora da rede municipal, com a diretora de um CMEI e com uma prima que é auxiliar de serviços gerais em uma escola da rede municipal, contou com informações de todos esses atores para efetivar sua escolha escolar. A mãe de Antônio também contou com informações de profissionais da educação a respeito das escolas para efetivar sua escolha.

O fato de um irmão já ter frequentado determinada escola também fundamentou a escolha do estabelecimento de ensino a ser frequentado pelo filho mais novo, em um dos casos analisados. A mãe de Bruno escolheu a EE Benedito Valadares, porque o filho mais velho frequentou essa escola até a conclusão do quinto ano de escolaridade. Diferentemente disso, a mãe de Antônio não matriculou o filho mais novo na EM Antônio Marques, frequentada pelo filho mais velho.

O contato com os profissionais da educação em uma cidade pequena parece compensar a falta de informações para discriminar as escolas, analisar o perfil escolar dos filhos e compreender os modos de funcionamentos das escolas e as lógicas de ocupação de vagas.

O deslocamento das crianças diariamente, em função da distância entre o local de moradia e a escola pública onde matricularam os filhos se configura como um problema a ser constantemente enfrentado e que demanda negociação no âmbito da família. Talvez esse seja o maior entrave a ser enfrentado pelas famílias, o qual coloca em suspensão a possibilidade de manter ou não essa situação durante o percurso escolar dos filhos. A renda familiar dessas famílias é baixa, em torno de dois salários mínimos, e custear o transporte público onera de modo muito significativo as famílias. As distâncias, em alguns casos, são em torno de 2 km entre a escola e o local de moradia e as crianças têm entre cinco e seis anos de idade. As alternativas vão do pagamento do transporte escolar, como é o caso das famílias de Carolina e Bruno, ao uso de alternativas como transportar as crianças em bicicletas, deslocar-se a pé, com antecedência de um turno, como é o caso de Antônio.

Três famílias evitaram a EE Dr. Jonas de Faria Castro, ainda que essa seja a escola mais próxima da residência delas e elas morem em locais distantes do Centro. A localização geográfica dessa escola não aparece na fala das mães como motivo do seu evitamento, mas a composição social do alunado, pois a escola atrai estudantes de bairros pobres da cidade, como o Novos Tempos, e essas famílias consideram que esses alunos não têm o comportamento escolar que viabiliza o trabalho pedagógico, comprometendo o aprendizado e gerando situações de violência. A mãe de Daniela se referiu ao alunado dessa escola como caracterizado por “famílias desestruturadas”, “com envolvimento com drogas e alcoolismo” e as crianças que não possuem disciplina e respeito.

As redes de relações sociais das famílias, no que tange aos laços de amizade constituídos no bairro em que residem se mostraram fracas, principalmente em duas famílias, a da Carolina e a da Daniela, que apresentaram redes sociais menos centradas na vizinhança local e constituídas mais nos ambientes profissionais, ou seja, fora do bairro de residência.

Os pais buscam oportunizar aos filhos chances de mobilidade social por meio da escolarização e depositam confiança na educação pública. Apesar da baixa escolaridade das mães pesquisadas, elas manifestam um forte desejo de que os filhos ingressem em um curso superior ofertado na cidade ou em outra instituição pública.

Outras possibilidades de análise sobre a escolha do estabelecimento de ensino se apresentaram ao longo desse trabalho e merecem ser aprofundadas futuramente, como é o caso da polarização da demanda por vagas entre as quatro escolas, duas mais demandadas, EE Melo Viana e EE Benedito Valadares e as duas menos demandadas, EE Professor Augusto Amarante e EE do Bairro Santo Onofre, onde se vê indícios de processos de segregação escolar nessas duas últimas, bem como a migração de alunos das famílias de camadas

populares um pouco mais favorecidas da rede pública de ensino para a rede privada da cidade de Carangola (MG).

REFERÊNCIAS

ALVES, F.; FISCH, G.; REGIS, A. Escolhas por estabelecimentos escolares: efeitos das características das famílias e do contexto de moradia. In: Reunião Anual da ANPED, 33, 2010, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalhos-gt14>>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

ALVES, F.; LANGE, W.; BONAMINO, A. A geografia objetiva de oportunidades educacionais na cidade do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. Q. et. al. (Org.). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 67-90, 2010.

ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F.; Nível socioeconômico das escolas de educação básica. GAME: Grupo de Avaliações e Medidas Educacionais, UFMG, Belo Horizonte. 2012. 57 p. (Relatório de Pesquisa)

BELL, C. A. *All choices created equal? How good parents select “failing” schools*. Working Paper, National Center for the Study of Privatization in Education. New York: TeachersCollege, Columbia University, 2005. Disponível em: www.ncspe.org/publications_files/OP106.pdf Acesso em: nov. 2015.

BOURDIEU, P. Efeitos do Lugar. In: Bourdieu, P. (coord.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 159-166.

_____. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de Educação*. 5ª edição. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1998, p. 73-78.

_____. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados*, v. 27. n.79, p. 133-144, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68707/71287>>. Acesso em fev. de 2018.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.1, p. 227-241, jan./abr. 2010

BRASIL. *Caderno da Prova Brasil*. 2013. INEP. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/2013/caderno2013_v2016.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.

_____. IDEB. *Resultados e Metas*. Disponível em:<<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=1722453>> Acesso em: 20 de Abr. 2017.

_____. Censo Escolar da Educação Básica. *Notas Estatísticas*. Brasília, DF, p. 1-28, 2016.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

_____. *Resolução SEE Nº 2.623, de 03 de junho de 2014*. Estabelece normas para a realização, em 2014, do Cadastro Escolar para o ensino fundamental e da matrícula nas redes

públicas de ensino em Minas Gerais. Diário Oficial [do Estado de Minas Gerais] , Belo Horizonte, MG, 03 jun. 2013, p. 18.

_____. *Resolução SEE nº 3.420, de 09 DE maio de 2017*. Estabelece normas para a realização, em 2017, do Cadastro Escolar para o Ensino Fundamental e da matrícula nas redes públicas de ensino em Minas Gerais. Diário do Executivo [do Estado de Minas Gerais]. Belo Horizonte, MG, 10 mai. 2017, p. 54.

_____. *Resolução SEE nº 3.660, de 1º de dezembro de 2017*. Estabelece normas para a organização do Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais [de Minas Gerais] e a designação para o exercício de função pública na Rede Estadual de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação a partir de 2018 e dá outras providências. Disponível em <<http://designacao-see-mg.com.br/wp-content/uploads/2018/01/RESOLUCAO-SEE-N-3-660-DE-1-DE-DEZEMBRO-DE-2017.pdf>>. Acesso em 02 de jun de 2018.

_____. *Resolução SEE 2.947 de* : Estabelece normas para a realização, em 2016, do Cadastro Escolar para o Ensino Fundamental e da matrícula nas redes públicas de ensino em Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em:<<https://www.educacao.mg.gov.br/images/documentos/2974-16-r.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

_____. *Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012*. CNS. Ministério da Saúde. Disponível em<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em 13 de maio de 2017.

BRUEL, A. L.; BARTHOLO, T. L. Desigualdade de oportunidades educacionais na rede pública do Rio de Janeiro: transição entre segmentos do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 17, n. 50, p. 303-328, maio/ago. 2012.

CARANGOLA. *Lei Municipal nº 3.840 de 17 de abril de 2008*. Dá nova delimitação à zona urbana da cidade de Carangola, introduzindo nova redação ao artigo 1º das leis municipais nºs. 334, 566, 1.205 e 1.751.

CIDADE-BRASIL. *Mapa de Carangola*. Disponível em:<<http://www.cidade-brasil.com.br/mapa-carangola.html>> Acesso em: 08 mai. 2017.

COLEMAN, J.S. Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, 1988. p.95-120.

COSTA, M. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 13, n. 39, p. 455-469, nov./dez. 2008.

COSTA, M. et. al. Oportunidades e escolhas. Famílias e escolas em um sistema escolar desigual. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família & Escola: Novas Perspectivas de análise*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 165-195.

COSTA, M.: KOSLINSKI, M. C. Quase-mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n.142, p. 246-266, jan./abr, 2011.

_____. Escolha, estratégia e competição por escolas públicas. *Pro-Posições*. Campinas, v. 23, n. 2, p.195-213, 2012.

DIOGO, A. M. Do envolvimento dos pais no sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências. *Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: PUC – Rio, Edição Especial, p. 166-188, 2012.

FLORES, C. Segregação residencial e resultados educacionais na cidade de Santiago do Chile. IN: RIBEIRO, L. C. Q.; KAZTMAN, R. *A cidade contra a escola: Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital, FAPERJ, Montividéu, Uruguai, 2008. p. 145-179.

GOMES, A. S. C. *Templo do saber: a consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola-Minas Gerais*. 2002. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HASENBALG, C. A distribuição dos recursos familiares. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. (Orgs.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 55-83, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa da população de Carangola*. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/carangola/panorama>>. Acesso em: 31 de jul. de 2017.

_____. *Pesquisas: Ensino, matrículas, docentes e rede escolar*. 2015. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/carangola/pesquisa/13/5902>>. Acesso em: 31 de jul. 2017.

INEP. *Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) das Escolas 2011-2013*. Nota Técnica. Disponível em http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf

_____. *Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) das Escolas 2015*. Nota Técnica. Disponível em http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2015/nota_tecnica/nota_tecnica_inep_inse_2015.pdf

_____. *Resultados Finais da Prova Brasil*. Disponível em: <<http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/>>. Acesso em: 10 de Abr. 017.

LACERDA, M. P. de. A Pesquisa em Cidades Pequenas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 1, p. 78-98, 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/lacerda.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

_____. *A professora e o cotidiano da cidade pequena*. Niterói: Ed UFF, 2014.

LACERDA, W. M. G. *Escolher o estabelecimento de ensino*. Estratégias de famílias e Ecologia do quase mercado escolar de Viçosa (MG). 2012. Relatório de pós-doutorado (Pós-doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Mimeo.

_____. Hierarquias entre estabelecimentos de ensino médio de Viçosa (MG) e a repartição de estudantes nos cursos de graduação da Universidade Federal de Viçosa. In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R. (Orgs.). *Observatório da vida estudantil*. Universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador/BA: EDUFBA, 2013, p. 39-57.

LACERDA, W. M. G.; OLIVEIRA, L. Dinâmicas locais e escolha do estabelecimento de ensino em Viçosa (MG), uma cidade média. In: SOUSA, D. T. de; BATELLA, W. B. (Orgs.). *Cidades, Territórios e Direitos*. Viçosa (MG): Ed. UFV, 2017, p. 128-154.

LOMBARDI, J. C. Periodização na história da educação brasileira: aspecto polêmico e sempre revisório. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.32, p.200-209, dez., 2008.

MAIORES bairros de Carangola. *Portal População.net*. Disponível em: <http://populacao.net.br/os-maiores-bairros-carangola_mg.html>. Acesso em:29 de jul. de 2017.

MARCHELLI, P. S. Expansão e qualidade da educação básica no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.140, p. 561-585, mai./ago. 2010.

MARQUES, E. C. L. As redes sociais importam para o acesso a bens e serviços obtidos fora de mercados? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n.71, outubro, 2009.

MATOS, D. A. S., et. al. Impactos das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental. *Proposições*, v. 28, n. 1 (82). Jan./abr. 2017, p. 33-54.

MATTOS, L. P. *O poder público municipal como agente modelador do espaço urbano: o caso do bairro Novos Tempos no município de Carangola (MG)*. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NERI, M. C. (Coord.). *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2010.

NOGUEIRA, M. A.; LACERDA, W. G. Os rankings de estabelecimentos de ensino médio e as lógicas de ação das escolas: O caso do Colégio de aplicação da UFV. In: KRAWCZYK, N. (Org.). *Sociologia do Ensino Médio: Crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, p. 127-161, 2014.

NOGUEIRA; M. O.; Nogueira, M. A. Quando os professores escolarizam os filhos na rede pública de ensino: da inevitabilidade à colonização. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 33, p. 1-26, 2017.

NOGUEIRA, M. A. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, p. 81-91, 2000.

_____. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 7, p. 42-56, 1998.

_____. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise social*, n. 176, v. XL, p. 563-578, 2005.

_____. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 213-231, jan./jun., 2010.

PORTES, A. Capital Social: Origens e aplicações na Sociologia Contemporânea. *Sociologia Problemas e Práticas*, n. 33, p. 133-158, 2000.

POUPEAU, F. Escolhas escolares das famílias. In: VAN ZANTEN, A. (Coord.). *Dicionário de Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, p. 398-402, 2011.

QEDU. *Matrículas e Infraestrutura*. Disponível em <http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar?year=2017&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>. Acesso em 12 de maio de 2018.

RESENDE, T. F.; NOGUEIRA, C. M.; NOGUEIRA, M. A. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, 2011.

SANT'ANNA, M. J. G.; SALATA, R. *Espaço Urbano e Desigualdade Social: efeito vizinhança e oportunidades educacionais*. [2009?] data provável. Disponível em: www.sbsociologia.com.br>. Acesso em: 14 de out. 2017.

SEMED. Secretaria Municipal de Educação de Carangola. *Cadastro Escolar*. Carangola, 2017.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. *Revista de História Regional*, v. 5, n. 2, p. 9-37, 2000. Disponível em <www.uepg.br/rhr/v5n2/joseli.htm>. Acesso em: 20 de out. de 2017.

SILVA, N. V. Expansão escolar e estratificação educacional no Brasil. In: HASENBALG, C. e SILVA, N. V. (Orgs.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 105-146, 2003.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Histórico da instituição UEMG do Campus de Carangola em Minas Gerais*. Disponível em: <<http://www.uemg.br/unidade.php?id=7>> Acesso em: Abr. 2017.

VAN ZANTEN, A. A escolha dos outros: Julgamentos, estratégias e segregações escolares. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez., p. 409-434, 2010.

_____. L'ècole de lá pèripherie (A escola da periferia revisitada). In. KRAWCZYK, Nora (Orgs.). *Sociologia do Ensino Médio: Crítica do economicismo na política educacional*. São Paulo. Cortez, p. 163-183, 2014.

ZUCARELLI, C.; CID, G. Oportunidades educacionais e escolhas familiares no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F. .; LASMAR, C. (Orgs.). *Desigualdades urbanas, Desigualdades escolares*. Rio de Janeiro. Letra Capital: Observatório das Metrôpoles. IPPUR/UERJ, p. 249-276, 2010.